

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
CIDADANIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: UMA CRÍTICA SOCIAL EM OS
***BRUTOS* DE JOSÉ BEZERRA GOMES**

POLYANA DANIELLE DA SILVA MEDEIROS

JOÃO PESSOA – PB
2015

POLYANA DANIELLE DA SILVA MEDEIROS

**LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: UMA CRÍTICA SOCIAL EM OS
BRUTOS DE JOSÉ BEZERRA GOMES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas.

Área de concentração: Territórios, Direitos Humanos e Diversidades Socioculturais.

Orientador: Estevão Martins Palitot

JOÃO PESSOA – PB

2015

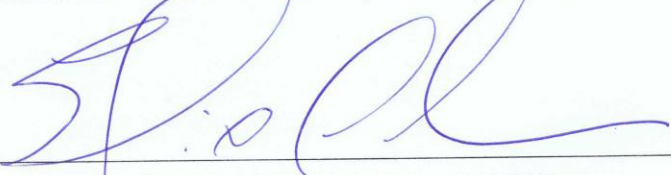
PÁGINA DE APROVAÇÃO

A dissertação LITERATURA E DIREITOS HUMANOS: UMA CRÍTICA SOCIAL EM OS *BRUTOS* DE JOSÉ BEZERRA GOMES foi aprovada e aceita como requisito para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas.

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Estevão Martins Palitot (orientador) – UFPB



Professor Dr. Élio Flores (examinador interno) - UFPB

Professora Dr^a. Paula Rejane Fernandes (examinadora externa) - UFRN

João Pessoa, 27 de julho de 2015.

A minha mãe, pela força inspiradora que me guia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo Lopes e Maria Do Carmo, por todo amor, cuidado e sabedoria com que me criaram, me incentivando a trilhar um caminho maior, em especial a minha mãe por me ensinar que a educação é uma arma de luta. Aos meus irmãos, pelos cuidados e o laço afetivo que nos une.

A Marisa (in memoriam), pela sensibilidade com que me acompanhou e apoiou moral e materialmente dada às limitações que tive para iniciar esse mestrado. Sendo amiga, segurou a minha mão para que eu pudesse iniciar essa caminhada mais forte, ainda que não esteja mais entre nós, a ela minha gratidão.

Ao meu orientador, pelo espírito harmonioso capaz de ouvir o diferente e lidar com a diferença sem ser indiferente, mas fazendo a diferença como professor e como sujeito político. Pela confiança que depositou em mim apostando nesse trabalho e me tranquilizando nos momentos de crise.

Aos amigos que fiz ao longo dessa pós-graduação e que compartilharam comigo ensinamentos, lamentações e brincadeiras, combustível essencial para reabastecer as energias perdidas na elaboração desse trabalho. Foram muitos, não citarei os nomes para não correr o risco de ser injusta ao esquecer algum.

Mas devo gratidão especial a Daviana Granjeiro, por compartilhar comigo os momentos mais intensos de uma caminhada entre amigas, por sonhar comigo, por me incentivar, por mostrar que mesmo nos momentos mais sombrios existe generosidade na alma humana, por me ensinar que quando não enxergamos saída, sempre há o “estalo da Ritinha”, e principalmente por se fazer família e estar presente, na ausência da minha. Certamente, o laço que nos une me fortalece.

À banca examinadora, pela dedicação com que se empenharam a acompanhar-me nesse trabalho. Élio Flores, desde o início sempre muito pertinente e gentil em suas considerações. Paula Rejane, inspiradora desde a graduação.

O CÂNTICO DA TERRA

Nunca percorri as cinco partes do mundo

(“Oropa, França e Bahia”)

Mas vi os retirantes da minha terra

Nas longas caminhadas das grandes secas

Como se fossem os sobreviventes de todos os cataclismas

Nunca vi o espetáculo

das belas cataratas do mundo

Mas vi os rios da minha terra

Correndo nas grandes cheias

Com a violência das correntezas

Que nunca foram navegadas

Nunca ouvi as grandes orquestras sinfônicas

Regidas pelos grandes maestros internacionais

Mas escutei o toque do cego

Das feiras nordestinas

Como se uma lágrima estivesse rolando

Na face de todos os cegos do mundo

José Bezerra Gomes

RESUMO

Partimos do princípio que a literatura é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, que tem uma função mobilizadora e, portanto, agrega consequências políticas. Neste trabalho, pretendemos problematizar a relação entre a história, a literatura e os direitos humanos a partir da obra *Os Brutos* (1938) de José Bezerra Gomes (1911-1982). O trabalho mencionado visa identificar os aspectos presentes na narrativa que retratam a sociedade e a cultura local, com foco na crítica social elaborada pelo autor. José Bezerra Gomes faz parte de uma geração de escritores e de um segmento literário (literatura de 1930), que tinha como elemento estético, o compromisso com a veracidade dos fatos, e o empenho em expor e denunciar as marginalizações decorrentes das desigualdades sociais. Dessa forma, tornando seus escritores protagonistas numa luta pelos direitos humanos.

Palavras chave: Literatura, direitos humanos, José Bezerra Gomes, *Os Brutos*

ABSTRACT

Beginning with the principle that literature is a symbolic system of inter-human communication, that has a mobilize function and thus aggregate political consequences. In this work, we pretend problematize the relation of history, literature and human rights from the book *Os Brutos* (1938) of José Bezerra Gomes (1911-1982). The mentioned work aims to identify the aspects of the narrative that portray the society and the local culture, with focused in the social criticism elaborated by the author. José Bezerra Gomes is part of a generation of writers and literary segment (literature of 1930), that had as a esthetic element, commitment to the truth of the facts and the commitment to expose and denounce the marginalization form social inequalities. Accordingly making him a protagonist of the fight for human rights.

Keywords: Literature, humanrights, José Bezerra Gomes, *Os Brutos*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 – HISTÓRIA, LITERATURA E DIREITOS HUMANOS.....	18
1.1- Direitos humanos, direitos do outro: a literatura desperta, a empatia revolucionária.....	22
1.2- Política e engajamento social na literatura	29
1.3- História e literatura: Narrativas que formam sujeitos	35
CAPITULO 2 – JOSÉ BEZERRA GOMES: PARA ALÉM DO HOMEM O SERTÃO.....	44
2.1- José Bezerra Gomes: Contexto histórico literário.....	45
2.2- O intelectual, a cultura do Seridó e sua vida política.....	56
CAPITULO 3 – OS <i>BRUTOS</i> : ENTRE O REAL E O FICCIONAL UMA CRÍTICA SOCIAL DO SERIDÓ.....	73
3.1-Representações da modernidade.....	75
3.2-A falência dos coronéis.....	79
3.3-Lugares sociais entre o público e o privado.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
ANEXOS	
ANEXO A- Mapa	103
ANEXO B- Capas do romance	104

INTRODUÇÃO

Na atualidade palavras como direitos humanos, democracia e cidadania fazem parte do nosso cotidiano, porém, elas remetem a um contexto histórico cuja acepção refere-se aos acontecimentos do século XVIII, quando a concepção de direitos humanos assume sua função moderna, e traz consigo novas perspectivas de renovação política e social, apontando para uma legitimidade na busca pela liberdade, igualdade e justiça.

Toda mudança de regime se converte em mais uma tentativa de reconstrução política e social e de elaboração de um imaginário capaz de preencher tanto uma função explicativa para compreensão do momento presente, quanto uma função mobilizadora, quando o objetivo é alterar a ordem estabelecida. No campo do universo simbólico,¹ enfatizamos, a arte assume formas específicas e tem um papel de integração social, contudo, atende em muitos aspectos os interesses da classe dominante.

Ao fazer um estudo histórico sobre a emergência dos direitos humanos, a historiadora Linn Hunt,² por meio de uma abordagem psicocultural, traz um debate sobre a contribuição dos romances epistolares do século XVIII para a formação desses direitos. A autora afirma que cada cultura modela a expressão de empatia ao seu modo, mas no século XVIII, com as leituras dos romances epistolares, as pessoas passaram a ver os outros que não conheciam pessoalmente como seus semelhantes, fazendo com que a igualdade passasse a ter um significado profundo e uma consequência política.

Pressupondo a arte como um sistema simbólico de comunicação inter-humana, que tem uma função mobilizadora e, portanto, agrega consequências políticas. Neste trabalho, pretendemos problematizar a relação entre a história, a literatura e os direitos humanos a partir da obra *Os Brutos* (1938) de José

¹BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.13.

²HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.33-40.

Bezerra Gomes(1911-1982). Identificando os aspectos presentes na narrativa que retratam a sociedade e a cultura local, com o objetivo de trazer à tona as representações de desigualdade e exclusão sociais constituídas no corpo das práticas exercidas pela cultura patriarcal, captadas pelo autor e dramatizadas no romance.

A obra analisada está inserida no gênero literário conhecido como ficção regionalista de 1930. Os romances desse segmento literário tinham como característica a aproximação da ficção com a realidade e o compromisso com a veracidade dos fatos, considerado por Antonio Candido como o ponta pé para o despertar da consciência social.³

Albuquerque Junior afirma que a literatura regionalista tem como essência a vinculação dos intelectuais brasileiros a interesses locais que em grande medida torna a segmentação regionalista um dos aspectos determinantes da produção cultural do país após a proclamação da república.

O tema do sertão serve para os intelectuais regionalistas lançarem uma crítica a toda a cultura de importação, à subserviência litorânea, aos padrões culturais externos. A busca do interior, do sertão; a “marcha para o Oeste” coloca-se como uma fixação desses intelectuais, e é adotada no pós-30, pelo estado, com um nítido caráter geopolítico de integração dos grandes espaços interioranos à nação.⁴

José Bezerra Gomes ao escrever *Os brutos*, obedece a essa lógica de integração do sertão a nacionalidade. Nosso autor presenciou a emergência da modernidade e todas as consequências desse processo. Ainda que de forma fragmentada e subjetiva, narrou transformações sociais e políticas do seu tempo, desvelou a reprodução de uma estrutura de dominação patriarcal e paternalista reproduzindo em sua trama práticas sociais que demonstraram

³Antonio Candido traz essa ideia em três obras que iremos trabalhar no texto, as referências serão devidamente citadas ao longo da discussão.

⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. p.67

aspectos das relações vigentes no período. Dessa forma, torna-se uma das possibilidades para se pensar a região.

Os Brutos é um romance dividido em vinte e cinco capítulos, é sucinto, tem apenas 65 páginas. Mas o bastante para expor dramas sociais e existenciais da provinciana cidade de Currais Novos. A história de *Os brutos* é narrada sob reminiscências por um menino que tem como referência os valores masculinos do mundo adulto. Tais valores estão ligados à questão do sexo, naturalmente realizado com prostitutas, e da honra resolvida com violência. O enredo que se passa na cidade de Currais Novos- Rio Grande do Norte traz como cenário o campo dos algodoeiros do Seridó,⁵ que a época era o ouro branco do Sertão, num momento de transição econômica do meio rural para o urbano.

Narrado sob reminiscência, o autor não deixa claro o tempo da narrativa, mas alguns sinais nos leva a inferir que se passa por volta da década de 1920 ou um pouco antes. Ele nos fala da ascensão do algodão. Desde o final do império esse mercado vinha crescendo, e em 1918 o algodão seridoense já estava marcado no mercado nacional, superando a pecuária que foi por muito tempo o apoio da economia seridoense.⁶ Sinais de modernidade chegando a Currais Novos, como o primeiro carro que pertence ao personagem seu Tota. Não está no enredo, mas alguns elementos da

⁵O Território Seridó - RN abrange uma área de 10.954,50 Km² e é composto por 25 municípios: Acari, Bodó, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Matos, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas. A população total do território é de 295.748 habitantes, dos quais 70.676 vivem na área rural, o que corresponde a 23,90% do total. Possui 11.266 agricultores familiares, 1.007 famílias assentadas e 3 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,69. Segundo Macêdo, teve sua formação em torno das fazendas de gado, e após o fim do império para a primeira república conseguiu se destacar na economia algodoeira, produto também conhecido como ouro branco, tornou-se elemento simbólico da identidade sertaneja. Destacou-se também com o minério, que teve no tungstênio sua maior representação. **Fonte:** Sistema de Informações Territoriais Disponível em: (<http://sit.mda.gov.br>). Acessado em 01/07/2015.

⁶MACÊDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó:** Uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

modernidade só serão inaugurados em Currais Novos no ano de 1920, como o cinema e a energia elétrica.⁷

A narrativa de *Os brutos* divide-se em dois momentos: Na primeira parte que vai até o capítulo 15, o ambiente citadino, onde Sigsmundo na figura de um observador narrador, conta histórias provincianas, os hábitos, os costumes e valores do corpo social que lhe rodeia. No segundo momento, as aventuras de um menino em meio à vida e os problemas do campo, dos trabalhadores rurais em contraste com a dos coronéis. Alguns pontos que sinalizam a ascensão econômica da região, como a alta do algodão, e respingos da modernidade surgindo, até a seca e a crise algodoeira, sinalizando a decadência econômica dos senhores de terra.

O autor utiliza dois recursos característicos do modernismo: a narrativa sob reminiscência e o (neo-realismo de 30), que se caracteriza com a aproximação da ficção com o real.⁸ Nos apresentando dois mundos paralelos (a cidade e o campo) com personagens tipo Seu tota, um rico comerciante que se beneficiava com a ruína dos agricultores prejudicados com a falta de chuva, o mesmo emprestava dinheiro a juros e tomava a terra dos seus devedores atrasados. “Só para seu Tota foi bom. Um ano de seca lhe rendia mais do que um ano de safra, de fartura.”⁹

O chofer Jesus, que seria o primeiro a conduzir um veículo pelas ruas de Currais Novos, e por isso sentia-se o próprio “Jesus”, em prestígio. Ou mesmo o Dr. Arnor, que além de conduzir um veículo, trazia consigo o título de bacharel, dessa forma se sobressaindo em relação a Jesus. Tio Abdias e tia Maria (que apresentava desprezo e negligência por seu sobrinho), ficaram responsáveis por Sigsmundo ao ir estudar na cidade. Tio Lívio que se apresenta numa relação de dominação com a prostituta Rica e a mata num ato de ciúmes. O barão e sua esposa que vivia num casamento de aparências. Cipriano, que herdara terras do pai, mas se tornaria, junto a sua família, um

⁷SOUZA, Joabel .R. de. **Centenário José Bezerra Gomes**, Currais Novos-RN, 2011, p.17-21.

⁸SILVA, Vilma Nunes da. **Os Brutos**: tradição literária e memória cultural do Seridó. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005, p. 69.

⁹*Os Brutos*, p. 56.

migrante ao ter que vendê-las. Dona Branca e Dona pureza que via na educação dos filhos, seu lugar de reparação. Cícero cacheado, trabalhador do eito, que chamava Sigmundo de doutor. Todos esses personagens e outros que compõem a trama representam exatamente aquilo que o autor se propõe a mostrar. As relações de desigualdades, a hipocrisia, os privilégios, a expropriação, a violência e a exclusão. Não existe um desfecho na história de nenhum dos personagens, pois, num esboço social de projeção de valores, estes que estão em constante mudança, não tem um fim determinado. Ao perceber isso, o cenário social trazido por Gomes em seu romance, torna-se uma fonte adequada para se pensar à sociedade.

O discurso literário de José Bezerra Gomes,¹⁰ situado numa investigação crítica e social, sob a perspectiva de denúncia, que abarca o diálogo entre a história e a literatura, foi a base para pensar esse trabalho como uma possibilidade para os direitos humanos. Consideramos que um olhar que contemple essa nova possibilidade teórica deve levar em conta a narrativa literária pela qual as tramas que se tecem revelam o necessário para se pensar a sociedade no que se refere à constatação das lacunas que dificultam a consolidação de uma consciência cidadã entre nós. Este saber produzido por meio da linguagem romanesca, não deve ser negado e considerado desconexo das práticas simbólicas e políticas de poder que constitui e faz parte da construção de identidades e formação dos sujeitos. Assim, buscamos assinalar um meio alternativo de construir um conhecimento a cerca dos direitos humanos, que afirme outras perspectivas para se pensar tais direitos.

O principal desafio desse trabalho encontra-se na exigência da interdisciplinaridade que hora transita entre história e literatura,¹¹ cujo diálogo é

¹⁰Essa pesquisa é continuidade de um trabalho iniciado na graduação de história Campus de Guarabira- PB foi através da disciplina de história regional que conheci a obra de José Bezerra Gomes. Nascida em Currais Novos, mas residindo na Paraíba, tive no objeto de análise (Os Brutos), uma ponte para que eu refizesse os laços com minhas origens, essa foi uma primeira motivação. Percebendo que ali havia uma possibilidade de enxergar o homem do Seridó, senti-me instigada a investigar o autor e suas contribuições para a região, sobretudo por que apesar da sua contribuição para a história da região, pouco havia de pesquisa a seu respeito.

¹¹A obra será analisada tomando como referencial teórico a História Cultural, que nos permite estabelecer um diálogo metodológico entre História e Literatura. Partindo da premissa de que a narrativa literária constitui identidades e representa papéis sociais, passa-se a analisar a partir dessa linguagem, comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos que se caracterizam através da palavra. O conceito de representações pelo qual o historiador cultural

elaborado a partir do conceito de representações, dos estudos literários com a história da sociedade,¹² da história do intelectual que não se dissocia da história política,¹³ e análise da escrita do autor, atenta aos aspectos autobiográficos. Não obstante, a análise do texto literário não se desloca do seu autor, operando também a impossibilidade de distanciar o discurso do seu tempo histórico e lugar social de produção.¹⁴ Somado a esses obrigatórios encontros teóricos, pela própria escolha do objeto de pesquisa, encontramos uma produção acadêmica ainda muito pequena a respeito de José Bezerra Gomes e da sua obra.¹⁵

Para a investigação do intelectual, além da produção escrita, veicula-se o trânsito de certos tipos de fontes de pesquisa que nos permitiram encontrar vestígios sobre o que lia, traços da sua vida pessoal, sobre sua rede de amizades, suas relações profissionais, sua biblioteca pessoal. Fontes estas localizadas na fundação José Bezerra Gomes, onde encontramos a biblioteca pessoal do autor, cartas, artigos de jornais, fotos e outros escritos sobre ele. A

fundamentalmente se debruça é tido como categoria central da história cultural. É com ele e a partir dele que se estabelece um nexo entre o real e a ficção, entre a verossimilhança e a credibilidade. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

¹²CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**, 9ª edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.

¹³SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. RÉMONDE, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 259-261.

¹⁴ Michel de Certeau afirma que todo discurso emerge de uma prática social e de um lugar de produção. Portanto, faz-se relevante contextualizarmos o autor e a obra analisada, estando atentos ao lugar que o autor ocupa e a função que exerce na sociedade. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, 1ª edição, Editora Forense Universitária, 1982.

¹⁵ Aqui destacamos seis trabalhos acadêmicos sobre José Bezerra Gomes. Sendo um caracterizado como monografia, e três são dissertação de mestrado. Localizamos também dois artigos publicados em anais de eventos. O trabalho mais recente sobre José Bezerra Gomes é o livro publicado em homenagem ao centenário do nascimento do autor, segue bibliografia: SILVA, Vilma Nunes da. *Os Brutos: tradição literária e memória cultural do Seridó. Dissertação (mestrado), Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005.*; FIGUEIRÉDO, Franselma Fernandes de. *Nas Veredas da Tradição Seridoense: uma introdução à leitura da obra de José Bezerra Gomes. Natal, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte*; MARCOS, Eidson Miguel da Silva. *De Cabo Verde ao Rio Grande do Norte: Identidade étnica e social em famintos de Luiz Romano e Os Brutos de José Bezerra Gomes. Campina Grande-PB, 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e interculturalidade) – UEPB*; OLIVEIRA, Ana Nery Silva de. *José Bezerra Gomes: Uma escrita de si. Caicó, 2008. (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte*; SOUZA, Joabel .R. de. *Centenário José Bezerra Gomes, Currais Novos-RN, 2011.*

aproximação dos direitos humanos com o autor e a obra em análise resultou numa reflexão sistematizada em três capítulos.¹⁶

No primeiro, intitulado **História, literatura e direitos humanos**, pretende-se traçar um debate teórico sobre a importância da literatura para os direitos humanos. A opinião de Antonio Candido e Linn Hunt serão extremamente caras a reflexão inicial deste capítulo, que versará sobre a teoria dos impactos psicoculturais e sociais apreendidos pelo leitor no contexto que antecede a revolução francesa, atribuindo o caráter de comunhão por meio da leitura de romances epistolares, contribuindo para a mudança de pensamento e o surgimento dos direitos humanos, e focará na proposta do sociólogo sobre o caráter humanizador da literatura, e a literatura social como expoente máximo da aproximação do romance ao pobre e desvalido, sendo os romancistas da geração de 1930, a passar por uma radicalidade histórica que permite a abertura para o romance social.

Ainda neste capítulo, trazemos a reflexão sobre a construção da identidade seridoense emergindo de um discurso regionalista que fazia parte de um projeto político orientado, e originado nos meandros da nacionalidade brasileira. Consideramos a linguagem literária um instrumento simbólico de poder que não se dissocia do seu autor. Dessa forma, estabeleceremos a relação entre a literatura e política e seus intelectuais, refletindo também sobre a ação mobilizadora dos romances e o que ele pode dizer da sociedade. Assim como os romancistas regionais, alguns escritores avançam na compreensão da sociedade brasileira, a exemplo de Machado de Assis¹⁷, Lima Barreto, Graciliano Ramos¹⁸, auxiliando no descortinamento de temas refinados pelos grandes da sociologia.

¹⁶Toda documentação utilizada foi localizada na Fundação José Bezerra Gomes.

¹⁷A discussão de Chalhoub, nos fez refletir sobre as políticas de dominação e paternalismo presentes no século XX, como uma herança do Brasil colonialista e escravista. Os romances de Machado de Assis trazem uma representação da lógica do paternalismo no fim do século XIX. CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

¹⁸ Segundo Fabiano Mendes, ao passo que a sociologia avança nas teorias sobre a sociedade brasileira, os romancistas desvelam as realidades sociais, com uma sensibilidade e interpretação do Brasil, que só longe dos espaços científicos teriam liberdade de expressar e descortinar verdades. MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. **Um país sem graça: Graciliano Ramos e a interpretação de um Brasil moderno (1915-1953)**. São Paulo, 2014. (Tese de

O segundo capítulo, chamado, **José Bezerra Gomes, para além do homem, o Sertão**, construímos um texto biográfico que pudesse aliar sua vida revelada na arte e ao seu contexto histórico, discutindo o sujeito como parte do seu projeto estético literário. Um indivíduo que fez parte de um contexto de radicalização histórica e que cresceu e se letrou nos meandros do republicanismo, tendo essa marca na sua escrita.

Para além dos elementos biográficos, que se revelou entre a história e a literatura, a análise desse capítulo, particularizou a rede de sociabilidade do autor, bem como, da crítica atribuída a seu romance de estreia. Foi de extrema importância dar um destaque as correspondências passivas do autor, a fim de compreender as ideias que compunham o campo intelectual que ele fazia parte, e seu pensamento ideológico.

No capítulo seguinte, intitulado, **Os Brutos: Entre o real e o ficcional uma crítica social do Seridó** fazemos uma análise da obra, destacando o elemento social e o nível de denúncia que a obra invoca. A partir das representações da sociedade que passava por um processo de transformação política e social no contexto de modernização pode-se analisar as práticas sociais estruturadas na cidade e no campo denunciando as relações de desigualdades e exclusão social.

1- HISTÓRIA, LITERATURA E DIREITOS HUMANOS

Quem em meu barco embarcar
Em meu barco sossobrará
Osfãos de mães vivas
Virgens desposadas
Esposas divorciadas
Princesas destronadas
Loucos
repatriados
As ondas do mar
Unos singraremos
Sob a procela
Sobre o naufrágio
Unos aportaremos

(José Bezerra Gomes – Arca – Antologia poética)

Toda narrativa literária põe em jogo o sentido do mundo. O sujeito que escreve estabelece uma relação dialética entre sua visão de mundo e o seu meio, construindo uma representação que reflete um significado a partir dos seus dilemas dado ao meio em que viveu e as relações que construiu. “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.¹⁹ Seja por meio da intenção de realidade posta na informação, ou da subjetividade e a paixão inerente à elaboração intelectual, de uma maneira ou de outra, toda narrativa, sendo ela científica ou artística, denuncia o engajamento do seu autor enquanto membro de uma comunidade, de uma ordem social e cultural que permite a identificação do autor com a mentalidade histórica de uma época, de um grupo social, bem como de sua posição ideológica.

A linguagem enquanto sistema simbólico de comunicação inter-humana é um campo fértil de produção e reprodução do conhecimento. Todavia, um discurso não ocorre de forma mecânica, por traz de uma narrativa há a ligação de seus autores com um grupo, instituição ou “visão de mundo” dominante, que estimulam o surgimento de obras comprometidas com interesses políticos,

¹⁹PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3ª edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 40.

sociais e ideológicos. Tais aspectos são inerentes, mas não comprometem um discurso literário que transformado em estrutura estética, traz a luz uma crítica social que colabora para despertar questões fundamentais no que diz respeito ao exercício dos direitos humanos. Desse ponto de vista, se faz necessário pensar sobre o lugar do intelectual na sociedade, levando em conta o poder ideológico atribuído a estes, que inseridos num campo cultural e político atuam sobre as mentes, pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, e de visão de mundo.

No caso específico de José Bezerra Gomes, estão presentes em suas obras, traços da sua memória, experiência e crítica social. Sendo este, um pesquisador do folclore regional do Seridó, etnografou e valorizou a cultura popular e o homem do povo, sensível aos problemas sociais da época, transformou em matéria de ficção componentes da formação histórica que expressa correlações da exclusão e injustiça social. Também reconhecido como um exímio poeta traz em sua poesia problemas do mundo social aliado ao seu universo ideológico, seu mundo interior.

No poema em epígrafe observa-se que o autor se coloca no mesmo barco dos loucos, repatriados, mulheres divorciadas, princesas destronadas, refletindo seu mundo social caracterizado pelo estigma da inadequação e exclusão, uma vez que o autor, tido como “louco” e comunista, vivenciou também a exclusão. Há em sua produção artística essa presença do náufrago, ou seja, da inquietação dos sujeitos que não se adequam a nova realidade trazida com o processo de modernização, e dos estigmas sentidos pela realidade social do sujeito tido como “anormal”.

Segundo Elizabeth Araújo²⁰, Gomes cumpre com propriedade a tarefa do poeta, do escritor por meio da linguagem literária,

Nem jogo de espírito, nem propaganda: a tarefa do escritor é maior. Deve, simultaneamente, expressar sua época sem benevolência e, se possível, supera-la, quer dizer, ajuda-la a realizar-se. Pode, se tal é o objetivo, por em julgamento o mundo e o homem; porém, para convencer-nos, é necessário que una à objetividade da informação a subjetividade de uma paixão.

²⁰SOUZA, Joabel .R. de. **Centenário José Bezerra Gomes**, Currais Novos-RN, 2011, p.40.

A ideia de uma literatura engajada em expressar realidades e superar sua época, indica que o escritor tem uma participação política decisiva no que tange a realização de mudanças sociais necessárias para superação de um dado sistema de valores, e que tem como natureza uma posição política e humanitária é o que poderíamos chamar de uma literatura que alimenta o combate para os direitos humanos. Contudo, a complexidade do tema deixa obrigatório o entendimento de que mesmo a literatura engajada, pode não estar contribuindo apenas para um bem coletivo, uma vez que, há na literatura níveis de conhecimento intencional, “e é neles que o autor injeta suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão e etc”.²¹ Nesse sentido, o perigo estar em acreditar que encontra-se apenas na literatura empenhada, essa em que o autor deseja assumir expressamente faces dos problemas sociais, a verdadeira função para os direitos humanos.

A história mostra que a literatura que assumiu posições éticas, políticas e humanitárias estiveram no centro de uma proposta pedagógica de um dado segmento político que se pretendia universal, empenhada em produzir um tipo específico de ser humano. “Para o regime soviético, a literatura autêntica era a que descrevia as lutas do povo, cantava a construção do socialismo ou celebrava a classe operária”.²² Do mesmo modo, a igreja afirmava que a boa literatura era a que mostrava a verdade de sua doutrina, que ensinava a virtude. Ou seja, mesmo os autores que tem convicções “humanitárias”, devem ser considerados como parte da sua realidade política e social.

Por vezes as posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas expressas na literatura atendem a uma visão de mundo dominante que se propõe universal. É pertinente e essencial falarmos sobre a ordem temática da literatura que parte de uma análise de um universo social, a fim de expressar os problemas da sociedade dando-nos a oportunidade de tomar posição em face deles. A obra objeto dessa pesquisa assume faces de engajamento, e daremos ênfase à literatura social como expoente máximo de

²¹CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 180

²² Idem, p.181.

uma proposta de luta por meio da crítica e denúncia. Contudo, compreende-se que a literatura se aplica aos direitos humanos num sentido mais amplo. Levar-se-á em consideração o caráter humanizador dessa expressão cultural que pode auxiliar numa organização justa da sociedade a partir do processo de empatia e autonomia do sujeito. Definida pelo sociólogo Antonio Candido, refere-se,

A todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.²³

A historiadora Linn Hunt nos mostra a importância de reconhecer o caráter amplo da literatura ao tratar os romances epistolares que disseminou-se como gênero literário a partir de meados do século XVIII na Europa, sendo este um dos elementos fundamentais para o florescimento dos direitos humanos. Tais romances apresentavam como elementos discursivos, personagens comuns e temas cotidianos dos quais os leitores criavam fácil identificação, não apresentavam intenção de propagar ideologia, crença, ou difundir temas sociais. Contudo, os efeitos psicológicos dos romances desse contexto, desnudavam um “eu interior” e incitava um posicionamento moral em relação à autonomia pessoal do sujeito, necessária para o início de uma revolução.²⁴ Como bem disse Antonio Candido²⁵, a literatura atua a partir de uma proposta de sentido pressupondo a superação do caos originário, auxiliando na coerência mental, a palavra que nos toca obedece a uma certa ordem, que nos ordenando, nos humaniza.

Para a historiadora, os direitos humanos só puderam florescer quando as pessoas aprenderam a pensar no outro como seu igual, como seu semelhante. Aprender essa igualdade foi possível a partir da leitura de romances, que, em parte foi responsável pela identificação do leitor com personagens comuns, despertando uma preocupação cultural com a

²³Ibidem, 2004, p. 174

²⁴ HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: Uma história. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

²⁵CANDIDO, Antonio, op.cit, 2004, p. 178

autonomia. Esses romances apresentavam a ideia de que todas as pessoas eram fundamentalmente semelhantes por causa dos seus sentimentos íntimos, e muitos deles, mostravam em particular um desejo de autonomia. Ainda que fictícios esses personagens tinham as mesmas emoções, amavam, sofriam, sentiam esperança, medo... A leitura simultânea desses romances epistolares precedeu uma tomada de consciência que culminou nas revolucionárias declarações que afirmavam a igualdade de direitos entre os homens.

1.1- Direitos humanos, direitos do outro: a literatura desperta, a empatia revolucionária

Segundo Maria Victoria Benevides²⁶, o entendimento sobre os direitos dependia de certas condições, como o lugar onde se nasceu, a cor da pele e as relações de poder vigentes. Relações observadas nas várias formas de discurso, sendo eles institucionais ou não. O fato é que se convive hoje com tipos diversos de violência, desde a violência urbana, a violência que é praticada pela discriminação contra as minorias, como negros, índios, mulheres, homossexuais, crianças, idosos, e etc; e a violência social que decorre dos altos índices da desigualdade social e da pobreza.

Esses tipos de violência consistem na violação dos direitos humanos, que, como afirma Maria Victoria,²⁷ tem raízes históricas. Os direitos humanos, segundo ela, deve ter sua matriz no direito à vida, sem distinção de origem, nacionalidade, sexo, etnia, nível socioeconômico, ou de instrução, classe social, orientação sexual ou de julgamento moral. Ele se refere à dignidade intrínseca de todo ser humano, é o direito de “ser reconhecido como pessoa perante a lei” conforme indica a Declaração Internacional dos Direitos Humanos, de 1948, em seu artigo VI.

Como pessoa humana, o sujeito é moralmente determinado pelas estruturas socioculturais que enquadram seu tempo, e sua subjetividade passa também a se definir pelos padrões de comportamento, ele absorve as instâncias normativas no interior do seu grupo social. Então ser sujeito se

²⁶BENEVIDES, Maria Vitória. Direitos Humanos: Desafios para o século XXI. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. et alii. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico-metodológicos**, João Pessoa: Editora UFPB, 2007, p.335.

²⁷Idem, 336.

insere na dimensão sócio-cultural e está intrinsecamente ligada às esferas da construção da identidade e relações de poder.

Falar de direitos humanos não é fazer um passeio idílico, ou cor de rosa. O tema não é simples, não é romântico e está cheio de contradições, e como um projeto político que se propõe universal, nascido no estado moderno e de origem ocidental²⁸ está também permeado de relações de poder. Podemos dizer que os direitos humanos não são produtos da natureza, mas sim de uma construção histórica e social. É fruto de um processo de transformação cultural que por ser histórico, é também contínuo. Até chegarmos a um consenso mundial de que os direitos humanos devem ser os princípios fundamentais de uma sociedade livre, fraterna e justa, passamos por um longo processo de transformação e de luta. A cada impacto de novas experiências culturais, os direitos humanos toma uma nova face, agrega novas lutas, e estende o seu sentido²⁹.

Mas a proposta encontrou bases numa declaração de autoevidência que afirma que todos os homens são iguais e dotados de certos direitos inalienáveis, como a vida, a liberdade e a busca pela felicidade³⁰. Os direitos humanos entram em cena na modernidade como direitos do sujeito, identificados como direitos do eu. Constituído nas malhas do individualismo liberal, os direitos humanos demoraram um certo espaço de tempo para que fosse quebrando as fronteiras definidas de suas bases. Para que essas fronteiras fossem estendidas, foi preciso uma longa luta, além do

²⁸ Segundo Giuseppe Tosi, do ponto de vista histórico, os direitos humanos só assume significado próprio a partir do século XVI e XVII. Ainda que antes houvesse uma ordem jurídica complexa dos estados, só na modernidade sentiu-se a exigência de “proclamar” direitos de igualdade. Ver em: TOSI, Giuseppe. O que são esses “tais de direitos humanos? In: **Direitos humanos na educação superior**: Subsídios para educação em direitos humanos na filosofia. UFPB, João Pessoa, 2010.

²⁹ Para uma melhor compreensão sobre os fundamentos históricos dos direitos humanos, as dimensões e gerações de direitos, bem como dos dilemas e contradições que estão presentes principalmente na questão da universalidade e o relativismo cultural. Ver em: BENEVIDES, Maria Vitória. **Cidadania e direitos humanos**. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. Texto disponível em: www.iea.usp.br/artigos Acessado em: 01/07/2015.

³⁰ Essa afirmação está na declaração de independência dos Estados Unidos de 1776. Para investigar a história dos direitos humanos a autora Lynn Hunt utiliza como eixo de análise: A declaração da independência (1776), a declaração dos direitos do homem e do cidadão (1789) e a declaração universal dos direitos humanos promulgada pelas nações unidas (1948). Onde questiona a probabilidade de os direitos de igualdade serem declarados autoevidentes num contexto e lugares sociais tão improváveis, por um senhor de escravo (Tomas Jefferson) e um aristocrata (Lafayette). Nas declarações de 1776 e 1789 respectivamente.

reconhecimento para com o outro, que em última análise era visto como um complemento útil para o desenvolvimento da natureza individual.³¹

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós, é também indispensável para o próximo³²”, assim como uma vida digna, a liberdade e as ferramentas para buscar pela felicidade. Mas ainda hoje é difícil para a sociedade reconhecer que todas as pessoas sejam portadoras do conjunto de direitos que são fundamentais para o ser humano, e que todos devam gozar de igualdade de direitos. Nos dias atuais até se reconhece que se tenham alguns direitos elementares como a alimentação, moradia, saúde e a educação, mas nega-se vários outros direitos, como o direito a cultura, a liberdade de crença, de orientação sexual, de inclusão social, de exercer a plena cidadania, e de ter acesso a bens materiais e culturais que por muito tempo pertenceu apenas a uma camada privilegiada da sociedade.

Do ponto de vista do processo histórico, muitas conquistas foram realizadas, especialmente na positivação de direitos que antes eram apenas declarados, contudo, em parte, os direitos humanos continua uma promessa vazia, longe de ser reconhecido em sua plenitude, pois requer, o desejo de reciprocidade, independente das contradições existentes, a disposição para agir pela igualdade. Embora, a base da reflexão para a garantia da dignidade humana seja reconhecer que o semelhante é igual ao outro, e, portanto, tem necessidades e direitos iguais, é cada vez mais difícil praticar essa empatia. De toda forma, cada época e cada cultura modela aquilo que compreende como essencial para garantir a dignidade humana, mas fica evidente uma afirmação: para os direitos humanos funcionar, é preciso que se pratique a reciprocidade, o envolvimento com a dor do outro, a empatia.

Os direitos humanos são difíceis de determinar por que sua definição, e na verdade, sua própria existência, depende tanto

³¹ CASTOR, M. M. Bartolomé Ruiz. Os direitos humanos como direitos do outro. In: **Direitos Humanos na Educação Superior**: Subsídios para a Educação em Direitos Humanos. Editora UFPB, João Pessoa, 2010.

³² CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 172.

das emoções quanto da razão. A reivindicação de auto evidência se baseia em última análise num apelo emocional: ela é convincente se ressoa dentro de cada indivíduo.³³

A falta de empatia, ou seja, de colocar-se no lugar do outro, de se envolver com a dor do outro, talvez seja o principal problema para a efetivação dos direitos humanos na atualidade. “Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização”.³⁴ Para Antonio Candido, em comparação a outros momentos históricos, vivemos no mais alto nível de racionalidade técnica, e a partir da instrução, do saber e da técnica, seria possível fazer uma distribuição equitativa de bens materiais, nos dando perspectivas de superação de grande parte dos dramas da sociedade. Caminhando para um mundo mais viável em igualdade e justiça. Contudo temos uma falta de disposição para com o outro, para resolver as desarmonias sociais. Essa falta de disposição, que não ocorre com todos, mas com grande parte dos indivíduos modernos, pode ser explicada pela aparente inexistência da empatia. O que não significa que não se pense no outro, ou não se entenda o outro, mas que muitas vezes esse entendimento parte sempre do referencial da própria pessoa. Ou seja, de acreditar que seus valores, sua cultura, e o lugar que ocupa são mais importantes do que os do outro.

A literatura estando no campo da linguagem, além de um instrumento simbólico de poder, é uma forma de ser com o outro, um meio expressivo por meio do qual compartilhamos o mundo. Através dela podemos ver a empatia ser estendida, uma vez que o envolvimento com a narrativa permite o toque sensível a outras histórias, nos dando a capacidade de se imaginar como membros de uma mesma comunidade. Nesse sentido, Hunt argumenta que os romances tiveram um papel fundamental na predisposição social para empatia que fomentou e desenvolveu os direitos humanos. Segundo ela, os novos tipos de experiência, desde ver imagens em exposições públicas, como a prática da tortura, até ler romances epistolares sobre amor e casamento ajudaram a

³³HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: Uma história. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 24

³⁴CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 170

difundir os sentimentos de autonomia e empatia necessários para a construção do sujeito moderno, o sujeito de direitos humanos.

A autora faz um paralelo com a teoria de Benedict Anderson e afirma: “o que poderia ser denominado ‘empatia imaginada’ antes serve como fundamento dos direitos humanos que do nacionalismo”.³⁵ Ao falar sobre as origens da consciência nacional, o cientista político argumenta que a imprensa foi determinante para criação de ideias inteiramente novas sobre a simultaneidade e a nação se tornou tão popular dentro deste tipo de comunidade principalmente graças ao capitalismo³⁶. A ideia que ele apresenta é de que os jornais e os romances, amplamente difundidos nesse contexto graças ao avanço do capital impresso, possibilitaram aos indivíduos se imaginarem como membros de uma mesma comunidade, membros de solidariedade, formando o que se chamaria de “comunidade imaginada”. A literatura é um dos instrumentos que Benedict Anderson utiliza para explicar a força do sentimento nacionalista. Linn Hunt, por sua vez, ao analisar os três romances epistolares de maior repercussão no período que antecede a declaração dos direitos do homem, afirma que a empatia promovida por esse tipo de leitura levaram a uma nova ordem política e social, sobretudo pelo efeito de autonomia que despertava no sujeito.

De maneira mais ampla, podemos dizer que existem três elementos fundamentais que se cruzam e passam pela questão da literatura e os direitos humanos: A empatia, a autonomia e a moral. Para a historiadora norte-americana, a empatia “requer um salto de fé”, de imaginar que alguma outra pessoa é como você, dessa forma, os romances a geravam induzindo sensações, reforçando a noção de uma comunidade baseada em indivíduos autônomos e empáticos, que podiam se relacionar, para além das famílias imediatas, associações religiosas ou até nações, com valores universais maiores³⁷. Da mesma forma, os relatos de tortura, produziam essa empatia imaginada por meio de novas visões de dor. Portanto, se antes dessas

³⁵HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: Uma história. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 30.

³⁶ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 71.

³⁷Idem, 2009, p.31

experiências culturais que permitiram a solidariedade por meio da leitura simultânea de romances, o alcance da empatia se limitava apenas ao semelhante próximo, agora se estendiam para além das fronteiras de classe, sexo e nação.

Sobretudo, por que os três romances analisados centravam-se em heroínas escritas por homens. As personagens apresentavam através de sentimentos íntimos, especialmente a individualidade que lhe era inerente, e o desejo por sua autonomia. Pamela(1940) e Clarissa(1747-8), de Samuel Richardson, e Júlia(1761) de Rousseau. Embora houvesse limitações no número de leitores no século XVIII, a capacidade de leitura havia aumentado ao ponto de até criados lerem romances nas grandes cidades. Em contraste aos personagens aristocráticos dos romances de outrora, os romances epistolares agora davam lugar a criados, marinheiros e moças de classe média, apresentando uma eliminação potencial da distancia social. Esses romances eclodiram de tal maneira que levantaram debates acalorados sobre a moral e a ordem. Dois deles, juntos com várias obras do iluminismo entraram para o index papal dos livros proibidos.³⁸

No campo da moral, o sujeito precisa adequar suas vontades às instancias normativas vigentes do seu meio ou grupo social. “Os padrões compartilhados de comportamento demonstram que o sujeito moral jamais pode ser governado pelo simples querer”.³⁹ Nesse sentido, os romances ao despertar a individualidade e autonomia dos sujeitos tinham efeitos sobre os corpos e sobre as mentes que representava um perigo para a ordem estabelecida. Contudo, na medida em que deliberava uma instancia capaz de vontade livre e de responsabilidade sobre si, produzia o sujeito de direitos humanos. Pois, para o sujeito ser reconhecido como um sujeito de direitos era preciso que o mesmo fosse visto como um indivíduo autônomo.

No século XVIII (e de fato até o presente) não se imaginavam todas as pessoas como igualmente capazes de autonomia

³⁸Ibidem, p. 46

³⁹ PEQUENO, Marconi. Sujeito, autonomia e Moral. In: GODOY, Rosa Maria Silveira, et al. **Educação em Direitos Humanos**: Fundamentos teóricos-metodológicos. João Pessoa, UFPB, p.189.

moral. As crianças, os criados, os sem propriedade e talvez até os escravos poderiam um dia tornar-se autônomos, crescendo, abandonando o serviço, adquirindo uma propriedade ou comprando sua liberdade. Apenas as mulheres não pareciam ter nenhuma dessas opções: seriam definidas como inerentemente dependentes dos seus pais ou maridos⁴⁰.

A princípio, a figura do sujeito de direitos estava ligada à autonomia do sujeito, a capacidade de cada cidadão se autogovernar. Nessa esfera, a ideia de que os direitos humanos são naturais, universais e iguais encontra já em suas bases, as categorias de excluídos. Alguns proponentes consideram que certos seres humanos são passíveis de orientação moral, mas não de autonomia moral, nem tão pouco de desenvolver sua própria moral. Contudo, alguns intelectuais aderiram uma nova visão de moralização empática, acreditavam que compartilhar, sentir uma paixão, alimentar o eu interior por meio dos romances, ajudavam a produzir uma sociedade mais moral. Nesse sentido, a leitura agiria como uma espécie de experiência religiosa substituta, em contraste a moral secular. Os filósofos do iluminismo já declaravam que a moralidade deveria vir da razão humana e não da sagrada escritura. Foi no canteiro dessas novas experiências culturais, que insistiam pela liberdade, autonomia dos sujeitos, que eclodiram as ideias de igualdade, liberdade e fraternidade.

Entre 1791 a 1794 os judeus conseguiram direitos iguais, os homens sem propriedades se emanciparam, e até os escravos foram abolidos na França. Ao falar do caráter contínuo dos direitos humanos, Lynn Hunt afirma que “os direitos não podem ser definidos de uma só vez, por que sua base emocional continua a se deslocar, em parte como reações as declarações de direitos”.⁴¹ Para ser um sujeito de direitos primeiramente você deveria ser um indivíduo autônomo, capaz de se autogovernar. A empatia atuava em favor de muitos grupos não emancipados, a exemplo, dos abolicionistas que encorajavam os escravos a escreverem suas autobiografias romanceadas a fim de ganhar novos adeptos. De toda forma, se reconhecia a ampliação de

⁴⁰HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: Uma história. São Paulo: Companhia das letras, p. 26.

⁴¹Idem, p.28.

direitos para uns e outros não. Os abolicionistas e outros grupos de revolucionários que atuavam em favor dos direitos dos judeus, protestantes, negros livres e até escravos, se negavam a conceder direitos de igualdade às mulheres.

Os direitos humanos foram constituídos nas malhas da exclusão, essa exclusão de sujeitos, de grupos minoritários persiste até os dias atuais. Mas importa para essa discussão reconhecer que está na base histórica dos direitos humanos, um amplo processo de empatia e autonomia acontecendo a partir das experiências culturais das leituras de romances. Nesse interim, pode-se dizer que a literatura tem um papel político importante no que tange a formação dos sujeitos e de uma nova ordem política e social.

1.2- Política e engajamento social na literatura

Compreendemos o romance como uma ordem refletida da imagem social, antes, uma manifestação social e histórica que uma vontade individual. Se os escritores refletem seu meio sócioideológico, fica impossível separar o autor do ator social e político, ficando clara a presença da política na literatura. Entretanto, mesmo uma literatura engajada, é objeto das relações de poder em que foi discursivamente figurada. Segundo Antonio Candido, “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática”.⁴² Portanto, tem uma força mobilizadora, na medida em que expressa em suas manifestações, os sentimentos, as normas, as crenças... A fim de fortalecer esses valores no subconsciente e no inconsciente. Por esse motivo, são tão importantes quanto outras formas de inculcamento intencional, pois foram e são utilizadas pelas sociedades como instrumento pedagógico, tanto para constituir identidades, formar uma consciência política, incentivar o espírito crítico, e ou mesmo como material afetivo.

Vimos que tanto Benedict Anderson, como a historiadora Lynn Hunt, nos informa que a literatura e os romances trouxeram impactos culturais significantes para construção de uma determinada ordem política, tornando-se

⁴²CANDIDO, Antonio. Op.cit, p .175 et. seq.

um instrumento que serve para o uso de projetos políticos universais. Dentro de uma proposta de sentidos inferimos que tanto o nacionalismo, como os direitos humanos são projetos políticos que se propõem universais e esbarram num ponto em comum que cabe a reflexão: o relativismo cultural.

O cientista político ParthaChatterjee⁴³, analisa um conflito situado no cerne da política moderna, a ideia de nacionalismo baseado nas liberdades individuais e direitos iguais independentes de distinções classificatórias (religião, raça, língua ou cultura), em oposição as demandas particulares da identidade cultural, que reclama tratamento diferenciado, baseando-se em vulnerabilidade, atraso ou injustiça histórica. Essas demandas particulares são também demandas reivindicadas pelos direitos humanos, posto que para estabelecer a igualdade seja preciso que se reconheça a diferença. Nas malhas desses projetos, de origem ocidental que se propõem universais, temos a literatura como instrumento. Pois, assim como existem literatura para falar e ensinar o nacionalismo, também existe para ensinar os direitos humanos.

Em sua análise, Chatterjee reafirma as possibilidades materiais de sociabilidades, sendo formadas pela experiência simultânea de leitura de jornais, ou romances, possibilitando aos indivíduos se imaginarem como membros de solidariedade. Contudo, se para Benedict Anderson esse tempo simultâneo tem uma ideia de homogeneidade, linearidade e universalidade, para Chatterjee, o tempo é heterogêneo e denso, pois, a política não significa a mesma coisa para todos em todas as partes do mundo.

Ao falar sobre as narrativas do nacionalismo indiano, o autor nos apresenta a literatura como uma das modalidades que servem como instrumento de educação nacionalista. Ele utiliza o exemplo do romance *DhoraiCharit-Manas* (1948-1951, em cuja narrativa, o autor coloca o personagem em situações que podem ser vistas como uma etnografia da governança colonial, e do movimento nacionalista no Norte da Índia. O

⁴³CHATTERJEE, Partha. **Nação em tempo heterogêneo**. In: *Colonialismo, modernidade e política*. Bahia: Fabrica de ideias, 2004, p.70-139.

nacionalismo da Índia é construído pela lógica do mito. Na análise do autor, a narrativa mostra o processo de nacionalização em suas particularidades.

Para ele, falar da nação na temporalidade é considerar a confluência de dois tempos. Quando o tempo homogêneo vazio⁴⁴ se confronta com a heterogeneidade, no impacto da resistência, cria novas heterogeneidades. Isso quer dizer que os signos da modernidade como a construção da nação ocorre de diferentes formas nos diferentes lugares. Inclusive criando movimentos intelectuais de negação, que se opondo a proposta de homogeneidade nacional apresentada, cria seu próprio modelo para nação. A dizer, o movimento regionalista-tradicionalista do Nordeste.

A defesa da cultura tradicionalista do Nordeste, que surge no contexto de formação da identidade nacional, para além das relações de poder que se utilizam para fazer frente à política, pode ser entendida como um movimento de resistência, de afirmação da sua própria identidade, que se contrapondo ao modelo importado da Europa, nos atenta para o caráter heterogêneo das diferentes regiões. Ainda que um discurso possa criar estereótipos localistas, fica claro o caráter distinto de cada lugar.

Para Antonio Candido,⁴⁵ a consciência de um subdesenvolvimento, ou seja, o atraso econômico, e dos problemas inerentes a ele, desperta no autor “estímulos positivos ou negativos da criação”. Essa mesma literatura que volta o olhar para sua própria região, evocando elementos simbólicos da sua identidade, revelando suas realidades históricas, assume também o dever, de criticar e denunciar seus problemas políticos e sociais.

O regionalismo é uma forma literária oriunda do subdesenvolvimento econômico, que tem sua fase de pré-consciência por volta dos anos 1930 e

⁴⁴Essa questão do tempo homogêneo vazio abordado pelo autor diz respeito à intenção de homogeneização dos sujeitos, gerando elementos que constroem significados condicionados por alguma matriz política. Para ele, “O tempo homogêneo vazio é o tempo utópico do capital. Ele conecta linearmente passado, presente e futuro, criando a possibilidade de todas aquelas imagens historicistas de identidade, nacionalidade, progresso, e assim por diante, que Anderson, entre muitos outros, tornou familiares a nós. Mas o tempo homogêneo vazio não está localizado em nenhum lugar do espaço real, ele é utópico...O tempo aqui é heterogêneo, irregular e denso”(CHATTERJEE, 2004, p.70).

⁴⁵CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989, p.140-162.

1940. Ficou conhecido como “romance social”, que ligados aos aspectos regionais, tinham um discurso pautado no centro mais realista das condições de vida, dos problemas humanos, de grupos desprotegidos. Marcado por traços distintivos, tanto do ponto de vista sócioeconômico, quanto da perspectiva simbólica, cultural e imaginária de sua configuração de forma que, alguns estudiosos afirmam que atualmente o mesmo sustenta-se na incorporação estética de regiões em que a Globalização não se realizou de modo homogêneo.

Por isso vários teóricos caracterizam o regionalismo como uma tendência que se nutre dessa tensão dialética. Enquanto houver subdesenvolvimento, afirma Antônio Cândido, haverá novas manifestações regionalistas que manifestam a seu modo, contradições, ressentimentos, desigualdades e lutas políticas, embora a questão do subdesenvolvimento não seja suficiente para explicar o regionalismo e que outras características não exclusivamente econômicas o determinam interna e externamente.

Feita essa reflexão, falaremos sobre a literatura empenhada, de cunho explicitamente social, que orientada pela investigação crítica da sociedade, está diretamente ligada a uma tarefa ligada aos direitos humanos. Segundo Antonio Candido, o romance humanitário e social, emerge no começo do século XIX com o impacto da industrialização que promoveu a concentração urbana como nunca vista antes, criando novas e terríveis formas de miséria, onde as massas de camponeses destinados ao trabalho industrial tornou-se um exército faminto de reserva. A miséria se instalou no palco da civilização como um espetáculo inevitável. A partir desse momento o pobre entra de vez como tema importante na literatura, surgindo livros sobre a condição da classe trabalhadora e muitos romances sobre a situação do pobre.⁴⁶

Na Europa um dos grandes exemplos é o romance *Os miseráveis* de Victor Hugo. Nele o autor incutia a ideia de que a pobreza, a violência e a opressão geram o crime pelo qual o homem é condicionado socialmente. Na França, Émile Zola foi outro expoente, que nas palavras de Candido, construiu

⁴⁶CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p.182.

uma “verdadeira epopeia” sobre o povo oprimido e explorado. Aspecto curioso sobre esse autor, é que ele não tinha intenção de atuar politicamente, mas a força política de sua arte, o levava a ser um dos maiores militantes na “história da inteligência empenhada”.⁴⁷

No Brasil, dentro da natureza política e humanitária da literatura, podemos citar a paixão abolicionista de Castro Alves, que atuou através dos seus textos contra a escravidão, assumindo claramente posição de luta. No início da república temos o exemplo de Lima Barreto que introduz o chamado romance social brasileiro ao abordar em suas obras grandes injustiças sociais, intrinsicamente ligadas a sua origem humilde, a cor da pele e a vida penosa de jornalista pobre, o que parece explicar a ideologia de suas obras conforme pontua Bosi.⁴⁸ Esses escritores que militavam por meio das suas obras a respeito dos problemas sociais, tinham a certeza de que “literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento de urgência de tais problemas”⁴⁹.

No ápice do romance social, mas precisamente no período de 1930, faremos referência a Graciliano Ramos, que exercitou através da linguagem, visão e posturas humanistas. No decorrer da narrativa de vidas secas(1938) Fabiano e sua família são constantemente comparados a animais, para dar mais precisão a essa condição desumanizada, o autor utiliza a cadela Baleia num comparativo existencial do próprio Fabiano⁵⁰. A denúncia da condição humana como marca do sertanejo nordestino, chega a um nível corrosivo em Graciliano cujo engajamento político partia, sobretudo das suas obras, onde o mesmo fazia crítica feroz as estruturas sociais do Brasil.

Muitos escritores atuaram através da sua arte a fim de despertar no outro, um sentimento de desconforto em relação às injustiças sociais. O

⁴⁷ Ibidem, p.184.

⁴⁸ BOSI, Alfredo. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 355-360.

⁴⁹ CANDIDO, Antonio, op.cit. 2004, p.182

⁵⁰ MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. **Um país sem graça: Graciliano Ramos e a interpretação de um Brasil moderno (1915-1953)**. São Paulo, 2014. (Tese de doutorado) Universidade de São Paulo- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História Social, p. 68-75.

romance social e humanitário surge no século XIX com o romantismo na Europa, e no Brasil ganha força no decênio de 1930 com a onda neo-realista da ficção. Conforme Antonio Candido,

o romance de tonalidade social ter passado da denúncia retórica, ou de mera descrição, a uma espécie de crítica corrosiva, que podia ser explícita, como em Jorge Amado, ou implícita como em Graciliano Ramos, mas que em todos eles foi muito eficiente naquele período, contribuindo para incentivar os sentimentos radicais que se generalizaram no país. Foi uma verdadeira onda de desmascaramento social, que não aparece só apenas nos que ainda lemos hoje, como os dois citados e mais José Lins do Rego, Raquel de Queiroz ou Érico Veríssimo, mas em outros autores menos lembrados [...] que contribuíram para formar o batalhão de escritores empenhados em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a marginalização, o que os torna, como os outros, figurantes de uma luta virtual pelos direitos humanos.

Paralelo aos romances de maior envergadura como os citados por Candido, consideramos *Os brutos* um romance social e humanitário, pois nos apresenta a condição humana em seu meio social, na medida em que a narrativa expõe os preconceitos e os valores da sociedade, denunciando a estrutura social e fazendo crítica aos padrões de comportamento da provinciana cidade de Currais Novos. Esta que no discurso de José Bezerra Gomes, se torna projeção de toda a região do Seridó Potiguar. Os valores preconizados por uma sociedade, fincada numa herança colonialista, aqui revertidos numa estrutura estética, usando as palavras de Candido, torna o nosso figurante, um ator na luta pelos direitos humanos.

Em volta com os dramas sociais e existências da pacata cidade seridoense, mostrando a paisagem física e humana do Seridó, o autor inicia o que se convencionou chamar de “romance do algodão”, em referência a estrutura econômica que vigorava na região. Dessa forma, ao adentrar na estrutura econômica, para além dos preconceitos e exclusões sociais estruturados na pequena cidade, denuncia também as condições de desigualdades existentes no mundo do trabalho na vida rural, a marginalização desses sujeitos, sob a égide da exploração econômica. José Bezerra Gomes, apreende seu espaço social de forma crítica. Aliado a um projeto estético que amparado num “saudosismo aristocrático defende a cultura e a tradição”, mas

também tem um compromisso com a realidade social, expondo sua sutil denúncia sobre a sociedade da época.

1.3- História e literatura: Narrativas que formam sujeitos

Podemos entender a literatura como representação da realidade política, social e econômica de uma determinada sociedade. Pensar no artifício literário como um meio de disseminação de símbolos que constituem identidades para grupos através de um discurso do senso comum, é legítimo e justificável. Pois, as representações são também portadoras do simbólico, e carregam consigo sentidos ocultos que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo⁵¹. Sendo assim, ressalta-se a importância dos grupos que através do seu poder político e social são autorizados a definir, nomear, as representações sociais. Sandra J. Pesavento adota a compreensão de que,

As representações apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo, tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Indica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam comportamentos e papéis sociais.⁵²

Existem relações de poder que vão privilegiar uma fala em detrimento de outra, definindo o limite de quem vai sair vencedor, pois a história é feita de vencedores e vencidos. Para o bem ou para o mal, o intelectual está no centro dessas relações de força, e assume o papel de pensar e dizer sobre a sociedade. Contudo, atentamos para o fato de que esse poder não ocorre de forma homogeneia e universal, nem tão pouco isoladamente ou de cima para baixo, mas em rede, em meio às relações sociais, ou seja, tem que haver uma aceitação da sociedade. O processo de normatização dos papéis sociais

⁵¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3ª edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 35-41.

⁵²Idem, p. 41

envolve a questão dos discursos produzidos no seio da sociedade, e esse discurso assume legitimidade por meio da força da representação. A representação reside num campo de forças, sendo capaz de produzir reconhecimento e legitimidade social. Sua função não é produzir a verdade, mas a credibilidade necessária para se fazer-se próxima dela.

No que diz respeito às intersecções narrativas sobre o passado, Chartier adverte: a história já não pode dizer que detêm o monopólio das representações, uma vez que a ficção, sobretudo, nos apontamentos da memória, tornou-se forte concorrente da história, no que tange o dizer/descrever o real⁵³. Aquilo que aproxima e também diferencia a história da literatura são as relações de força da narrativa, seu papel institucional. A história tem seu lugar autorizado circunscrito no método da exigência científica, na utilização das fontes e investigação sobre documentos. A literatura por sua vez, apesar de poder dar asas ao imaginário, segue critérios metodológicos e utilização de fontes, além de por sua maior liberdade, ter a força de explicar o momento sem as amarras científicas impostas. De uma maneira ou de outra, ambas buscam produzir narrativas que dão sentido a realidade.

As narrativas estiveram no centro do impulso de um projeto identitário para o país. Na época da consolidação da nação, os esforços do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) estavam voltados para o encontro da origem histórica do Brasil. Nesse momento, o índio tornou-se fonte da nobreza nacional, período em que o romantismo tornou-se oficial na cultura brasileira⁵⁴. O encontro do índio com o europeu tornou-se o complexo ideológico para conceber a nação. De Gonçalves Dias e José de Alencar à Varnhagen, a narrativa indianista assumiu o papel de produzir a origem do brasileiro. Para a geração de 1930 não era mais interessante o olhar lançado à origem, e sim a formação. Nesse sentido, os novos romancistas preocuparam-se em produzir uma literatura que afirmasse a sua identidade de uma forma menos mítica em relação a essa do encontro do luso e o nativo. Segundo Antonio Candido, havia uma ânsia coletiva de afirmar componentes europeus na nossa formação, mas

⁵³ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009, p. 17-31.

⁵⁴ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980, p.110.

na lenta maturação da nossa personalidade nacional fomos tomando consciência da nossa diversidade e nos opusemos aos nossos pais portugueses, num esforço de autoafirmação⁵⁵.

O historiador Fabiano Mendes, observa que não fora uma tendência exclusiva da produção ficcional, modelar em narrativas as origens, a formação e a identidade da nação. O movimento literário é incorporado ao pensamento nacional, acompanhando as tendências políticas e sociais do contexto, dessa forma, enquanto as ciências sociais construíam seus discursos sobre o Brasil, os romancistas auxiliavam revelando dimensões até mais sensíveis do que poderia ser mostrado dentro do cientificismo. Nesse interim, ele afirma:

Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto avançam na compreensão da sociedade brasileira, permitindo refinar as sutilezas e grandezas sugeridas por Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Celso Furtado⁵⁶.

Ao lado da ficção desenvolve-se na historiografia e sociologia, interpretações do Brasil com as mesmas tendências do modernismo. As figuras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, cada um a sua maneira trouxeram componentes da formação histórica buscadas na cultura que agregavam uma extensão sociológica mais ampla.

Não podemos afirmar se o pioneirismo em visualizar a história por outro prisma veio da historiografia ou da literatura, acreditamos que ambas caminham juntas. Mas sabemos que novas configurações históricas exigiram outras configurações artísticas. O modernismo traz consigo uma espécie de “desrecalque localista”, deixando de lado o patriotismo de Olavo Bilac e Rui Barbosa, para exaltar com veemência o exótico descoberto no próprio país. Antonio Candido nos diz que é no decênio de 1930 que a prosa romântica já liberta e amadurecida vive um dos seus momentos mais ricos. As prosas continham inspiração popular, e visava em seus dramas os aspectos

⁵⁵CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p.117.

⁵⁶MENDES, Francisco Fabiano de Freitas, op.cit, p. 14. Et. Seq.

característicos do país. “Decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José L. do Rego); êxodo rural, cangaço (Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, G. Ramos); vida difícil da cidade em rápida transformação (Érico Veríssimo)⁵⁷”. O enredo característico era sempre sobre o meio social, a paisagem e os problemas políticos.

Acrescido a esse cenário de ameaça as tradições com a derrocada da aristocracia rural, da ruptura com o antigo modelo social acontecendo com a modernidade, da emergência de uma nova forma de ver e viver o mundo, surgiu a necessidade de memoriar-se, que fez da literatura de 30 produtora de uma “literatura da infância”, num exercício da memória que é o mecanismo de elaboração sobre a experiência. As narrativas sob reminiscência ganharam peso na literatura regionalista – tradicionalista no Nordeste. Citaremos um exemplo de José Lins do Rego que é citado por Albuquerque Junior, e traçaremos um paralelo com a obra de José Bezerra Gomes pela similitude apresentada ao momento histórico, mas contextualizadas em espaços diferentes dentro do mesmo Nordeste. Esses dois intelectuais comungavam de uma “comunidade de sentidos” caracterizada pelo lugar social e contexto estético literário. Pode-se dizer que *Os Brutos* (1938) é contemporâneo de *Menino de Engenho* (1932), e ambos trazem em suas obras um mundo ficcional com dramas sociais e existenciais buscados na memória.

A memória considerada como fonte de criação artística, ou mais precisamente no caso de José Lins do Rego e José Bezerra Gomes, como recriação literária da vida através do romance, é instrumentalizada pelo autor para retratar o espaço regional através das experiências vividas e filtradas pela ótica de um nordestino a evocar sua terra, caracterizando uma nítida fusão entre memória e ficção na busca por uma identidade regional. Segundo Durval Muniz:

Compreender a “alma de sua terra”, descobrir sua identidade também era a preocupação de José Lins do Rego. Para ele, organizar a memória pessoal era organizar a memória regional. A descoberta da “psicologia regional” era a descoberta da própria região, que passava também pela descoberta de si, de

⁵⁷CANDIDO, Antonio., op. cit, 2006, p. 120.

sua identidade como pessoa e como intelectual. O Nordeste é essa imagem interiorizada na sua infância no engenho Santa Rosa, território dos Carlos de Melo e dos Ricardos. Um espaço melancólico e cheio de sombras; um espaço de saudades.⁵⁸

É justamente por pertencer a esse mundo que os autores tratados puderam falar dos dramas da terra, de sua gente com uma fraternal identidade e comunhão com suas aspirações, dores, sentimentos, esperanças e ilusões, nos levando ao reconhecimento desse mundo, dos senhores de terra, pretos, bacharéis, moleques e outras tantas galerias de figuras humanas ligadas às casas-grandes e senzalas. Não se pode negar, que a experiência vivida pelo “menino de engenho” ou Sigsmundo é trabalhada à medida que o autor produz sua obra.

No entanto, ao lado da memória, podemos localizar na década de 1920, particularmente em Pernambuco, um efervescente movimento de ideias que contribuiu para a focalização da ótica com que os escritores vêem o mundo ao seu redor. Recife como capital regional do Nordeste presencia, neste período, uma retomada da visão regionalista comandada em grande parte pela atuação de Gilberto Freyre. O contato com Freyre que, de volta dos Estados Unidos, encabeçava um movimento de valorização das forças regionais, sob a égide de um “regionalismo tradicionalista”, aguçou o sentido do regional em José Lins, Bezerra Gomes e tantos outros autores, cuja vida e obra passaram a ser influenciadas pelo sociólogo.

A linha de tradicionalismo, presente no pensamento de Freyre e no Manifesto Regionalista de 1926, calhava com a apreensão de intelectuais em relação a um mundo que viram fugir de suas mãos. Por pertencer à classe dominante, cuja agonia retrata, se esforçava por compreender a realidade brasileira do ponto de vista de uma elite decadente, de uma aristocracia rural que vinha perdendo poder. Esse momento de crise era mais que propício a uma revisão do passado, a um retorno as raízes na defesa dos valores tradicionais, o que faz os seus romances se revestirem de verdadeiros lamentos pelo tempo e pela ordem perdidos. Como afirma Durval Muniz:

⁵⁸ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p.82.

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que contribui para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história.⁵⁹

A região canavieira do Nordeste, foi durante séculos, a maior fonte de riqueza do país. Com base nela ergueu-se toda uma quase feudal aristocracia, onde o senhor de engenho era mais do que o possuidor de terras, assim como o rico plantador de algodão era a pedra angular da ordem social, eram os legítimos representantes de um mundo. Só por aí já se pode avaliar quantas memórias, quantas saudades esse título evoca, o que ajuda a entender o saudosismo dos valores e costumes presentes nessas obras e, sobretudo o quanto o romancista aparece como intérprete de uma realidade coletiva expressa nos dramas íntimos de seus personagens. Nessa perspectiva, o ciclo da cana-de-açúcar tem forte valor documental, é registro de uma época, mas é também um mergulho na alma humana, na dimensão interior. Assim como não se pode ignorar a importância temática da derrocada da aristocracia canavieira no romance de Lins do Rego, também não se pode desconsiderar a crise da aristocracia algodoeira que ocorria no Seridó em Bezerra Gomes. Os esforços para produzir essa memória, ainda que em forma de romance, era um esforço para assegurar sua própria identidade, e esta estava ligada a seu espaço.

Os processos identitários estão implicados a nação, e os esforços para narrar a nação e assim, construir uma identidade nacional para o país culminaram na descoberta de múltiplas identidades regionais. Ao tratar a história do regionalismo seridoense, o historiador caicoense Muirakytan M. Kennedy, nos diz que foi a partir do terceiro século da história do Brasil, mas precisamente no fim do império e início da república que o Seridó teve sua configuração cartografada, transformada em categoria de freguesias, vilas e etc. Essa territorialização definiu lugares onde seus atores sociais

⁵⁹Ibidem, 2001, p. 65.

desempenharam a tarefa de construir a noção de um lugar particular, a pertença afetiva, um “substrato imagético para a identidade”.

As elites tinham um papel estratégico nesse cenário, ao ocupar lugares sociais e políticos privilegiados tiveram a oportunidade de fazer circular “de forma duradoura e perene, sua versão da região onde atuam, através dos púlpitos de locução de suas falas: Jornal, memórias, romances e etc.”⁶⁰ Marcados os limites territoriais, o Seridó passou a aparecer no discurso político como uma disputa estratégica pelo monopólio do poder. O regionalismo seridoense nesse enfoque, é marcado por uma construção discursiva de uma determinada “identidade”. Construção baseada na relação do homem com o meio e seus símbolos. “A elite se apropria desses símbolos, reelaborando-os ideologicamente na identidade regional”.⁶¹ Nessa perspectiva, a identidade seridoense se configura a partir de três elementos: a terra, o homem e o algodão. Observa-se que a singularidade da construção identitária dessa região, ganha elementos a partir de resultados que se constroem em estratégias de poder adequadas no fim do império e início da primeira república. Aqui, os índios tapuias não são evocados, nem tão pouco os colonizadores. A identidade seridoense, é fincada no homem e sua força de trabalho, cuja firmeza fora moldada pelo meio, aliada ao elemento simbólico de maior poder econômico da região.

Para Macêdo, a produção do homem sertanejo se inicia a partir do conflito político entre o litoral e o sertão no fim do império. Ele nos dá um exemplo de um confronto que ocorre dentro do próprio grupo do partido liberal potiguar. De um lado, tinha-se o governo identificado com Amaro Bezerra, sediado na capital. De outro, todo o interior da província que se via ameaçada pela intimidação da compra de votos do primeiro. Ameaçados por esse conflito, as elites políticas seridoenses se apropriam de um discurso que elaborava a imagem do homem sertanejo, como o guerreiro corajoso, que deveria unir-se em torno de uma imagem identitária para enfrentar as astúcias do inimigo. Nesse interim, enfatizamos o poder do capital impresso na elaboração de uma

⁶⁰ MACÊDO, M. K. de. **A penúltima Versão do Seridó**: Uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012, p. 130.

⁶¹ Idem, p.23.

comunidade de sentidos, uma construção do imaginário social. O nosso historiador caicoense, analisou como o jornal *O povo* serviu de dispositivo discursivo com fins explícitos de poder.

O sertanejo está acostumado a afrontar severamente a morte nas estações secas, agora principalmente que o senhor Dr. Amaro e o presidente da província meteram a mão criminosa nos cofres públicos, tirando o dinheiro que deveria matar a fome dos indigentes, para compensar os que venderam indignamente sua honra, o seu brio e sua dignidade. O povo sertanejo é ordeiro e manso, porém quando se vê ferido em sua dignidade, é terrível.⁶²

A seca fornecia substância para elaborar a imagem do homem sertanejo. O meio o teria tornado forte, de caráter rígido e honroso. A manipulação do imaginário popular da região em torno dessa identidade foi utilizada como estratégia de poder da elite intelectual. A elaboração da condição de pertencimento local, da construção da identidade seridoense, esteve diretamente ligada aos atores do discurso, aqueles que detinham o poder da palavra, se utilizaram de um conjunto de valores simbólicos para designar uma identidade coletiva local que os fizesse manter-se no poder.

Entretanto, esses mesmos valores que dentro de uma “comunidade imaginada” habitavam o homem sertanejo, viria num próximo momento da história, a ser denominado como obstáculo em detrimento do desenvolvimento regional. A rudeza do sertanejo carregou-se de negatividade, no que tange o progresso necessário a modernidade que vitalizava no início da república. A nova elite que se formava nesse momento, representava os novos valores republicanos, e rejeitavam aquilo que representava a velha ordem e o pequeno mundo. Entretanto, esses novos atores do discurso não deixaram de utilizar o diferencial humano do homem sertanejo, aliado a natureza do espaço, para afirmar que seria o Seridó o locus de desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Os locutores do regionalismo seridoense, ao fazer referência ao pensamento de Euclides da Cunha, afirma em outras palavras que "O sertanejo

⁶²PLEITO, Eleitoral. *O povo*. 07/09/1889. MACÊDO, 2012, p.139.

é, antes de tudo, um forte”, o sujeito em que a natureza ao se fazer difícil, contribui para que afim de sobreviver e adaptar-se, o homem trabalhe com mais afinco, em detrimento do litoral que seria traído por sua condição dadivosa, com “chuvas em abundância e peixes que são pescados quase sem nenhum esforço humano”,⁶³ essa qualidade em que a natureza fornecia ao litoral, faria com que os homens fossem menos predispostos a inteligência de superar-se, e ao trabalho, por não exigir nenhum esforço de sobrevivência.

A estratégia argumentativa de Lamartine era demonstrar que o algodão havia se tornado e se tornaria, cada vez mais, mercadoria – chave para a economia nordestina e brasileira, por que se desenvolveu a partir da conjunção de fatores naturais e humanos só possíveis no sertão nordestino, e em sua forma mais elaborada, no Seridó.⁶⁴

A variedade de algodão, o mocó, que tem excelente qualidade e resistência à seca, tornou-se um elemento identitário do seridoense, graças a um discurso elaborado de políticos e intelectuais que recorrem a esse elemento simbólico para integrar a região ao desenvolvimento econômico brasileiro, tentando fazer com que a região fosse representante do desenvolvimento regional de todo Rio Grande do Norte, representação que antes era de domínio do litoral. Tendo em Juvenal Lamartine de Faria (1874 – 1956) o principal interlocutor político desse discurso, que promoveu a imagem do seridoense, como superável pela técnica e o conhecimento científico. Embora se reconhecesse o entrave que a seca promovia, esta também foi utilizada para solicitação preferencial de verbas. Entretanto, o discurso de valorização do território semiárido, em defesa do algodão “mocó” foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento econômico da região, bem como para a construção da mesma. O semiárido transforma-se em virtude, posto que havia três elementos de superação. E assim, como espaço de superação, o solo, o homem e o algodão formaram o tripé da identidade sertaneja do Seridó potiguar.

⁶³ MACÊDO, M. K. de, 2012, op.cit, p. 199. Et. Seq.

⁶⁴ Idem, p. 198

2- JOSÉ BEZERRA GOMES: PARA ALÉM DO HOMEM, O SERTÃO

Confesso-me
de assim ter sido
Ainda que não fosse mais.

(José Bezerra Gomes- Lápis – Antologia poética)

O poema Lápis anuncia a escolha feita por José Bezerra Gomes em registrar sua história por meio da sua escrita. De forma inconsciente ou não, confessa-se nos seus romances e se inscreve nos seus personagens. Em seu primeiro romance *Os Brutos*, publicado em 1938, Gomes emprega suas memórias de infância. Para percebermos o autor em sua obra é preciso recorrer ao narrador personagem Sigsmundo. Pois, é sob a ótica de uma criança que a vida dos personagens é observada, ficando impressa sua crítica sobre a sociedade da época.

Advogado, contista, poeta, romancista, novelista, político, historiador, correspondente jornalista, comunista, e mais do que tudo isso, um intelectual que levou consigo para o caminho das letras, as experiências de um menino seridoense. Destacando-se na ficção e poética modernistas na literatura norte-rio-grandense fez parte de um projeto estético literário (literatura de 30) que despertava para uma consciência social, deixando impressa com a máxima realidade possível, os diferentes “brasis” que existem no interior do país. Dessa forma, por meio da ficção José Bezerra Gomes apresenta ao Brasil sua versão sobre a realidade do sertão do Seridó norte-rio-grande.

Para além de relatos biográficos neste capítulo que dedicamos ao autor, intencionamos compreender a sua atuação intelectual e literária como uma atuação política. Atentando para o fato de que o autor viabiliza uma denuncia social por meio da ficção regionalista, e investe em construir e fortalecer a história e a cultura da região. Nesse sentido, o registro de suas memórias se converterá no triatlo ficção, história e escrita de si. Sobretudo por que foi por meio da escrita que ele registrou sua versão sobre a identidade e a realidade da região do Seridó potiguar. Portanto, a análise da sua vida inicia-se nos anos de infância a partir das memórias registradas no romance *Os Brutos*, que

começa nos apresentando um menino que sai do campo para estudar na cidade. Tal como Sigsmundo, é esse o destino inicial da vida estudantil de José Bezerra Gomes.

Para entendermos José Bezerra Gomes, nos situamos primeiramente nos tempos de suas memórias. Sigsmundo, o menino que narra a história de *Os Brutos*, chegou a nós sob o olhar de um intelectual que acompanhou fortes transformações sociais e culturais no Brasil. O contexto que leva a sua formação intelectual e atuação literária acompanha o desenvolvimento histórico do qual está presente a constituição da república, a política coronelística encontrada no interior, movimento de trinta, uma crise de esgotamento de um modo de produção agrária, uma tendência acentuada ao urbanismo industrial, revolução literária de 1922, os 18 do forte de Copa Cabana, coincide também com a formação do partido comunista brasileiro (PCB), e uma modernidade que viria orientada por um regime centralizador. Viveu sua juventude num contexto de radicalização política e social, e teve essa marca presente na sua formação intelectual e literária.

2.1- José Bezerra Gomes: Contexto histórico literário

Autor de uma relevante produção escrita José Bezerra Gomes (1911-1982),⁶⁵ é considerado um dos principais representantes da ficção regionalista do Rio Grande do Norte. Lugar que lhe foi assegurado pela anexação que efetiva da realidade física e social do Seridó no plano da literatura. Gestado nas letras desde cedo, o escritor seridoense colocou em sua produção literária o Nordeste dos campos de algodoais.

Seu primeiro romance *Os Brutos* (1938) foi publicado pela editora Irmãos Pongetti no Rio de Janeiro. Somado a esse, houve mais três outros romances: Sendo eles, *Por que não se casa Doutor?* (1944); *A porta e o vento* (1974);

⁶⁵Os dados biográficos deste capítulo foram extraídos da dissertação de mestrado de Vilma Nunes e do livro promovido pela Prefeitura Municipal de Currais Novos em comemoração ao centenário de nascimento de José Bezerra Gomes. Tal produção em nota da prefeitura indica que a iniciativa foi elaborada com o propósito de estimular e promover a cultura local e a valorização do patrimônio histórico do município. Ver: SOUZA, Joabel .R. de. Centenário José Bezerra Gomes, Currais Novos-RN, 2011, p.07. SILVA, Vilma Nunes da. *Os Brutos: tradição literária e memória cultural do Seridó*. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005.

Ouro Branco(não publicado). Sua produção já catalogada por Vilma Nunes⁶⁶, conta ainda com mais um livro de poemas intitulado *Antologia poética* (1974). Contos e poemas avulsos; *Retrospecção da vida do Presidente Tomás de Araújo Pereira* (1981); *Sinopse do município de Currais Novos* (1975), monografia ilustrada; teatro de João Redondo (1975); pela fundação José Augusto; *Retrato de Ferreira Itajubá* (1944), e ainda um estudo sobre a vida do D. Tomaz Salustino⁶⁷.

Mas é a partir das lembranças no sítio Brejuí onde cresceu, que o autor recria em suas obras, especialmente em *Os Brutos* (1938) e *A Porta e o vento*(1974) o mundo de sua infância e adolescência, fornecendo ao leitor um painel da sociedade rural do interior nordestino. Com berço no sítio Brejuí situado em Currais Novos, Gomes utiliza a cidade de origem para compor a narrativa de *Os Brutos*. A cidade está localizada no interior do Rio Grande do Norte, na região central seridoense. Economicamente, a cidade cresceu e desenvolveu-se através da criação de gado, posteriormente destacou-se pelo predomínio do algodão, que teve por um bom tempo uma posição hegemônica como principal matéria-prima consumida pela indústria têxtil no Sudeste do país, perdendo essa hegemonia com a seca devastadora que ocorreu por volta de 1910, atingindo as lavouras seridoenses. Também ganhou destaque na economia, coma Mina Brejuí,⁶⁸ fundada em 1943 pelo então desembargador Tomás Salustino Gomes de Melo.

Gomes introduz sua narrativa evocando um produto que até hoje faz parte dos valores simbólicos do Seridó.

⁶⁶Ainda segundo a autora, “Os Brutos teve quatro edições: 1938 (Editora Irmãos Pongetti), 1981 (UFRNSI/FJA), 1998 (EDUFRN), 2005(EDUFRN). A edição de 1998 traz também os romances *Por que não se casa doutor?* e *A Porta e o vento*. Nela consta os prefácios de Nei Leandro de Castro e Luiz Carlos Guimarães, respectivamente para as edições de 1981 (*Os Brutos*) e 1974 (*A porta e o vento*)”. SILVA,VilmaNunes da. *Os Brutos: tradição literária e memória cultural do Seridó*. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005. p.13.

⁶⁷Proprietário de uma sólida empresa de minérios fixada na Mina Brejuí, a mineração tinha como carro chefe a produção de Scheelita, matéria para o tungstênio. No contexto da segunda guerra e a guerra do vietnã, essa produção contribuiu para a intensificação do desenvolvimento local. O sítio Brejuí, nas terras adjacentes, foi também o local de nascimento do autor.

⁶⁸A **Mina Brejuí** está localizada no município de Currais Novos, considerada a maior mina de Scheelitada América do Sul, a mineração teve o seu apogeu em plena Segunda Guerra Mundial, o minério da Scheelita produz uma importante fonte de tungstênio, metal utilizado na indústria bélica, e forneceu toneladas de minérios a várias indústrias do aço.Disponível em:www.minabrejui.com.br Acesso: 01/01/2015.

Agora eram os algodoeiros que estavam florando e acasulando nos roçados. Fazia gosto de dizer como tudo renascia na força e na esperança da safra. Algodão na folha estava dando um preção e haviam soltado tanto dinheiro nas feiras de Currais Novos que um homem das bandas da zangareira tinha lavado um cavalo com cerveja e acendido um charuto com uma nota de cem mil-réis.⁶⁹

Comenta-se que nos tempos da nuvem branca do sertão, um sujeito eufórico com a safra do algodão, saíra para esnobar nas feiras de Currais Novos. A cena acima descrita faz parte do cancionero popular da região, histórias como essas são lembradas quando se fala no período da paisagem branca do Seridó. A partir do final do império e início do período republicano, o algodão, também conhecido como o ouro branco do Seridó, demonstrou que iria superar o açúcar como produto que mais contribuiria para receita estadual. “O algodão foi cultivado com melhor proveito seja no solo, seja no discurso, na esteira do movimento republicano”.⁷⁰ No âmbito da política, da historiografia e da literatura no caso de José Bezerra Gomes, o produto foi base para discursos regionalistas de intelectuais, em sua maioria pertencentes à elite seridoense.

Neto do coronel José Bezerra de Araújo Galvão, o autor a quem esse texto faz menção pertenceu a uma linhagem da aristocracia agrária e patriarcal, teve como um ilustre ancestral, o fundador da cidade de Currais Novos o Capitão-Mor Cipriano Lopes Galvão. O coronel José Bezerra seu avô, foi um dos que lideraram a política da região Seridó.

O algodão trouxe visibilidade para região, e por volta da década de XX, ocorre à mudança política do eixo potiguar do litoral para o sertão. No contexto da república velha, a região foi definida pela cotonicultura, e o algodão tornou-se elemento identitário do Seridó.

⁶⁹ GOMES, José Bezerra. Os Brutos. In: Obras reunidas: romances. Natal, EDUFRN, 1998. p.

13

⁷⁰ MACÊDO, Muirakytan Kenedy. Tudo que brilha é ouro-branco – as estratégias das elites algodoeiro-pecuarísticas para a construção discursiva do Seridó norte-rio-grandense. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 03. N. 06, out./nov. de 2002 – Semestral, ISSN-1518-3394. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme. p. 96-115.

Das muitas representações de seu tempo, Gomes traz em seu romance, uma das formas buscadas para a legitimação dos ideais republicanos, que segundo Bourdieu,⁷¹ tinha por finalidade explícita, inculcar entre outras coisas pela imposição da língua nacional, um sistema comum de categorias e de percepção capaz de fundamentar uma visão unitária do mundo social. A narrativa ficcional nos faz atentar para a historicidade do autor e sua percepção sobre o ideal de nacionalismo cívico. A despeito da comemoração escolar de 15 de novembro, destaco a cena:

Tia Maria era uma mulher triste, mas tinha um dia de alegria. Era quando era quinze de novembro e as aulas do grupo se encerravam... Os meninos iam vir todo de branco e as meninas também de blusa branca e saia azul. Os pais vinham também para assistir. Dona Pureza trazia os três filhos: Duas menina e um menino que era o primeiro da classe... Todo ano tirava medalha de ouro e era quem declamava a Pátria, uma poesia de Olavo Bilac, que dizia assim, e que ele recitava todinha sem perder uma vírgula e a entonação da voz:

-Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!

-Criança, não verás nenhum país como este!

-Olha que céu! Que mar! Que rio! Que floresta!

-Vê que grande extensão de matas, onde impera
fecunda e luminosa a eterna primavera!

-Boa terra! Jamais negou a quem trabalha

O pão que mata fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece

-Vê pago o seu esforço, e é feliz e enriquece!

-Criança! Não verás nenhum país como este:

-Imita na grandeza a terra em que nasceste!⁷²

⁷¹BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.117.

⁷²GOMES, José Bezerra Gomes. Os Brutos. In: Obras reunidas: romances. Natal, EDUFRN, 1998. p. 32-33. Todas as citações dos romances de José Bezerra Gomes são transcritas dessa edição, em obras reunidas, por isso indicaremos daqui pra frente apenas o romance e a página.

Dentre as formas buscadas para a legitimação de regimes políticos, a elaboração de um imaginário social é parte integrante. No caso brasileiro, atingir o imaginário popular a fim de agregar-lhes valores republicanos era um dos principais objetivos dos envolvidos na batalha simbólica, na medida em que toda tradição, mito, ideologias, símbolos mesmo quando muito fortes precisam ser constantemente alimentados. Esse exercício se processa através das datas cívicas, da construção de mitos, heróis e monumentos, elementos que se conjugam na montagem da memória nacional, e se esta tem consistência contribui para dar coesão social a nação. Parte da elaboração de um imaginário coletivo, por exemplo, o fato de sermos ensinados desde pequenos a amar a bandeira, o hino nacional, a declamar a pátria como se eles já existissem por si mesmo.

José Murilo de Carvalho⁷³ afirma que a busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República (1889-1930). Foram sobre essas bases que cresceu o menino Bezerra Gomes. Já no período do início da produção da obra, início também de sua vida acadêmica, até sua primeira publicação em 1938, o país passava por um projeto político e intelectual voltado para a efetivação desse ideário de um Brasil republicano e moderno. O nome de Olavo Bilac, o qual o autor faz referência no romance está intimamente ligado a um nacionalismo que coloca a arte e a cultura a serviço da nação. Figura pela qual para o regime estadonovista deveria servir como modelo de intelectual brasileiro⁷⁴.

A literatura enquanto linguagem se configura como um instrumento simbólico de disseminação de ideias no campo da produção cultural, que segue a lógica de um campo próprio, com discursos específicos. Portanto, acaba reproduzindo em seus fragmentos, a ideologia de uma classe

⁷³ Ver em: CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.32.

⁷⁴ VELLOSO, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Fundação Getúlio Vargas- Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 1987, p. 42.

dominante. Na análise de Macêdo,⁷⁵ “o algodão seria o deus ex machina que teria a virtude de integrar o ignoto e longínquo sertão à nacionalidade”. Nos discursos políticos regionalistas a cotonicultura foi utilizada para articular o espaço seridoense com a própria nação. Portanto, a representação da nacionalidade cívica em *Os Brutos*, é também compreendida como essa articulação dos discursos formados pelos locutores do regionalismo nesse contexto.

Gomes seguiu o caminho dos outros representantes da elite local de sua época, estudou no Atheneu em Natal, e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, contudo fez um desvio não seguindo para Recife, foi estudar na Faculdade de Direito de Minas Gerais, matriculando-se em 1932 e colando grau em 1936. Conforme Macêdo,⁷⁶ a formação intelectual dessa elite “era vincadamente marcada pelas ideias laicas da Faculdade de Recife e, numa palavra, nicho do republicanismo que influenciou quase todos os acadêmicos seridoenses”.

A conjuntura intelectual e o projeto estético literário que o autor está vinculado faz parte de um contexto em que fortes transformações sociais estavam ocorrendo. A ficção regionalista, no caso de Gomes, associado a uma tradição regionalista marcada por um saudosismo aristocrático, teria como conteúdo temas voltados para o desmascaramento do pitoresco, com os olhos para o social e humano. Nas palavras de Antonio Candido:

A consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial, e se manifestou claramente a partir dos anos 1950. Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dada a generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo e percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se

⁷⁵MACÊDO, Muirakytan K. de. Tudo que brilha é ouro-branco – as estratégias das elites algodeiropecuarísticas para a construção discursiva do Seridó norte-rio-grandense. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 03. N. 06, out./nov. de 2002 – Semestral ISSN -1518-3394, p.110. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme96. Acesso em: 01/01/2015

⁷⁶ Idem p.99.

abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos.⁷⁷

Numa análise mais detalhada sobre a situação que antecede a ficção regionalista de 30, podemos observar algumas tensões. Segundo Buriti⁷⁸, o período que vai de 1889 a 1930, conhecido como República Velha, foi marcado pela fraqueza de um poder central e pela presença de oligarquias regionais que se revezavam no poder, a política de “café-com-leite” prejudicou os interesses nortistas e privilegiou mais o centro-sul do Brasil. A década de 1920 caracterizou-se pela crise dessa estrutura sócio cultural, econômica e política para os “nortistas”. Não obstante, essa perda do espaço econômico ocorre à ameaça dos valores morais tradicionais. A industrialização, acompanhada dos processos de modernização e de urbanização, introduz novos hábitos sociais que implicam numa nova sensibilidade espacial.

Em meio essa tensão dos valores do mundo patriarcal, se encontra uma crise de identidade que se dividia ora, entre os senhores de engenho, os usineiros e os plantadores de algodão na voz discursiva da literatura regionalista-tradicionalista, que por sua vez nasce em um contexto de formação de identidade nacional. Após a Primeira Guerra Mundial entra em ênfase a questão da nação, construir um estado unificado era preocupação primária. “O nacionalismo vai acentuar, na década de vinte, as práticas que visavam ao conhecimento do país, de suas particularidades regionais”⁷⁹. Para tanto, os vários discursos, tanto do Norte como do Sul buscam analisar o próprio espaço em busca da solução para o que interferia a emergência da nação.

⁷⁷ CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p 142.

⁷⁸ BURITI, Iranilson. **Gritos de vida e de morte: a decadência dos senhores de engenho nos discursos regionais**. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco.

⁷⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p.41.

Albuquerque Júnior⁸⁰ entende a nação como um processo politicamente orientado que objetivava a hegemonia de uns espaços sobre outros. Convém ressaltar que essa hegemonia se confirmaria a partir dos discursos criados em torno da figura desses espaços. Rio de Janeiro, São Paulo e Recife seriam os centros distribuidores desses discursos no âmbito nacional. Com intuito de se criar uma identidade para a região de quem fala em oposição à região de quem se fala alguns intelectuais vão tentar enraizar a ideia de que o Nordeste é inferior por sua própria natureza, sendo estes desfavorecidos em hábitat e em raça.

A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. É um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo de poder e da exclusão⁸¹

José Carlos Reis nos diz que a alteridade é um elemento essencial para se construir uma identidade, que é a partir do conhecimento/estranhamento do outro que esta é afirmada. Os romances regionais revestidos de uma nova formação discursiva, preocupados em expressar a “realidade” da região, colaboram para que essas distinções ganhassem visibilidade no mercado editorial. Sobretudo por que esse mercado era concentrado no Rio de Janeiro e São Paulo, centros que se reconhecem como a camada culta, moderna e civilizada do Brasil, e seriam eles os maiores interessados em conhecer o considerado “exótico” do país.

Contra-pondo-se a uma determinada ideia de nação⁸² a literatura regionalista vai criar as múltiplas faces do Nordeste brasileiro, em defesa de

⁸⁰ Ibidem

⁸¹ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**. Volume 2: de Calmon a Bomfim. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 12.

⁸² Segundo Albuquerque Junior, a literatura regionalista procura afirmar sua brasilidade por meio da diversidade, enfatizando diferentes particularidade e diferentes personagens em cada área do país, tornando a nação um somatório dessas diferenças. Ver em ALBUQUERQUE, Jr. Durval Muniz de. Geografia em ruínas. In: **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p. 64-76.

uma cultura patriarcal e tradicionalista. Esse regionalismo se apegava a questões provincianas ou locais que demonstra seus valores e sua importância. “Construir e preservar o nordeste e a sua cultura, tornando-se o exemplo de cultura nacional, era o ideal dos integrantes desse movimento”.⁸³ O movimento regionalista-tradicionalista, firmado a partir de 1926 em Recife, surge quando uma elite rural se via perdendo espaço no cenário político nacional, tinha como tema central a decadência da sociedade patriarcal e sua substituição pela sociedade urbana industrial. Buscava, sobretudo, representar aspectos regionais, valores ligados ao mundo rural, ao espaço tradicional.

A região Nordeste do Brasil marcada por significativos contrastes sociais forneceu matéria de ficção para boa parte da prosa regionalista que ao longo da década de 1930, voltou-se para a valorização das tradições e para a busca por uma identidade nordestina.

Acompanhando as mudanças que se operaram no país: revolução, questionamento das oligarquias e das tradições, choques ideológicos, acirramento das diferenças políticas, o romance regional revestiu-se de uma nova roupagem cultural e estética centrada na investigação dos traços marcados e distintivos de cada região, na vida, nos costumes, na linguagem, nas maneiras de ser, sentir e agir do ser humano. A fórmula era buscar no ambiente social, cultural e geográfico os elementos temáticos, os tipos de problemas que seriam transformados em matéria de ficção. Assim, temas como seca, cangaço, coronelismo, misticismo, luta pela terra, crise dos engenhos motivaram algumas obras de importantes autores que demarcaram na cultura brasileira uma literatura regional. Essa formação discursiva uniu-se em torno de um ideário em comum, trabalhando no sentido de demonstrar que seus valores são capazes de resistir à supremacia do centro-sul, tornando o nordeste como modelo a ser seguido pelo nacional.

A valorização da cultura regional, responsável por importantes painéis de regiões específicas da sociedade brasileira, levou autores como José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida entre tantos outros anônimos que ganhavam certa visibilidade, incluindo José

⁸³BURITI, Iranilson. **Gritos de vida e de morte**: a decadência dos senhores de engenho nos discursos regionais. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade federal de Pernambuco, p. 55.

Bezerra Gomes, a mostrar a partir da literatura aspectos característicos das diversas áreas socioeconômicas do país, representando problemas brasileiros em geral, e específicos de determinadas regiões, o que no caso do Nordeste, recém situado em território próprio com o rompimento da dualidade entre Norte e Sul, contribui para compreensão dos caminhos por meio dos quais esse espaço foi gestado no âmbito da cultura brasileira.

Os romances desses escritores criaram um estilo novo, completamente moderno, totalmente liberto da linguagem tradicional, nos quais puderam incorporar a real linguagem regional. Consolidava-se através das narrativas questões sociais emergentes, como a seca e a miséria decorrente dela, esses intelectuais engajaram-se nos problemas sócio-políticos regionais. Dois movimentos são colocados como fundamentais para compreensão do contexto, com ideias contrárias, mas que caracterizam seus respectivos espaços de uma forma bem particular, o modernismo paulista e o regionalismo nordestino que se consolidam sob aspectos bem demarcados. O primeiro se utiliza de temas futuristas e urbanos, liderados por poetas preocupados em renovar as linguagens artísticas, influenciados diretamente pelas ideias europeias. O segundo tem um discurso saudosista, ruralista, de defesa da tradição, da valorização da cultura nordestina em diferentes nuances como a culinária, costumes e tradições, esse movimento foi liderado pelo sociólogo Gilberto Freyre, autor do Manifesto Regionalista (1926).

A literatura regionalista tem intencionalidades políticas e econômicas em seu discurso. Suas tramas estão direcionadas a conhecer particularidades sócio culturais, seus discursos oscilam entre fazer denúncias sociais, e ao elogio do sistema paternalista de dominação mascarada, a defender a sua cultura e tradição, a disputar espaços de poder na esfera política nacional. Seus discursos apresentam dois lados: Um que está a serviço da sociedade, e outro, a serviço do poder, da classe dominante.

Consecutivamente estão presente em suas tramas palavras de ordem do tipo: Estamos sofrendo com a seca, com a miséria, com a fome, com a violência, e com a exclusão social por falta de recursos econômicos. Leitura observada em obras como as de Graciliano Ramos(*Vidas Secas*,1938) e Raquel de Queiroz(*O quinze*,1930), e por discursos de intelectuais e políticos

em busca de recursos no parlamento, conclamando a seca como um dos maiores problemas sociais, dos quais decorriam os outros.

Do outro lado, diz-se: É preciso voltar os olhos para nossa tradição cultural, assegurar nossos hábitos, costumes e valores, pois estes são dignos de ser referência nacional, pois, aqui e para o nosso interior, estão à verdadeira brasilidade. No manifesto regionalista de 1926,⁸⁴ Gilberto Freyre, em defesa da cultura regionalista-tradicionalista, naturaliza as relações de submissão e desigualdades. Defendendo as relações paternalistas de submissão entre patrões e empregados, justificando que, apenas no Nordeste os ex-escravos foram acolhidos pelos coronéis em seus engenhos, na contra mão do sul, onde foram substituídos por imigrantes europeus. Afirmando que para garantir nossos elementos culturais, dentre eles, a culinária, tinha-se que se incentivar a mão de obra feminina na cozinha, nos lares, pois lenhando e rendando nossas mulheres tinham mais valor.

A formação literária que José Bezerra Gomes está inserido, ficção regionalista de 1930, assim como afirmou Antônio Candido, tem uma intensa preocupação com problemas sócio-políticos, manifestaram por meio das letras uma consciência social que está explícita no caráter realista da obra. Contudo, apresentamos o contexto que levou a produção literária de 1930, para podermos compreender que no campo do discurso, existe uma ambivalência que se explica pelo fundo histórico. Foi nesse contexto literário que se produziu *Os Brutos*, que nos conduz a análise da vida do autor e da sociedade seridoense.

2.2- O intelectual, a cultura do Seridó e sua vida política

Em mais uma passagem do romance, ao falar sobre os futuros doutores, o autor inscreve passos da sua vida:

Os meninos que tinham ido estudar no colégio de Santo Antonio em Natal estavam voltando. Naquele ano de safra só

⁸⁴FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7ªed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

de Currais Novos foram doze. Seu aproniano tinha um filho que acabara o curso ginasial no Atheneu e ia estudar medicina na Bahia. Também estava sendo esperado um filho de seu Vivaldo, que vinha formado em direito.⁸⁵

Conforme relatado por Souza⁸⁶, Gomes estuda primeiramente no grupo escolar Capitão- Mor Galvão, depois segue para o colégio Santo Antonio; terminando a formação ginasial no Atheneu de Natal. Outro sinal da sua vida estudantil está na cena final do livro onde o protagonista Sigsmundo, narra sua partida para o sul junto aos seus pais e alguns trabalhadores do sítio Alívio, decorrente da perda das terras de seu pai que foram hipotecadas a um comerciante moderno chamado Seu Tota.

Os pais de José Bezerra Gomes transferem-se para Minas Gerais em 1932, mediante uma seca que assolava as terras seridoenses. Lá, eles residiram em Governador Valadares. Seu pai, Napoleão Bezerra de Araújo Galvão, o major Napoleão, passou a trabalhar junto à equipe da Secretaria de Viação e Obras Públicas, liderando a construção de estradas, pontes e rodovias como mestre de obras. Sua mãe, Veneranda Bezerra de Melo Rocha, dona Venera, dedicava-se ao lar e a educação dos filhos.

A capital mineira compôs o cenário para produção do livro *Por que não se casa doutor?* A verossimilhança entre a vida do autor e sua obra mais uma vez é constatada. O lugar e o cenário do romance são os mesmos que viveu o autor. Tal semelhança já sinaliza que o autor se inscreve, e tenta não falar apenas por si, mas por uma geração que sente as dificuldades de viver no mundo moderno. Em epígrafe do livro:

Os personagens e situação deste romance são imaginários. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real são mera coincidência. Vivendo o mundo de um bacharel fracassado, a vida acabada de um recém-formado, traz apenas os estigmas da época em que foi sentido.⁸⁷

⁸⁵ Os Brutos, p. 33

⁸⁶ SOUZA, 2011, op. cit, p. 147

⁸⁷ Por que não se casa doutor? p. 64

A trama se desenrola em torno de um bacharel em direito que não consegue obter sucesso profissional e pessoal, caindo numa espécie de anonimato. O personagem Flávio não se adequa a nova realidade burocrática que a modernidade exige. Essa nova realidade permite que grupos antes esquecidos ascendam profissionalmente, em contraste a uma aristocracia que possuía um nome e uma posição social herdada de berço. Sobre o protagonista de *Por que não se casa doutor?* Paula R. Fernandes indica, “O único lugar onde se sente seguro é no passado, mas precisamente, em suas memórias onde morava numa cidade pequena e todos o conheciam por neto do coronel”⁸⁸. Nesta obra o autor não trouxe o cenário sertanejo, mas de uma continuidade da sua vida, denotando que a experiência e a ficção estiveram entrelaçadas em todo seu percurso literário.

José Bezerra Gomes viveu os primeiros anos como sertanejo, de um lugar privilegiado acompanhou a rudeza dos campos, observou a cheia e a seca das terras onde cresceu, vislumbrou a beleza e a riqueza do “ouro branco” do Seridó, presenciou a vida dura dos trabalhadores rurais em contraste com a macieza da vida dos donos de terra. Carregou consigo as marcas de sua infância e, nos longos anos que se formou um intelectual, construiu para si um estatuto de autoridade sobre seu espaço⁸⁹. Etnografou, historiografou, romanceou fez poesia e informou em suas notas e artigos em jornais sobre Currais Novos e o Seridó a diversos leitores, sobretudo, aos saudosos de sua terra.

⁸⁸ A análise feita nesse artigo diz respeito às mudanças nas sensibilidades dos sujeitos nesse período de transição econômica do mundo rural para o urbano, utilizando como fonte o conjunto de obras de José Bezerra Gomes. FERNANDES, Paula Rejane. **Entre a fluidez e a solidez**: Modelos identitários do Semiárido. In: FALCÃO SOBRINHO, José; ALBUQUERQUE, Francisca Geane de (orgs). **Semiárido**: Teoria, arte e cultura. Coleções Mossoroense, Edições Universitárias, 2012. PP. 77-91.

⁸⁹ Segundo Olívia Neta, em sua análise sobre quatro escritores do Seridó, esse é descrito nas narrativas como espaço de luta do homem e da terra. E aquele que escreve sobre a terra do Seridó está promovendo um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço, e acrescenta que o elo desses autores do Seridó potiguar, é a tradição. NETA, Olívia Moraes de Medeiros. **História, escrita e espaço**: configurações do Seridó Potiguar. Artigo nos anais da ANPUH-XXIV Simpósio Nacional de História, p.8. A noção de espaço empregada nesse texto compreende uma delimitação maior do que o seu recorte territorial, diz respeito aos limites do historicamente construído. Ver em ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Espaço em Cinco Sentidos**: sobre cultura, poder e representações espaciais. In: *Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008. pp. 97-124.

Em carta, um amigo expressa seu agradecimento e admiração por Gomes em virtude desse bem querer pela terra:

Jaboatão, 2 de janeiro de 1949
Presado Sr. José Bezerra

Suponho que o amigo lembra-se de mim. Sou aquele a quem chamavam o doidinho por causa da minha inclinação para aprender a ler em contraste com o analfabetismo do povo e o meio econômico-social. Novo na progressista e industrial cidade de Jaboatão, esta que se chama Moscouzinho em virtude da concentração operária; e quem diz operário nesse estado, diz comunista. Não fora certos fatores ideológicos estaria bem aqui... Vivo em dia com meus concidadãos, senão por epistolas, mas pelas suas obras decantadas através dos jornais, particularmente o “diário de Pernambuco” que dá destaque especial as suas grandiosas peças literárias.(...) Bem diferente é o meu destino de semi-analfabeto: sou político e conforto as hostes comunistas locais, na ingrata missão de defender aquilo que não possuo- o capital. Onde quer que esteja o homem do Sertão está a luta aberta pela vida livre e pelo direito; por isto me compraso. Bem aventurado é você que está lutando contra os aceticos e os mecanizadores das letras. A boa terra precisa da sua inteligência por que é muito conhecida por meio dos seus inigualáveis produtos. Muita exploração se faz no comércio daqui com diversas mercadorias. Os mais finos tecidos são fabricados com fibras do Seridó; o queijo que é feito com manteiga(geralmente é com óleo), é do Seridó. Serei conciso para lhe poupar tempo e termino afirmando que você está irradiando glória e propagando para o mais brasileiro dos estados nordestinos, quicá do Brasil e para os milhares de potiguares que como eu, não esquecem a sua terra bem amada. Aceite os meus sinceros votos de admiração

Gomes certamente foi um dos que demonstrou encantamento pelas formas do seu sertão, lugar que não lhe escapou a memória e esteve presente em todo seu percurso literário. Descreveu diferentes aspectos da vida do sertanejo, a tenra imagem do ouro branco, a decadência com a seca, a fauna, a flora, os hábitos, os costumes, os valores, a cultura e a tradição seridoense ficaram marcados na sua trajetória intelectual. Para além do sentimento sertanejo, que observamos por meio dos seus escritos, e também do reconhecimento daqueles que o liam, Gomes era bem relacionado com pessoas que compartilhavam sentimentos e militância comunista. Nesta carta o sujeito fala do proletário urbano, Gomes falava dos proletários da terra. Sendo

assim, essa carta e tantas outras que ele recebeu de amigos, editores de jornais e outros intelectuais, demonstram não só o elogio em relação a sua defesa a cultura do Seridó, mas também sua comunhão com as ideologias socialistas da época. Dentre suas convicções políticas, destacamos os ideais socialistas do autor, característica fortemente presente nos intelectuais da geração de 30⁹⁰. Na atuação de um projeto social, a preocupação evidente com as questões da cultura.

Enquanto estudante ginasial no Atheneu, colégio que a época funcionava em regime de internato só para meninos, cujo ingresso se dava por meio de exames pelo qual os estudantes eram submetidos, no período de 1927 a 1931, começa a desenvolver sua inclinação para política, e o que podemos chamar de espírito de esquerda. Há relatos de que ele participou ativamente de várias manifestações políticas nesse período, a exemplo da busca por abatimento nos preços de transporte público. Atuava também no jornal *O estudante* do referido colégio, principiando sua opção pelo mundo das letras.

No que tange seus posicionamentos políticos, o mesmo declara em uma entrevista ao Diário de Pernambuco, em 16.04.1950, onde se manifestou contra Getúlio Vargas num encontro de estudantes superiores em Montevidéu:

Me entreguei as lutas políticas e eleitorais do diretório acadêmico da escola, que representei com Célio Goyatá e Everaldo Dayrel de Lima no 1º Convênio Sul-Americano de Estudantes Superiores em Montevidéu, e fomos nós, os únicos estudantes a protestar contra o voto da Saudação ao presidente Vargas, naquela assembleia.⁹¹

Em época da sua juventude acadêmica, no período em que viveu em Belo Horizonte, década de 30, Gomes atuou em movimentos sociais contra o governo de Getúlio, o mesmo não concordava com a política getulista. Chegou a ser preso acusado de pertencer a correntes comunistas, contudo a acusação não foi comprovada. Segundo seu primo Medeiros Lula, Gomes não propagava

⁹⁰CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. p. 152.

⁹¹ PINTO, Lenine. **Diário de Pernambuco**, 16.04.1950.

ideologias comunistas, mas era visto como um, o livro *Os Brutos* ficou conhecido como um livro comunista, e as pessoas tinham medo de ler pela associação que o autor tinha com o comunismo. “Gomes foi muito polêmico e a sociedade não aceitou, ele era tachado de comunista, e quem era comunista nesse país na época de Vargas era muito perseguido”⁹². Na concepção do seu primo foi por isso que tanto o autor como o livro sofreram forte rejeição pela sociedade curraisnovense, inclusive pelos próprios familiares.

Ainda sobre esse assunto, o ex-governador Cortez Pereira⁹³, um dos que conviveu com Gomes, relata: “Foi um outro escândalo. Os velhos tinham o livro escondido... Meu pai, Vivaldo Pereira, mantinha o livro guardado no cofre. Foi no cofre que encontrei o livro, que li, inteirando-me da sua crítica à sociedade”. Segundo ele, esse livro foi uma espécie de afronta à provinciana sociedade Curraisnovense, pois tratava-se da cidade mais conservadora do Estado do Rio Grande do Norte. A leitura do romance foi proibida aos mais jovens, pois trazia em sua narrativa que teve como palco essa cidade, aspectos sociais que desvendavam e questionavam alguns valores e tradições. Em terras provincianas, nas palavras do ex governador, Gomes se recusava a falar sobre dois assuntos: O primeiro deles era sobre seu romance *Os Brutos*, e o segundo sobre sua filosofia política. Na mesma entrevista ele acrescenta: *Os Brutos* foi o primeiro livro censurado pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Estado Novo.

Não é de se estranhar o silêncio de Gomes a respeito da sua posição política, nem tão pouco sobre seu romance de estreia. Publicado em pleno vigor do Estado Novo, o livro associado a um intelectual que se opunha a uma organização política de regime ditatorial baseado num estado forte e repressor, certamente trouxe censura e discriminação por amplos setores da sociedade, reverberando sobretudo, no espaço que se construiu a narrativa. Após o incidente da sua prisão, o autor passou a fazer referência ao exército e elogio ao getulismo. Escreve também uma carta de repúdio no corrente ano se resignando com o estado. O declarante afirma: “ter repudiado há anos o

⁹² Trecho de entrevista concedida por Mateus de Medeiros Lula, primo de JBG a Vilma Nunes da Silva em 2003. NUNES, 2005, p.41.

⁹³ Entrevista do ex governador ao Diário de Natal, revista, Natal. 22 de maio de 1993. Idem, pp. 40-43.

comunismo, com sua doutrina subversiva, anti-patriótica, e anti-cristã” Na carta é anunciada que essa declaração se encontrava no diário oficial no dia 30 de maio do mesmo ano.

Há dois pontos que pretendemos destacar em relação a essa aparente colaboração com o Estado Novo, no que se refere a esses elogios ao getulismo e sua resignação pública. Primeiramente, estamos falando de um estado forte, pelo qual os intelectuais estavam inseridos e submetidos. A exemplo de Graciliano Ramos que colaborou com o Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo⁹⁴, assim como ele, tantos outros o fizeram de diversas formas. No caso de Gomes, outro ponto que devemos mencionar diz respeito as suas crises de perturbações mentais, logo após o episódio da sua prisão, o autor viveu um momento de instabilidade emocional, o que de certa forma explica os elogios exagerados do autor ao getulismo, estas crises emocionais foram mencionadas em algumas cartas de amigos, um deles chamava o problema de “o medão”⁹⁵. De que forma um intelectual dedicado as letras sobreviveria sobre o controle do estado novo?

Em relação à contradição que há entre a apresentação que fizemos sobre o caráter comunista do autor, e seu posterior silenciamento dessa filosofia política, nos cabe esclarecer que nos guiamos sobre o ponto de vista de Jean-François Sirinelli⁹⁶, no que diz respeito à responsabilidade do intelectual este sintetiza: “A aptidão para decidir sobre o Bem e o Mal, não é, desse ponto de vista, um defeito específico. Uma certa dose de maniqueísmo é inevitável quando os intelectuais se engajam na luta política, em essência partidária e dualista”. Sem esquecer o problema ético da questão, Sirinelli nos

⁹⁴Na tese em que o autor Fabiano Mendes faz análise sobre as obras e a vida de Graciliano, é mencionado esse traço contraditório da vida do autor, e sobre vários estudos a respeito da intelectualidade brasileira nesse período. MENDES, Francisco Fabiano Freitas. **Um país sem graça: Graciliano e a interpretação de um Brasil moderno(1915-1953)**. Tese apresentada ao departamento de história da faculdade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História. São Paulo, 2014.

Ver link :2014_FranciscoFabianoDeFreitasMendes_VOrig

⁹⁵Durante sua fase adulta, Gomes teve vários surtos emocionais. Há registros de internamento no hospital psiquiátrico em Natal Dr. João Machado. Com passos de ansiedade, melancolia e descontrole emocional, ausência do sono, seus surtos eram anunciados. SOUZA, 2011. op.cit, p. 15.

⁹⁶ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. RÉMONDE, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, P. 259-261.

orienta a compreender que as razões são sempre de fundo histórico, e que não devemos cair na ingenuidade e no desconhecimento das relações de força. Pois o nosso dever enquanto pesquisador de um intelectual não se trata de “construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum”, mas o de reconhecer o fundo histórico da questão.

Enquanto Gomes viveu em Belo Horizonte, residia numa pensão familiar, na Avenida Central, próxima às secretarias estaduais. Trabalhava numa função burocrática na área de tributação, e dedicava-se a boêmia da juventude mineira, em paralelo a construção de si enquanto intelectual, sendo um exímio frequentador da Academia de Letras. Bacharelou-se em 1936, mas como advogado, embora tenha se tornado membro efetivo da Ordem dos Advogados do Brasil, pouco exerceu a função. Escrevia para jornais, revistas e suplementos literários. Foi membro fundador da revista *Surto*, uma revista de cultura, letras e artes fundada em 1933. Enquanto residiu na região Sul, além da revista *Surto* de Belo Horizonte, colaborou com a *Folha de Minas* e *Do Grifo de Minas Gerais*; *Boletim de Ariel* e o *Jornal e Leitura* do Rio de Janeiro.

Quando retornou a residir em Currais Novos atuou em diversas atividades. Participou da fundação do Aero Clube de Currais Novos, inclusive elaborando seu estatuto, e foi diretor cultural do mesmo de 1941 a 1951. Foi vereador da cidade de 1948 a 1953 pelo PSD⁹⁷. Nesse período dedicou-se intensamente a melhorar o nível cultural e artístico da comunidade, incentivando a cultura junto à infância e adolescência, elaborou um projeto de lei para a criação de uma Diretoria de Documento e Cultura da Prefeitura de Currais Novos⁹⁸, esta previa a criação de uma biblioteca, teatro municipal, serviço de radio e difusão, de um cinema educativo, para fomentar o turismo.

⁹⁷Partido Social Democrático, historicamente pertencente aos grandes proprietários rurais, a burguesia urbana e de grandes comerciantes que apoiavam Vargas. Fizemos leituras de algumas cartas de amigos de Gomes que demonstrou surpresa ao saber da filiação dele ao partido, comparavam o PDS ao UDN. Num tom de surpresa, não necessariamente de crítica, explanaram ideias e perguntavam o que estava sendo feito pelo povo nas questões sociais. Nota de um pequeno trecho: Carta escrita por Nestor Pires de Azevedo em nome dele e do líder proletário Vivaldo Ramos (20 de junho de 1948, Rio de Janeiro) “Soubemos que o mineiro honesto é líder da bancada do PSD na câmara de vereadores de Currais Novos, que um grande da terra pretendeu chamar de Galvanópolis... Queremos saber das suas atividades em proveito do povo...”

⁹⁸ Currais Novos foi a primeira cidade do Rio Grande do Norte a possuir uma secretária específica para esse fim.

Hoje é a atual Fundação José Bezerra Gomes. A iniciativa foi pensada, com o objetivo de preservar o patrimônio cultural e histórico do município.

Amante do folclore nordestino, tinha interesse peculiar pela cultura e tradições da região, começou pesquisar sobre os divertimentos tradicionais dentro da região seridoense, e descobriu de ampla aceitação o teatro de João Redondo⁹⁹, iniciou uma amizade com Sebastião Severino Dantas, também conhecido como Bastos dos Bonecos, confeccionador e encenador do brinquedo. Na qualidade de delegado de Currais Novos Participou do I Congresso Brasileiro de Folclore realizado no Rio de Janeiro de 23 a 31 de agosto de 1951 no Auditório do Ministério da Educação, organizado por Cecília Meireles, apresentando a tese de sua autoria com o título “O brinquedo de João Redondo”. O fruto desse trabalho, torna-se livro publicado pela fundação José Augusto em 1975, sob prefácio de Luís da Câmara Cascudo, o qual foi mentor e relator geral do projeto.

Com interesse em diversos temas, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e ingressou também no Instituto Genealógico Brasileiro, com sede em São Paulo. Sendo homem de muitos contatos, continuou a escrever para diversos jornais e periódicos, cito alguns: *Clã* e *O Estado* de Fortaleza, *A república*, *O diário*, *Folha da manhã*, *Tribuna do Norte*, *O correio do Povo*, *O Poti*, *O democrata*, e *Bando de Natal*; *Diário de Pernambuco* e *Nordeste* em Recife. A partir de 1948, a convite do amigo Veríssimo de Melo¹⁰⁰, também conhecido como Vivi entre os íntimos, tornou-se responsável pela coluna Correio do Seridó publicada no Jornal *A república*. Nesta coluna ele escrevia sobre temas variados que englobavam a cultura popular e a região seridoense, além de críticas literárias.

⁹⁹ João Redondo é um brinquedo chamado de mamulengo, tradicionalmente conhecido através da tradição popular nordestina. “Mamulengo, espécie de divertimento popular, que consiste em representações dramáticas por meio de bonecos, em um pequeno palco. Escondem-se duas pessoas adestradas e fazem com que o boneco se exibam com movimento e fala”. GOMES, José Bezerra. **Teatro de João Redondo**. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1975, p.24.

¹⁰⁰ Veríssimo de Melo (1921-1996), Advogado, Juiz, professor de etnografia da faculdade de Natal e de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além de folclorista, jornalista e escritor. Foi membro do conselho estadual da Cultura e da Academia Rio-grandense de Letras.

Nos anos de louro intelectual, Gomes teve publicidade garantida, pelo seu talento, mas também pela rede de sociabilidade que o mesmo criou entre os intelectuais. Suas viagens a Natal eram noticiadas em alguns jornais.

O romancista José Bezerra Gomes, está circulando pela cidade. Ainda ontem, na presença do romancista João Alfredo Pegado Cortez, Bezerra Gomes ofereceu-nos o seu último poema, intitulado Voo, e se resume em duas palavras: Vôo/ - Semblantes/contritos... Declarou Bezerra Gomes que ai esta uma impressão da viagem por avião que fez de Natal a Lisboa durante a guerra.¹⁰¹

Gomes era bem relacionado e respeitado entre os intelectuais do Nordeste, de modo que não lhe faltavam convites para escrever num jornal ou outro. Foi constantemente lembrando por Veríssimo de Melo, localizamos diversas cartas passivas que confirmavam um laço de amizade e admiração de Vivi por ele. Em 1946 escreve uma carta endereçada a Gomes sobre a ideia que alguns intelectuais estão discutindo a respeito da criação de uma revista literária, e também de um manifesto:

Caro Zé:

Bem. Vou revelar hoje a você a grande novidade: É um movimento literário, que estamos tentando faser. Há coisa nasceu de conversas entre Raimundo Notato da Silva, eu, Hélio Galvão e Manoel Rodrigues. Queriamos faser uma revista, ruim mesmo, para começar. Manoel Rodrigues deu o nome, e do nome(que é uma maravilha) nasceu todo o movimento. O nome da revista será “bando”, que tal? Não é um nome encaixado? A finalidade do movimento será chamar a atenção do povo, daqui e de fora, para os assuntos do estado, as nossas coisas típicas, a nossa história, os nossos raros vultos literários dignos de estudo e consideração. O Manoel Rodrigues lançou a ideia de um manifesto, seria coisa nunca vista em Natal. Já conversamos sobre vários pontos que seriam focalizados no manifesto. Mas, o fim do movimento seria editar a revista, onde uma tropa boa pudesse escrever e fazer alguma coisa útil, antes de morrer e ir para o inferno.

Que acha você do movimento? Mande sua impressão.

Vivi

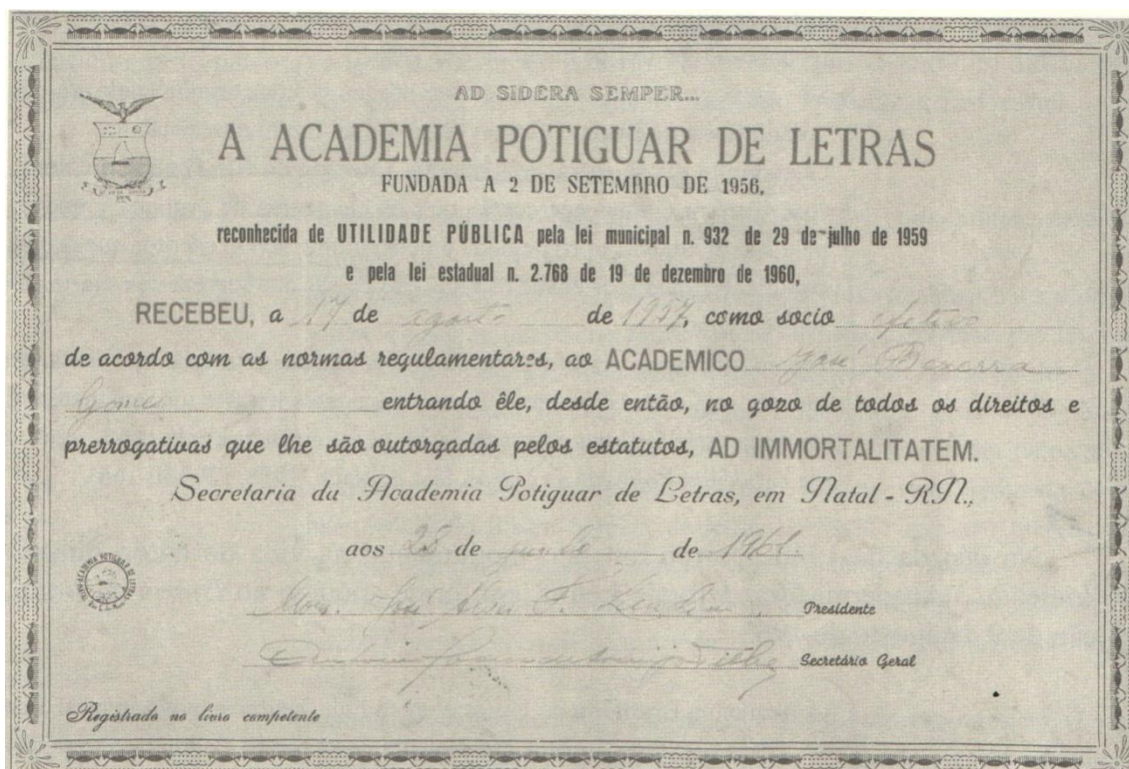
¹⁰¹ **A república**, 7 de março de 1958.

Ze Bezerra:

Um bilhete apenas, o bando vai sair mesmo em janeiro. Nós queremos que você prepare e mande um artigo encaixado, bom mesmo. Um artigo que tenha repercussão dentro e fora do Estado. O bando será despejado por todo país. Você é inegavelmente uma das nossas altas expressões. Se o sujeito ler o seu artigo e não “aprezeia”, rasga logo a revista, por que o resto não presta mesmo. Esperamos, portanto, o seu artigo. Mande logo que terminar, escolha, de preferência um assunto regional.

Receba um abraço do velho Vivi.

Essa consideração não era atoa, no campo da cultura e da arte literária Gomes atuou intensamente e teve visibilidade não só na região, mas também nacionalmente. Contribuiu para a fundação da Academia Potiguar de Letras, em Natal em setembro de 1956. Assumindo a cadeira nº 7 em 21 de julho de 1957. A menção do seu nome para compô-la veio do patrono Agione Costa¹⁰².



Diploma do imortal JBG que o empossa na Academia Potiguar de Letras, Natal, 1961
(Arquivo FCJBG)

¹⁰² Professor e jornalista, nasceu em Natal-RN, e fez sua formação cultural no Pará. É conservador e professor de arqueologia brasileira, no museu histórico nacional. As notas de

Outro fato honroso sobre o autor diz respeito a sua indicação para Academia Brasileira de Letras, onde o mesmo concorreu na década de 1960 com João Guimarães Rosa(1908-1967), que já era visto como o mais provável candidato por sua produção mais densa, dessa forma o mineiro ocupa a cadeira que sucedeu João Neves Fontoura, tal informação foi noticiada no *Diário de Natal* em 1963.

A academia brasileira de letras elegerá hoje, que sucederá o extinto escritor e diplomata João Neves Fontoura. O escritor e diplomata João Guimarães Rosa é considerado como o mais provável ocupante da cadeira vaga. O outro candidato é o escritor norte-rio-grandense José Bezerra Gomes.¹⁰³

Para além da esfera regional, essa possível nomeação já demonstra a importância que o escritor José Bezerra Gomes obteve nacionalmente. Esteve lado a lado com os grandes romancistas brasileiros, seu talento foi comparado ao de Graciliano Ramos e José Lins do Rego pelos críticos da época em que estreava seu primeiro romance. Não só romancista, mas também poeta por excelência, segundo Moacyr Cirne¹⁰⁴(1943-2014), “antes de qualquer coisa, um lírico”. Alinhava-se ao poeta de Marido de Andrade, Manoel Bandeira, Jorge de Lima... Talento este reconhecido desde que publicou o primeiro poema no Rio de Janeiro, no suplemento literário do *A manhã* em 1934, sob incentivo do amigo Oswald de Andrade e Jorge de Lima.

A publicação do seu romance de estreia *Os Brutos*, teve repercussão nacional. Localiza-se na fundação José Bezerra Gomes, vários recortes de jornais e revistas que nos permite perceber essa repercussão que teve o pré-lançamento e a posterior publicação. Sobretudo, nos jornais cariocas, mineiros e norte-rio-grandenses. Na análise de Vilma Nunes da Silva¹⁰⁵, “quando *Os brutos*

agradecimentos se encontram no livro do Centenário José Bezerra Gomes. SOUZA, 2011, p. 109.

¹⁰³ SOUZA, 2011, p. 55.

¹⁰⁴ Nascido em São José do Seridó-RN, foi um poeta, teórico da poesia, artista visual e professor do departamento de comunicação social da Universidade Federal Fluminense.

¹⁰⁵ SILVA, Vilma Nunes da. **Os Brutos**: tradição literária e memória cultural do Seridó. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005, p.33.

saiu da editora, teve uma boa aceitação crítica. Muitos críticos reconheciam a genialidade do escritor. Anunciou-se a chegada de um promissor romancista”.

Bezerra Gomes, nesse livro afirma-se um romancista de grande mérito que se inclui na série brilhante de escriptores nordestinos, como José Lins do Rego, Graciliano Ramons...etc.

(*Momento*-Belo Horizonte-12/09/1937).

Romanceando o cyclo da vida dos algodoaes nordestinos, o jovem escriptor fez uma obra que pela extensão do thema e humanidade das figuras o situa, sem favor, singularmente, no numeroso e forte grupo dos nossos modernos romancistas.

(*Folha de Minas*-Belo Horizonte- 02/05/1937).

Niguem pode contestar o valor de José Bezerra Gomes. O seu estylo pessoal, a maneira deliciosa de apresentar personagens. E a linguagem interessante, muito sua. Desabusado, dotado de uma inteligência sobejamente conhecida, destituído de pudor literário, o romancista de *Os brutos*, escreve humanamente sobre as miserias do atterro, de onde tio Lívio sae, doido, depois de assassinar a mulher que ama.

(*Folha de Minas*-Belo Horizonte-07/09/1937).

Figura carimbada nas rodas literárias de Belo Horizonte, essa estreia lhe rendeu muitos elogios, por outro lado, houveram críticas não tão positivas. O fato é que a publicação aguçou os olhares de um amplo número de críticos. O próprio Graciliano Ramos sugere ao autor que desse uma retocada no romance antes de publica-lo, tendo como resposta: “Não, se eu for retocar esse danado com o espírito de hoje eu findo é fazendo outro”.¹⁰⁶ Já o escritor, jornalista e crítico Oscar Mendes, não foi tão complacente em sua crítica.

O defeito máximo do livro do Sr. JBG é ter aparecido agora, que já passou a voga do livro avançado. É um livro que perdeu

¹⁰⁶ Esta nota saiu numa coluna escrita por Veríssimo de Melo, o mesmo afirma que Gomes escreveu *Os Brutos* ainda jovem, com seus 20 anos, época em que estava indo para Belo Horizonte. Notícia sobre o romancista José Bezerra Gomes. *O Diário*, Natal, 23 de março de 1943. (coluna Boa tarde)

a oportunidade, tivesse surgido ao tempo em que escrever pormenorizadamente cenas chocantes de baixo realismo, utilizar termos de esgoto, de preeminência, ao fenômeno sexual, era a última palavra em arte e em modernismo, a publicidade seria outra em torno do seu aparecimento.

(O *diário*- Belo Horizonte- 12/06/1938)

Para esse crítico, *Os Brutos* indica pelo seu próprio título, que deve tratar em sua trama de forma consistente sobre os trabalhadores do eito, os plantadores de algodão, a camada considerada rústica da sociedade. Os homens sem educação que estão longe da civilidade. Contudo, esses personagens são mencionados para compor a história do personagem principal, Sigmundo. Ao fazer referência aos brutos, a mãe do protagonista esbraveja: “Não o quero misturado com essa cabroeira, são os brutos do oco do mundo que não têm o que dar”¹⁰⁷. *Os brutos* vai além sem dúvida de um determinado seguimento social, o grotesco e o rude aos olhos de Gomes está em toda estrutura da sociedade. O cenário social e a representação literária lá feita, indica uma presença do autor, ainda que sob a ficção, atuando no texto.

Os elementos autobiográficos de *Os Brutos* não decorrem apenas da verossimilhança entre fatos que ocorrem na trama e em sua vida, mas também dos dados empíricos impressos nela, e dos sinais históricos e sociológicos. Da experiência que o autor esteve sujeito nesse processo que foi a transição econômica do mundo rural para o urbano, culminando na decadência dos senhores de terra. A lembrar que seu pai foi um rico dono de terras que passou por dificuldades econômicas e migrou para o Sul. O contato com a modernidade nos grandes centros, em contraste com a rusticidade do interior do Seridó. As lembranças de fatores históricos que é demonstrado por pequenos sinais em alguns trechos da obra, é que nos leva a perceber que o autor fala de si, reconstruindo uma história que se faz presente no seu imaginário, ainda que em parte, não a tenha vivido. E dessa forma, nos traz uma ampla representação do cenário seridoense dentro do universo que compõe os “vários brasis”.

¹⁰⁷ *Os Brutos*, p. 45.

Levou um considerável espaço de tempo para que suas obras mais importantes fossem publicadas, *Por que não se casa doutor?* (1944) e *A porta e o vento* (1974). Contudo, o jovem autor continuou a divulgar seu pensamento e sua poética de várias outras formas. Depois de Belo Horizonte, com sua volta a Currais Novos, manteve suas relações intelectuais com a mesma intensidade, sobretudo em Natal. Com os problemas de saúde que teve, passou a residir na rua Pajeú, 1730, bairro do Alecrim em Natal, junto a sua mãe, figura que o acompanhou por toda vida com o zelo que necessitava uma criança. Foi por longo tempo um intelectual bem relacionado, um dos homens de letras mais expressivos da sociedade seridoense. Nos seus últimos dias, já não gozava nenhum prestígio, enquanto esteve doente, alheio a sociabilidade, conta-se que não recebeu visita de nenhum dos seus amigos. Deu seu último suspiro no bairro da ribeira em Natal, no dia 26 de março de 1982.

Sua trajetória não apontava para uma posição decadente, para um silenciamento da sua história, de sua contribuição cultural e social, tendo em vista a soma do capital simbólico que o mesmo construiu ao longo da vida. A rede de amizades de outrora, não mais se fazia presente, findou com a “loucura” e a solidão. No auge do seu sucesso, foi discriminado pela sociedade currais-novense, tendo seu talento reconhecido apenas em 1990 com a criação da Fundação Cultural José Bezerra Gomes. Instituição que guarda suas memórias, e continua atuando na fomentação da cultura da região.

No ano de 1985 um grupo de ex-estudantes do Educandário Jesus Menino, tradicional escola privada de Currais Novos, se mobilizou em busca do resgate da memória de José Bezerra Gomes. E com o apoio da UFRN, Prefeitura Municipal de Currais Novos, Fundação José Augusto e o 8º Nucleo Regional de Educação do Estado, promoveu o “Seminário José Bezerra Gomes”. Foram reunidos vários conferencistas, em especial, professores de Currais Novos, que versaram sobre “as marcas ideológicas da obra do escritor”, “o poético e o real” nas suas obras, e sobre a relação de José Bezerra

Gomes e a cultura popular. Segundo Souza,¹⁰⁸ nasceu desse encontro à ideia da fundação.

A proposta foi levada ao Executivo da Prefeitura Municipal pela professora Nadja Maria Guimarães Menezes e a pela Presidência da Associação dos ex-alunos do EJM, mas não houve resultado imediato. A partir daí vários grupos de trabalhos foram criados para estudos sobre o projeto, que teria como principal finalidade, resgatar, conservar o acervo bibliográfico e documental do seu patrono¹⁰⁹ e de monumentos históricos, artísticos e paisagísticos de Currais Novos, assim como estudar os aspectos sociais, políticos e econômicos da região.

Instituída pela lei municipal 1.191 de 1990 no dia 28 de dezembro, teve sua inauguração apenas no ano de 1993. E até hoje está aberta a visitação pública. Além de museu e acervo documental, lá também funciona A Escola de Música Suetônia Batista, uma sala de leitura, biblioteca e a “casa do vaqueiro”, lugar construído nos fundos da fundação, com estilo rústico, de barro e taipa, e utensílios antigos, típicos do interior sertanejo.

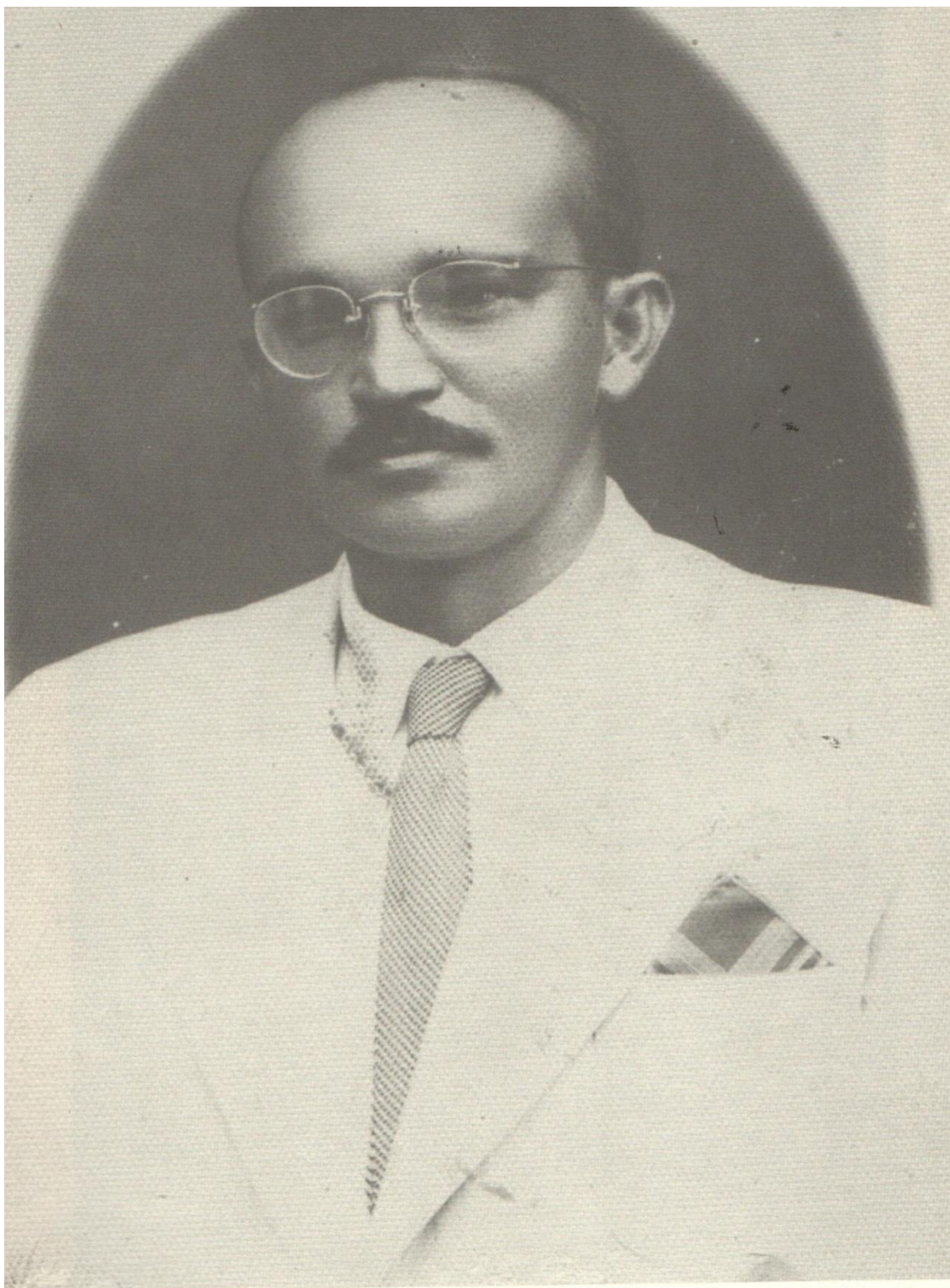
Devemos ressaltar que um ano após a instituição iniciar funcionamento, foi providenciado o traslado dos restos mortais de José Bezerra Gomes que estava no cemitério de Natal, para o cemitério público de Currais Novos. A própria fundação ficou responsável, e o cortejo dos seus restos mortais para o sepulcro, conferiu singelas homenagens. A institucionalização de José Bezerra Gomes, o trouxe a vida para a história de Currais Novos, assim como, o ato simbólico de enterra-lo na terra a que pertence, e fica nas palavras da Prof^a. Elizabete de Souza Araujo, em discurso de homenagem no sepulcro do autor, esse esforço para torna-lo vivo nas nossas memórias. “Esse instante se faz

¹⁰⁸ SOUZA, Joabel .R. de. **Centenário José Bezerra Gomes**, Currais Novos-RN, 2011 p. 137-141.

¹⁰⁹ Além da sua história intelectual e de obras que trouxeram visibilidade para o município, lembramos que o autor apresentou um projeto de lei criando a Diretoria de Documento e Cultura da Prefeitura de Currais Novos em 1948, época em que foi vereador. A fundação José Bezerra Gomes foi instituída com os mesmos objetivos propostos que haviam no projeto criado por Gomes, a fomentação da cultura.

inolvidável. Sejam sensíveis, a mais presente e concreta eternidade, a que subsiste, como chama na alma do poeta José Bezerra Gomes.”¹¹⁰

¹¹⁰Ibidem, p, 141.



JBG na maturidade, sucesso como escritor e advogado
(Arquivo FCJBG)

3-OS BRUTOS: ENTRE O REAL E FICCIONAL UMA CRÍTICA SOCIAL DO SERIDÓ

A ficção pode fornecer um tipo de conhecimento peculiar na dinâmica sócio-política do país. Pois, sendo fruto do processo histórico, a obra recebe influências efetivas do seu meio, e se configura como um sistema simbólico de comunicação inter-humana, dessa forma pressupõe do ponto de vista sociológico, a relação entre a obra, o autor e o público¹¹¹. O caráter político do romance está no teor ideológico apreendido pelo autor que pretende passar uma mensagem ao público por meio da sua obra. Nas palavras do sociólogo Antonio Candido, esses artistas são variavelmente, “incompreendidos, ou desconhecidos no seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor”.¹¹² Reconhecemos, portanto, que José Bezerra Gomes, sendo um sujeito à frente do seu tempo, incorpora na ousadia do seu discurso uma crítica social, aqui convertida numa fonte histórica, e apontada como uma denúncia.

Em *Os Brutos*, destacaremos o elemento social, atentando para o nível de denúncia que a obra invoca. Nos perguntado, em que medida essa obra expressa a sociedade, de que modo ela é social e preocupada com os problemas sociais.

Destacamos algumas impressões do autor: A relação entre o campo e a cidade, indicando o processo de transformações sociais e econômicas que ocorrem com a modernidade na região do Seridó Norte Rio Grandense; a crise da aristocracia rural algodoeira; educação e poder, demonstrando a percepção da condição social, ocorrendo por meio do saber; por fim, a presença da violência e da opressão marcada por uma herança colonial.

Ao longo do texto apresentaremos alguns personagens no intuito de analisar pontos importantes para por na discussão que pretendemos. O autor utiliza um nível de denúncia mais subjetivo, a trama nos conduz a perceber a

¹¹¹CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**, 9ª edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006, p. 31

¹¹² Idem, p. 47

crítica social apresentada por Gomes. O primeiro ponto a analisar diz respeito ao título da obra. Por si só emblemático, anuncia o significado social da proposta do autor.

Os outros trabalhadores, porém, trabalhavam a seco e o que ganhavam mal dava para comerem. Pegavam no serviço bruto de sol a sol. Não tinham descanso. Muitos tinham vindo do juazeiro do padre Cícero, como Antônio Sabino e seu Luciano, loiro. Outros eram do oco do mundo. Ninguém sabia donde tinham vindo. Viviam de lugar em lugar, derede nas costas, à procura de serviço. Trabalhavam um dia aqui, outro ali. O serviço do açude e do eito estava cheio deles, e mamãe não me queria conversando com nenhum. Eram uns brutos, como bichos, que anoiteciam num canto e amanheciam no outro. Não tinha religião nem temor a Deus e tanto lhes fazia fazerem o mal como o bem. Quantos já não eram criminosos? Desconfiavam de seu Avelino, que diziam que tinha o nome trocado e andava foragido da polícia pelo mundo afora. Era, porém, um dos melhores no serviço. Ganhava dois e quinhentos por dia, ele, João Acaciano e Felipe Caboclo. O resto do pessoal ganhava dois mil réis e menos. Os meninos e as apanhadeiras de algodão tiravam oitocentos réis e dez tostões, quando tiravam mais.¹¹³

No alívio, espaço rural onde se desenrola a trama do romance, é mencionado o termo *brutos* se referindo ao trabalhadores do eito e do açude, e num outro momento na voz de Branca, mãe de Segismundo, quando o repreende porque não o quer misturado com os trabalhadores do Alívio, a quem ela chama de “brutos do oco do mundo”. Exceto por essas duas vezes, não há outra referência direta ao termo.

Não existe um aprofundamento nos personagens, que pela etimologia do termo são diretamente mencionados como brutos. Mas ainda que estes não ganhem visibilidade, e não sejam protagonistas, fazem parte do universo que compõe a vida de Sigmundo, pois nessa trama, se aplica o olhar donarrador protagonista, sobre o mundo social que visualizou e participou de um locus privilegiado, mas que pondo em palavras esse saber, vivenciou também a exclusão. Nessa citação os personagens são apresentados de tal modo que

¹¹³ Os *Brutos*, p. 53.

podemos perceber uma denúncia sobre as condições de vida e de trabalho no campo. A própria classificação na estrutura social dos trabalhadores, forma uma pirâmide onde as mulheres e as crianças tem menos valor, anunciando a desigualdade dentro da desigualdade, e a representação da exploração levada a o último nível com o uso do trabalho infantil. Ora, os sujeitos que não tinham moradia, não tinham religião, são chamados de bichos, e tem pela ausência de informação sua identidade silenciada, estão sem dúvida em condição desumanizada, e por tanto, aparecem naturalmente nesse discurso como explorados e discriminados.

Entretanto, os brutos não são apenas os trabalhadores do Alívio, mas toda uma sociedade de brutos, de incivilizados, que analisada pelo olhar do autor, sinaliza a barbárie na ideia de atraso cultural. É a sociedade apegada a tradições religiosas, a preconceitos arraigados, que tratam ostensivamente João sacristão, personagem que encontra nas missas seu momento de elevação, mas que sente necessidade de dar prova de sua masculinidade, e ver-se obrigado a sair com uma das prostitutas do aterro. É o tio Lívio que mata Rica, mulher da vida bancada por ele, com uma facada no peito por ciúmes, como sinal de posse.

A brutalidade está na estrutura social que dissemina preconceito, desigualdade, ignorância e exclusão fundamentada na divisão de raça, de gênero e nas relações de trabalho, exclusão social instituída por meio do colonialismo presente na nossa cultura. Nesse sentido, grotesco é o atraso cultural do Seridó calcado na exclusão, ainda que essa seja uma projeção universal. Sociedade que longe do polo da modernidade, sem acesso a educação ou a bens culturais não incorpora os novos valores advindos do mundo moderno. José Bezerra Gomes, pertencente a uma das tradicionais famílias de Currais Novos, representa uma elite letrada, que teve acesso a educação e a um saber republicano e progressista, esse homem polido pelos grandes centros, assume um papel de porta voz da consciência, do despertar para os problemas sociais da região. E através do seu romance, registra a influência da modernidade e alguns elementos modernizantes se instalando nesse pequeno espaço do Seridó.

3.1-Representações da modernidade

Tendo como contexto ficcional a região do Seridó, os campos dos algodoads, e a pequena cidade de Currais Novos. O espaço representado no romance exprime a franca expansão econômica da região com a ascensão do algodão na economia regional, com uma posterior consequente crise decorrente da seca. Numa perspectiva histórica, a narrativa se passa num período de transição pela qual passou a sociedade brasileira, cujo eixo econômico muda do mundo rural patriarcal para o urbano. Nesse sentido, veremos representados atores que se encontram no conflito da tradição x modernidade.

A modernidade em uma de suas conotações está relacionada ao processo de desenvolvimento econômico e consequentemente à industrialização e urbanização. Contudo, conforme afirma Waldeci Ferreira Chagas “... a modernização das cidades também é resultante das questões culturais; o que incide na mudança, ou seja, na nova forma como os sujeitos apreendem o espaço e se relacionam com o meio no qual se encontram inseridos”¹¹⁴. Ainda que esse processo modernizador não tenha ocorrido com a mesma intensidade em todos os espaços, percebe-se que o romance de Gomes apresenta alguns sinais que inferem no plano econômico da cidade, bem como nas sensibilidades da sociedade em questão.

“Embora prioritariamente voltado para o mercado interno em favor das indústrias têxteis nacionais, o algodão norte-rio-grandense também encontrava colocação no mercado estrangeiro”.¹¹⁵ A região tinha participação econômica para além das fronteiras interioranas, sendo assim, havia uma emergência para que a cidade se adequasse as propostas progressivas da modernidade,¹¹⁶ a fonte analisada oferece alguns indícios sobre esse processo de modernização.

¹¹⁴ CHAGAS, 2010, p.39

¹¹⁵ Ver MACÊDO, M. K. de (1998). O algodão na economia seridoense. História do RN n@WEB [On-line]. Available from World Wide Web: <URL: www.seol.com.br/rnnaweb/>1998> Acesso em: 10/01/2015.

¹¹⁶ Quando falamos em desejo de mudança com a modernidade, nos referimos principalmente a elite local que tinham contato com os grandes centros. Essa geração tinha uma educação republicana e progressista, dessa forma, aliavam em seus discursos, propostas de progresso. Enfatizamos, que Currais Novos, ainda na categoria de vila na primeira década do século XX.

O algodão mocó¹¹⁷ foi por muito tempo marcante para a economia do Rio Grande do Norte, e enquanto se fazia forte no mercado, o algodão foi evocado pelos intelectuais da elite seridoense. No discurso regionalista seridoense podemos perceber a imagem do espaço algodoeiro sendo evocada. Gomes seria um dos quais tentaria compor o romance do algodão, assim como fez José Lins do Rego (1901-1957) com os romances da cana-de-açúcar. “Seu Tota estava de saída para Natal, ia buscar mais dinheiro nos bancos para fazer novos e bons negócios. Comprar algodão na folha era o mesmo que arrancar botija e não sabia mais o que possuía, tanto possuía”.¹¹⁸ No romance, seu Tota é o representante maior dessa economia em expansão. O personagem carrega consigo alguns signos da modernidade: o seu carro seria o primeiro a rodar pela cidade de Currais Novos, o seu chofer andaria bem vestido com uma postura própria dos grandes centros.

Seu Tota tinha chegado de Natal com muito dinheiro tirado dos bancos e o automóvel que tinha comprado para as suas viagens de negócio ainda estava parado na porta do escritório. Jesus, o chofer, debruçado na roda da direção, gozava orgulhoso o povo olhando admirado o carro.¹¹⁹

Para um leitor desavisado, talvez o nome do chofer (Jesus) não traga uma grande significação. Porém, observamos que o jogo de nomes no texto é evidente, esses nomes em certa medida denota uma combinação com os perfis representados pelos personagens. Numa crítica de Oscar Mendes¹²⁰, o uso do nome Jesus, assume um tom de provocação com o fito de fazer um humor de

Só veio receber alguns signos modernos como a energia elétrica, acesso a cinema e teatro, na segunda década do mesmo século.

¹¹⁷ O mercado deveria ser orientado para exportação internacional, somente o algodão "mocó", de fibra longa, poderia ocupar esse lugar de excelência no mercado exportador internacional, posto que se destinava à confecção de tecidos finos, no entanto, a produção foi orientada no princípio da exportação nacional que trabalhava com tecidos de baixa qualidade. A princípio duas variedades de algodão eram plantados no RN: o arbóreo ("mocó" ou "Seridó") e o herbáceo. O algodão "mocó" foi a variedade que melhor se adaptou aos sertões: por suas raízes profundas, era mais resistente às secas; por seu vigor, era uma variedade mais infensa às pragas e, por outro lado, produzia até por 8 anos. Em suma, era muito mais vantajoso que o herbáceo, que tinha um ciclo vegetativo muito curto - geralmente um ano e, além disso, mais suscetível a pragas. Ibidem, MACÊDO, 1998.

61 *Os Brutos*, p.21

¹¹⁹ *Os Brutos*, p. 16.

¹²⁰ MENDES, Oscar. O diário, Belo Horizonte, 12 de junho de 1938.

esquerda, típico da “escola”, o atrevimento se dá, uma vez que os atos do chofer (sedutor pernóstico) choca o leitor ao fazer aproximação com o nome. Visto por outro ângulo, a função de Jesus é tão importante quanto o nome que lhe foi atribuído. Chegara nas ruas de Currais Novos conduzindo um dos grandes elementos simbólicos da modernidade, um veículo motorizado, que exigia um saber técnico. Esse saber técnico era de crucial importância nesse momento histórico, e essa importância é refletida no seu nome. Macêdo ao trazer essa questão afirma, “o prestígio de Jesus advinha de sua intimidade com a maquina, o homem que domina a máquina, que detêm o monopólio do saber, do que se tinha de mais moderno. Ele é alçado pela maquina”¹²¹. O monopólio desse saber o tornava ainda mais importante que o próprio dono do carro, pois, no enredo ele era o único que sabia guiar o automóvel, com a chegada de outros automóveis, seu sucesso ia diminuindo entre as moças da cidade.

Outro símbolo emblemático que nos faz compreender as mudanças relativas à modernidade são os filhos das tradicionais famílias de coronéis que vêm estudados da capital, trazendo consigo novos códigos e costumes, e estes por fazerem parte de um espaço privilegiado acabam por instituir novos valores.

Seu Aproniano tinha um filho que acabara o curso ginasial no Atheneu e ia estudar Medicina na Bahia. Também estava sendo esperado um filho de seu Vivaldo, que vinha formado em Direito. O *progresso*, no dia da sua chegada, deu uma edição especial, com a fotografia na primeira página. Trazia uma notícia de duas colunas e seu Vivaldo, com o jornal debaixo do braço, lia para os conhecidos ouvirem com os olhos chorando de satisfação: Publicado hoje o retrato do Dr. Anor da Silva Pereira, prestamo-lhe porém sincera homenagem, antecipando a nossa participação nas demonstrações de inequívoco apreço que lhe esperam. O homenageado será recebido festivamente na entrada da rua, aos sons da banda de música e ao espocar de fogos do ar... No dia seguinte, dia de Natal, às oito horas, será celebrada na igreja, em ação de graças pela auspiciosa e brilhante conclusão do curso acadêmico do Dr. Arnor da Silva Pereira, solene missa cantada... Para este ato

¹²¹ MÂCEDO, Muirakytan Kennedy de. Imagens da Modernidade: Os Brutos. In: **Cadernos de História** – UFRN- Vol.02(janeiro/junho). Ed. Universitária UFRN, Natal. 1995. p.67.

de Santa Religião, em nome da comissão dos festejos, convidam as excelentíssimas famílias Currais Novenses.¹²²

No Brasil, nos primeiros anos da década de XX, ser moderno ou se sentir moderno era uma característica marcante no ambiente intelectual de então. Isso porque ser moderno significava, antes de tudo, tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico ou artístico. A maioria desses jovens que eram enviados por seus pais para estudar na capital retornavam influenciados pelos discursos progressistas, e pelos novos códigos modernos, contrapondo-se ao tradicionalismo rural. Esses intelectuais tornam-se detentores de um poder de mudança, os discursos dos jornais e revistas corroboram para a condução dessa modernidade.

Na citação acima o autor utiliza o trecho de um jornal cujo nome se chama *O progresso*. O próprio nome do jornal é emblemático, o personagem Dr. Arnor descrito como uma figura que, pelo seu contato com os centros irradiadores da modernidade, seria um dos seus representantes, é prestigiado pelo jornal, e, como mostra o trecho, à cidade iria recepcioná-lo com celebrações festivas e religiosas. Conforme evidenciada no jornal, a modernidade, que viria através da figura de Dr. Arnor, era muito bem vinda. Nesse caso, podemos inferir que assim como nos grandes centros, no período que compreende a narrativa de Gomes, Currais Novos já estava criando seu ideal de modernidade.

3.2-A falência dos coronéis

No romance, Bezerra Gomes divide a narrativa entre o espaço urbano e rural, a citação a seguir relata o drama de um senhor de terras, ou seja, refere-se ao segundo ambiente, onde os relatos estão mais voltados para a decadência econômica desse grupo. Muito embora, o romance faça uma ligação entre a queda na vida econômica e a mudança de alguns valores morais que são consequência do próprio processo histórico que acabaria por compor novos modelos de comportamento.

¹²²Os *Brutos*, p. 33-34.

As terras do velho Duca se chamavam o Condado e divisavam com o Alívio pelo lado do norte. Fora homem de fortuna e se casara com uma sobrinha. Agora andava na casa dos sessenta e a mulher podia ter uns trinta anos. Há dois anos que adoecera de uma perna e toda a prosperidade do seu condado, hipotecado a seu Tota, corria por água abaixo, com os roçados de cercas caídas e o mato crescendo cercando o casarão da sua fazenda abandonada.¹²³

No desenrolar do enredo o autor apresenta personagens que assumem dramas íntimos que afetam a família rural seridoense e seu meio de vida. Seu Duca, representa um nobre senhor de terras que vê seu mundo entrar em ruínas. Em contrapartida, percebe-se a figura de seu Tota, a todo momento, interferindo na vida desse senhores, o mesmo financiava empréstimos a juros, e em troca hipotecava as terras dos fazendeiros que recorriam a ele. Enquanto os donos de terra, plantadores de algodão viam seu mundo entrar em ruínas, a figura de seu Tota, o comerciante moderno, ficava cada vez mais rico. No enredo seguem outros personagens na condição de seu Duca, sendo um deles o pai do narrador, que ao perder suas terras migra para o sul em busca de novas condições de vida.

Ao longo do texto seguem-se personagens que representam um estigma familiar irreparável no que concerne a preservação da memória e identidade de da família. Quando o filho não era como personagem tio Lívio, protagonista de temáticas ligadas ao sexo, ao crime e a loucura, tinham também características contraditórias e desconcertantes.

Para tio Lucas não havia concerto. Não endireitava nunca. Vivia pelo mundo jogando e fazendo dívidas e a mulher e os filhos dentro da casa dos irmãos, comendo e vestindo. Tio Abdon era outro que só não estava na miséria, porque tinha uma grande estrela que o guiava e protegia. Perdia rios de dinheiro em jogo, mas era feliz e sabido nos negócios e nunca lhe faltavam as coisas... Na nossa família só se falava mal dos que não se aprumavam.¹²⁴

¹²³ *Os Brutos*, p. 48

¹²⁴ *Os Brutos*, p. 44

Os filhos desse patriarca, fazem parte de um novo momento, trazem consigo valores inversos aos costumes tradicionais. Retomando a discussão de Paula Rejane Fernandes¹²⁵ sobre a importância da preservação da memória para a continuidade da identidade de um grupo, observa-se que os personagens apresentados são incapazes de guardarem essa memória, tendo em vista que seus valores não mais ligados a tradição desasseguram a permanência da ordem que se pretende.

Meu pai, que jogava e botava tudo fora, estava sempre atrasado e devendo e, quando vovô morreu, os outros filhos encontraram num livro a sua dívida: devia mais de cem contos. No livro estavam até as dívidas de jogo que meu avô tinha pago por papai. E depois do inventário só lhe tocaram mesmo as terras abandonadas do Alívio e que nenhum dos herdeiros queria para si na partilha.¹²⁶

Cipriano, o personagem que herda as terras do pai, não terá condições de dar continuidade e fazer prosperar a parte da herança que lhe coube, estava atolado em dívidas e acaba perdendo suas terras para seu Tota, a quem ele devia uma quantia que havia pedido emprestado, justamente para poder seguir com suas plantações de algodão. Representado por um advogado, seu Tota expulsa Cipriano com a família da casa grande. Paula R. Fernandes ao analisar a trilogia de Gomes, trabalha com a questão das mudanças de sensibilidades e identidades no período de transição do mundo rural patriarcal para o urbano. Ela observa que “Os filhos dos senhores de terra são descritos quase em sua maioria como viciados em jogos, entregues a bebida e a vida desregrada, e são acometidos pela loucura. Isso é percebido principalmente nos romances *Os Brutos* e *A Porta e o Vento*”. Apresentando a ideia de que o autor associa o esfacelamento da família e da propriedade como se uma fosse necessária para manutenção da outra.

¹²⁵FERNANDES, Paula Rejane. **Entre a fluidez e a solidez:** Modelos identitários do Semiárido. FERNANDES, Paula Rejane. **Entre a fluidez e a solidez:** Modelos identitários do Semiárido. In: FALCÃO SOBRINHO, José; ALBUQUERQUE, Francisca Geane de (orgs). *Semiárido: Teoria, arte e cultura*. Coleções Mossoroense, Edições Universitárias, 2012. PP. 77-91.

¹²⁶*Os Brutos*, p. 42.

O colapso da moral familiar que fica bem evidenciada na obra de Bezerra Gomes tem relação com as transformações que vem ocorrendo no meio sócio-econômico, difundem-se novos valores e entram em declínio, não apenas um sistema econômico, que na obra é sinalizado pela decadência dos plantadores de algodão, fragmenta-se todo um sistema de valores que daria sentido a uma ordem desejada. Através da narrativa elaborada pelo autor, pode-se perceber os papéis sociais, políticos e econômicos de uma elite rural decadente, bem como de uma sociedade em transição. Essas mudanças vão incidir diretamente no plano privado, onde os papéis sociais são bem delimitados.

3.3-Lugares sociais entre o público e o privado

Pretendemos aqui destacar os lugares sociais e de gênero dentro da lógica patriarcal, explicitando diferentes papéis, mas dando ênfase às características e valores pertinentes à mulher, tais como serem as grandes responsáveis pelos cuidados dos filhos (relação mãe-filho) e a seu papel normativo atrelado ao lar, e aos homens aliado a força da masculinidade, tentando compreender como esse processo de subordinação se faz nas sensibilidades dos sujeitos que se escrevem e são inscritos na história. Ressalta-se, que por gênero referimo-nos ao discurso sobre as diferenças dos sexos. “Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais”.

Rica e a esposa do Barão

Faremos referência às janelas abertas por Gomes para explicitar alguns diferentes papéis que a mulher exercia na época, a princípio apresentando duas personagens que representam uma inversão de valores em relação a suas funções sociais. A primeira cujo papel é de uma prostituta, em toda narrativa relativa a ela o narrador demonstra admiração e respeito, pois a mesma se mantinha fiel ao seu homem. A segunda, dona de casa e mulher de família é colocada como adúltera e suja.

Muito antes de começar o espetáculo, já estava repleto e com a lotação esgotada. A família de seu Vivaldo e outras famílias sentadas nos camarotes, ao redor do picadeiro. E Jesus, que tinha entrado sentou-se nas cadeiras, perto das moças. Também estavam sentados no meio das famílias seu Barão e a mulher, que namorava os homens na vista do marido. As mulheres da vida do Aterro eram mais fieis aos seus homens e muitas pertenciam a um homem só como Rica de tio Lívio. Eram putas, moravam de casa aberta, mas respeitavam mais os seus amores do que ela, que era casada no padre e na igreja. A sua fama corria. Cortava o marido abertamente e contavam até que seu Barão se vestia com os cortes de roupa presenteados pelos machos de sua mulher. Prestava-se a tudo. Era quem levava e trazia recados dos homens para ela e muitas vezes ficava assobiando na sala, fingindo que não ouvia os suspiros da sua mulher vadiando mais os outros na cama, dentro do quarto, ali pertinho dos seus ouvidos.¹²⁷

Maria do Socorro Cipriano¹²⁸, tece uma discussão sobre a generalização da infidelidade feminina. Segundo a autora, a infidelidade seria mais temida se praticada pela “mulher casada” do que por uma mulher solteira, pois causaria a degeneração da família, a desonra masculina, o desvirtuamento dos filhos, futuros cidadãos e, por sua vez, a destruição da pátria, a partir de uma traição generalizada.

Portanto, pode-se dizer que na visão de Gomes, a esposa do Barão na prática dos seus desejos representa um perigo ao modelo patriarcal de família, enquanto que Rica a prostituta fiel, que também é descrita com minúcias de um caráter valorizado, que além de bela, era também responsável e generosa com sua família assume o papel da mulher pura. Pressupunha-se na “verdadeira feminilidade” segundo moldes da época, certa doçura, contenção, passividade, submissão... no olhar do autor a prostituta Rica teria essas virtudes.

A ambivalência dessas personagens que fica evidenciada através da inversão de valores aqui descrita reforça o desejo de manutenção da ordem, através da mulher domesticada. Observa-se que o profano e o sagrado trocam

¹²⁷ *Os Brutos*, p.17.

¹²⁸ CIPRIANO, Maria do Socorro. O adultério feminino e o fantasma da infidelidade(1920 a 1930). In: ABRANTES, Alômia; SANTOS NETO, Martinho Guedes dos(orgs). **Outras Histórias: Cultura e poder na Paraíba(1889- 1930)**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, p. 163.

de posição, a representação da “puta sacralizada e da dona do lar profana” também pode ser entendida como um aviso a crise da moral patriarcal. No entanto, a punição, no caso a morte, recai sobre a figura da prostituta, a mulher pública, transgressora da ordem. A esposa do barão ao contrário mantinha-se numa posição cobiçada, conforme fica claro na citação a seguir “Quem não os conhecesse e os visse agora juntinhos um do outro, no meio das outras famílias, haveria até de invejá-los: ele no branco e ela na seda, de mãos dadas como os outros casais”.¹²⁹

Amarrar a mulher a seu perfil normativo é uma das características presentes não apenas nessa obra seridoense do início do século XX. Observa-se que nos romances regionalistas, especialmente no Nordeste o papel feminino está estritamente atrelado a sua vida privada, a mulher mãe e dona de casa. Essa visão é presente em obras consagradas como a de José Lins do Rego ao trabalhar a temática dos engenhos e da cana de açúcar na Paraíba.

No romance de Gomes há uma série de características que têm relação com o livro *Menino de engenho* (1932) de José Lins do Rego.

A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Porque teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino cético, meio atormentado de visões ruins.¹³⁰

Os dois trabalham a dinâmica entre a cidade e o campo e os papéis atribuídos aos homens e mulheres na organização social desse meio, a violência contra a mulher é uma característica marcante. Em *Menino de engenho* o pai do narrador mata a tiros a esposa logo no início do enredo, em *Os Brutos* a figura do tio Lívio assassina a prostituta Rica a facadas, em ambos há também uma tia Maria que representa a figura materna em seu papel normativo, a diferença é que em Gomes, a Tia Maria é cruel, e submete o menino Sigsmundo ao mau trato, e abandono. Outra característica presente é a

¹²⁹ Os *Brutos*, p.17.

¹³⁰ REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 51ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. P.07

da sexualidade dos rapazes. Através do personagem Tio Juca, o narrador protagonista de Rego inicia o aprendizado no sexo, em Gomes ocorre com tio Lívio que se torna referência masculina no início do enredo. O tio Juca fazia filhos com as escravas do engenho, Sigismundo o narrador personagem de *Os Brutos*, inicia sua vida sexual com a filha da empregada da casa grande.

Esse breve diálogo comparativo entre as duas obras foi com a intenção de enfatizar o discurso que atribui o papel feminino a uma moral social que reforça a ideia de que as mulheres são seres submissos e inferiores aos homens, noção impressa pelo sistema patriarcal implantado desde o Brasil colônia e sustentado no processo histórico. As consequências da repressão feminina é fortemente assinalada nos dois romances, como se evidencia na violência masculina que ocasiona a morte das mulheres, bem como no uso dos corpos das empregadas para satisfazerem os desejos dos seus senhores.

É importante salientar que os quadros sociais aqui tratados não se configuram dentro de uma proposta homogenia, essas condições históricas não podem ser tomadas sobre uma perspectiva de linearidade, deve ser levado em consideração as descontinuidades. Ou seja, apesar do âmbito comparativo entre os dois autores, que fazem parte de um mesmo segmento literário, não podemos inferir que eles escrevam, pensem e vivenciem o seu contexto histórico da mesma forma.

Tio Lívio e a morte de Rica

Os personagens de Gomes, em parte, destoavam de um padrão “normativo e ideal”, padrão este que assegura ao homem um lugar de poder ligado aos valores patriarcais tradicionais, onde as mulheres participam tendo seu papel atrelado ao lar com representação maior na figura da mãe, que através dos filhos garantiriam a continuidade da tradição. Tio Lívio, é um dos personagens que ofenderia de sobremaneira a ordem moral da cidade: era desregrado, vivia com mulheres da vida, é acometido com doenças venéreas, torna-se assassino e depois louco, o que o leva a perder a benção do pai, e depois a prisão, o total abandono familiar.

Tio Lívio tinha chegado das Moradas, no meio de uma carga, para se tratar de moléstias do mundo com o Dr. Pires, médico. Estava branco como um papel e de tão magro os olhos lhe apareciam no couro... Pela primeira vez vi tia Maria receber uma pessoa da família do marido com alegria e satisfação. Era a alegria de ver tio Lívio naquele estado, pobre e comido de doenças do mundo, mesmo como desejava vê-lo: Era no que dava quem se perdia com mulheres da vida: acabava dali para pior.¹³¹

O narrador personagem que é representado pela figura de um menino, sente-se admirado por seu tio, é através dele que Sigmundo, tem seu primeiro contato com o conhecimento sexual. “Naquela casa eu era a única pessoa que se orgulhava de tio Lívio, e tinha vontade de crescer, e de ser homem, só para ser como ele: ter muitos filhos apanhados e muitas mulheres da vida”.¹³² O personagem Tio Lívio ganha uma certa visibilidade na primeira parte do romance, percebe-se que o mesmo caracteriza uma quebra de conduta tradicional, e ao mesmo tempo é um sujeito admirado entre os jovens da cidade. Mas tem um trágico fim, que por muitos foi atribuído a personagem Rica, como se a ação que ele cometeu ao mata-la não fosse culpa dele, mas antes, dela.

Rica era uma mulher da vida que tio Lívio tinha de casa montada no aterro e que andava na seda e pisando duro nas ruas de Currais Novos. Meu tio gastava um dinheirão para lhe satisfazer os caprichos e a puta vivia numa vida de mulher casada.¹³³

A doença de tio Lívio tinha subido para a cabeça e o ciúme tomado conta do seu coração. Vivia brigando com Rica, desconfiado de que a puta o traía com Jesus e a matou dormindo com uma facada no peito.¹³⁴

O assassinato de Rica está atrelado a um sentimento de ciúme e de medo por parte de seu tio Lívio, cujo perfil é de um homem másculo e viril que tem nas mãos as mulheres que quer e é admirado por isso. Ao pensar que

¹³¹ *Os Brutos*, p.23.

¹³² *Os Brutos*, p. 24.

¹³³ *Os Brutos*, p.18.

¹³⁴ *Os Brutos*, p. 35.

estaria sendo traído por Rica veria sua masculinidade ameaçada, pois o controle sobre o corpo feminino seria uma das posses essenciais para legitimação do poder masculino. Fato interessante na narrativa, no que diz respeito a morte de Rica, é que sua morte, é também a morte da sua história. Apenas as mulheres do aterro velaram o corpo, e nenhum legado ela haveria de ter deixado. Rica que fora tão admirada por Sigsmundo, agora estava esquecida, morta no enredo, morta para sociedade. O autor parece apreender a discriminação e invisibilidade social que passam algumas minorias oprimidas, a prostituta Rica representa uma ameaça social, e ter sido morta nessa trama, de um certo modo, não se configurava uma injustiça, mas um espécie de castigo.

Tia Maria , Dona Pureza e Dona Branca

Dona Branca, tia Maria e Dona Pureza, são três mães e três nomes que podem ser associados, ao sagrado, especialmente no caso de Branca, mãe do personagem principal, uma nobre esposa de dono terras, que se via em falência, ainda assim, branca.

Na esfera privada as mulheres detém uma função civilizadora com a educação dos filhos, onde as mães possuem um papel privilegiado. Portanto, ela exerce um poder sobre a família e sobre a sociedade, tanto para o bem, como para o mal, em relação a condução dos seus filhos. Não é de se estranhar que até hoje, culpem as mães pelo “desvio social” dos filhos, a relação mãe e filho foi uma construção histórica intensamente elaborada. Dessa forma, atentamos para a relação entre o familiar e o social, a mulher tendo como missão a reprodução da dinastia e a educação desse legado, se caracteriza como peça fundamental no que concerne aos dramas particulares de uma classe e a constituição de um projeto de nação. A moral deveria vir assegurada por essas mulheres, que assumindo o papel de cuidar dos pequenos cidadãos, estavam também construindo a nação.

Tia Maria era uma mulher triste mas tinha um dia de alegria.
Era quando era quinze de novembro e as aulas do grupo se

encerravam. O salão do grupo ficava cheio de flores que ela mesma enfeitava junto com as meninas.¹³⁵

Tia Maria foi descrita como uma mulher triste e rancorosa. “Tia Maria não era assim só com o Aldair. Era com todo mundo. Tratava mal até a pobreza e fazia conta até do resto da comida que sobrava da mesa”.¹³⁶ Negligenciada pelo marido, tinha como ocupação cuidar da casa e do seu filho Aldair. Sigsmundo que foi morar um tempo com seus tios, sentia-se abandonado pela tia. “Todo cuidado da minha tia era com seu Aldair. Rezando de dentro do quarto pela porta aberta que dava para sala da frente, não tirava os olhos do filho, sentado no sofá com o livro nas pernas decorando a lição”.¹³⁷

Na educação dos filhos a mulher exerce um lugar que lhe foi atribuído na própria constituição da estrutura social fincada também na desigualdade entre os gêneros, onde relegada ao espaço privado, tinha no cuidado dos seus filhos, a função mais importante. Essa condição imposta, que por muito tempo reforçou a negação da entrada das mulheres nos espaços públicos, e que repercute nas relações sociais das mulheres atualmente, foi também, nas palavras de Mary Del Priori, uma forma de resistência. Na educação dos filhos as mulheres encontraram um locus de domínio e resistência, podendo realizar-se por meio deles e constituir relações de poder favoráveis na esfera familiar.

E dona Pureza pensava então que era a mulher mais feliz da terra, assim recebendo aplausos pelo filho, que era o primeiro da classe no aproveitamento e comportamento. Vinham os outros meninos e recitavam outras poesias. Era um dia de felicidade para todos os pais de família de Currais Novos. Os que não tinham filhos no grupo traziam os filhos assim mesmo para que vissem como a educação era bela.¹³⁸

O filho de dona Pureza fora o escolhido para declamar a Pátria na comemoração do encerramento das aulas. A educação era um espaço fora da

¹³⁵ *Os Brutos*, p. 32.

¹³⁶ *Os Brutos*, p. 18.

¹³⁷ *Os Brutos*, p. 18.

¹³⁸ *Os Brutos*, p. 33.

alçada do lar onde as mulheres dessa época podiam interferir mais livremente. Seguimos a linha de pensamento de que o autor elabora o enredo fazendo a ligação entre educação, pátria e mãe. Trazendo o entendimento de que a construção da pátria amada está diretamente associada à figura da mãe, por meio dos futuros cidadãos. Convém ressaltar o próprio nome da personagem “Pureza” a figura da mãe está associada ao sinônimo daquilo que é puro, imaculado. Sendo assim, a mulher que não representa essa pureza e civilidade, torna-se um desvio social, de maneira mais ampla, uma ameaça à sociedade.

Mary Del Priori ao fazer uma análise sobre os discursos, especialmente o médico e religioso, percebe que este fazia parte da lógica do processo civilizador, sobretudo criando normas de comportamento e ditando hábitos, como também lugares na sociedade, discurso esse que alimentou de sobremaneira a desigualdade entre os sexos: “Adestrar a mulher fazia parte do processo civilizatório, e no Brasil, este adestramento fez-se a serviço do processo de colonização”.¹³⁹ Delegava-se a mulher, através dos discursos normativos, apenas o papel de mãe e dona de casa, na tentativa de traçar um perfil social de fácil adestramento. Em contrapartida, as mulheres amarraram práticas culturais e de representações simbólicas que lhe asseguraram através da maternidade um poder que cabia apenas a elas.

Para além de toda exclusão, discriminação e opressão, Dona Branca, e as outras duas mães, representantes de tantas outras mulheres, tinha um papel assegurando na hierarquia social, o de educar os filhos. Entretanto, a educação formal, aquela que poderia assegurar um lugar social de prestígio a essas crianças, não se estendiam a todas as crianças, conforme vimos na citação acima. “Os que não tinham filhos no grupo traziam os filhos assim mesmo para que vissem como a educação era bela”.¹⁴⁰ Cuidar da família e assegurar que seu filho Sigsmundo estudasse era a prioridade de Dona Branca.

Não quero você misturado com essa cabroeira, são os brutos do oco do mundo que não tem o que darem. Não me queria na

¹³⁹ DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympo, 1993, p. 18.

¹⁴⁰ Os Brutos, p. 33.

companhia deles que me podiam botar a perder. E dera pra me vigiar feito tia Maria com seu Aldair de tranças de boneca. Protegia-me de todo modo. E para me afastar da vida do Alívio, da cabroeira do eito, me iludia dizendo que ia no fim do ano para o colégio em Natal. Nem ela, nem papai me queriam para o cabo da enxada e haviam de me educar, mandando-me para os colégios e academias.¹⁴¹

Observa-se a distinção que há entre o filho de Dona Branca, em relação aos trabalhadores do Alívio, os “brutos que não tem o que darem”. Aqui fica claro que a mentalidade da aristocracia, ainda que em falência, tinha a obrigação de dar continuidade a tradição e os postos que lhe são atribuídos. Os trabalhadores, e seus filhos, não tinham essa possibilidade de acesso à educação. Não cresceriam para serem doutores como Sigmundo que havia chegado da cidade, após cumprir a primeira etapa da sua fase estudantil. No próprio tratamento recebido pelos trabalhadores do eito, tinha seu futuro prenunciado. “Cícero Cacheado, porém, um cabra que tinha vindo do juazeiro do padre Cícero, me tratava pelo doutor, por que eu tinha vindo dos estudos”.¹⁴² E assim, ele era chamado por Cícero, de doutor, doutorzinho.

Atentamos para o uso da linguagem como símbolo de distinção. A jornalista Eliane Brum¹⁴³ explica que historicamente, o termo “doutor” se entranhou na sociedade brasileira como uma forma de tratar os superiores na hierarquia socioeconômica – e também como expressão de racismo. “Ou como a forma de os mais pobres tratarem os mais ricos, de os que não puderam estudar tratarem os que puderam, dos que nunca tiveram privilégios tratarem aqueles que sempre os tiveram”. O uso do termo não foi utilizado por Cícero ao acaso, o aprendizado de expressões simbólicas que afirmam a superioridade de uns em relação aos outros, foi configurada justamente para assegurar as diferenças. Para Cícero, doutor era quem tinha vindo do estudo. Ao tratar Sigmundo por doutor, ele se reconhece como não doutor, pois não teve

¹⁴¹ Os *Brutos*, p. 48.

¹⁴² Os *Brutos*, p. 47.

¹⁴³ BRUM, Eliene. Doutor advogado e doutor médico: até quando? Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/09/doutor-advogado-doutor-medico-ate-quando.html> Acessado em: 10/07/2015.

estudo, e nos apresenta, o foço que há entre eles dois, Cícero era um autentico bruto para Dona Branca. Porém para Sigsmundo, havia ali uma relação de saberes, pois, Cícero era seu professor de safadezas, seria com ele que aprenderia os primeiros passos para sua iniciação sexual.

O uso da língua é algo importante para dizer algo sobre alguém, sobre a forma que ela apreende o mundo. Destacamos mais um episódio relevante, no que diz respeito ao tratamento do outro. Observamos que Cícero, o trabalhador do eito chamava Sigsmundo de doutor, agora era o funcionário Deusdado, o encarregado da fazenda de Pai Totônio, o patriarca da família que havia de usar na língua outro símbolo de distinção. Reproduzo uma rápida conversa entre Totônio e Deusdado: “Cadê compadre Canuto e os outros que não vejo? Terão abandonado o serviço antes da hora?– Foram embora. Meu branco botou tudo pra fora hoje cedo”.¹⁴⁴ Seu Totônio na sua caduquice, demitia os trabalhadores todos os dias, e dava a Deusdado, a função de busca-los de volta. Mas o que observamos no uso da língua, é que o trabalhador se refere a seu Totônio, por “meu branco”. Sinal étnico de distinção, ainda que não saibamos a etnia do trabalhador, sabe-se que a elite rural, apenas o sujeito branco, tinha terras e propriedades. O tratamento étnico, ou seja, o branco, o preto, o caboclo, serve para expressar uma diferença vivida nas relações sociais.

João Sacristão e a questão da sexualidade

No prefácio de *Os Brutos*, Ney Leandro de Castro ao falar sobre o episódio 6, em que sacristão sente-se obrigado a ir a procura da descoberta do sexo, afirma que “em apenas 3 páginas, o autor mostra o perfil psicológico de sua aldeia, onde a população traz sob suspeita o rapaz solteiro cujo o prazer maior ele encontra na hora da elevação da missa aos domingos.”¹⁴⁵ João era ajudante de missa na paróquia da cidade,

Porém tinha um desgosto na vida. Os rapazes diziam que ele nunca tinha feito e lhe chamavam de “Zé Munheca”. Vivia moído por dentro com o apelido que a rapaziada lhe botara e estava resolvido a afastar aquela suspeita da sua vida de moço solteiro. Levou uma semana pensando como havia de fazer. Só

¹⁴⁴Os *Brutos*, p. 60.

¹⁴⁵Os *Brutos*, p. 11.

mesmo dando uma prova. Acabaria assim a suspeita dos outros rapazes e passaria de cabeça erguida por todos os moços de Currais Novos.

[...] Queria que todos o visse saindo do aterro. Uma alegria estranha tinha tomado conta do sacristão. Na esquina havia uma roda de rapazes parados. Todos conhecidos de vista. Não tinha, porém, intimidade com nenhum. Mesmo assim chegou para perto e interrogou-os. Se uma mulher morena e baixa daquela casa (e apontou a casa) estava doente, pois tinha estado com ela. Os rapazes olharam uns para os outros e o sacristão saiu andando. Pouco lhe importava que a puta com quem tinha estado estivesse doente. Até gostaria que estivesse e ele ficasse também. Andaria então de pernas abertas pelas ruas de Currais Novos e todos ficariam sabendo por que é que estava doente e amarelo.¹⁴⁶

A questão da sexualidade é um tema frequente em *Os Brutos*, no caso específico do personagem João sacristão, observa-se que o autor traz uma representação de um drama existencial referenciado pela questão da homossexualidade. Uma categoria que no momento não tinha possibilidade de ser aceita. Ao dar prova da sua masculinidade, João estaria assumindo o lugar na sociedade que lhe era assegurado. Pois, para ser enquadrado, o sujeito tem que adotar comportamentos, posturas próprias da sua condição binária de gênero. No caso do homem, afirmar sua masculinidade com a iniciação sexual ainda cedo, era um elemento presente e está representado no romance tanto na figura de João, como com Sigsmundo e outros personagens que servem como referenciais. A mulher, cabia a condição de submissão, de passividade, cordialidade.

João foi o personagem que escolhemos para analisar por último, por que ele seria um dos exemplos mais emblemáticos da condição de oprimido, no que diz respeito à mentalidade do grupo social representado, no tocante a questão de gênero. Os preconceitos arraigados, a desqualificação do sujeito que está excluído por não seguir o padrão, e a necessidade de autoafirmação, todos esses elementos contribuem para compreendermos que a sensibilidade do autor estar em projetar os medos e os sentimentos em seus personagens com dramas sociais inerentes a uma condição imposta social e culturalmente.

¹⁴⁶ *Os Brutos*, p. 26-27.

No cenário que transitam seus emblemáticos personagens é possível perceber as tramas inerentes à vida humana, sobretudo no que se refere à condição humana no seio das relações sociais. Nesse contexto específico, em que Bezerra Gomes assume em sua ficção um caráter social e de denúncia, seus personagens são representativos de uma sociedade marcada pela “brutalidade” como bem caracteriza o título da obra, levando-nos a perceber no enredo e nos tipos humanos apresentados pelo autor as formas de preconceitos e individualidades que privam o ser humano de enxergar o outro.

Logo ao analisar seus personagens nos deparamos com situações típicas de um ambiente marcado pelas injustiças sociais, sinalizados nos seus dramas individuais, que por extensão representa toda uma realidade cuja denúncia foi marca registrada na literatura de 1930. Portanto, enquanto registro histórico a obra reflete um resgate a cultura nordestina evidenciado na inserção de elementos pertencentes a esse universo e ao mesmo tempo, enquanto manifestação literária ela exprime uma visão particular que traz consigo memória, vivência e crítica social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um diálogo entre a história e a literatura, indicamos que a mesma pode ser usada como fonte para responder perguntas formuladas pelo historiador. Que é tomada a partir do autor e de sua época, nos dando pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo. Dentro dessa proposta, compreendemos que um historiador(a) interessado(a) em discutir representações da sociedade a partir de um autor e uma obra, não deve estabelecer hierarquia entre a história e a literatura, mas antes, precisar de onde se estabelece as perguntas.

Se uma das tarefas do historiador reside em elaborar perguntas. Começamos nos perguntando em que medida *Os Brutos*, poderia expressar a sociedade seridoense e constituir a identidade desse grupo, dessa região e de que forma esse estudo contribuiria para os direitos humanos. Alguns autores nos auxiliou a pensar em respostas, iniciamos com Pesavento, que nos indicou os caminhos para percorrer no trato dessa fonte. Segundo ela, transformar uma obra literária em documento histórico se justifica por que,

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis e valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido?¹⁴⁷

Essa pesquisa sobre o romance *Os brutos*, nos auxiliou a entender que a literatura enquanto objeto estético e instrumento simbólico, atravessa questões importantes para os direitos humanos. Se por um lado, ela fala sobre a sociedade, por outro, ela contribui para formar a sociedade. A fruição da literatura pode ser vista como uma prática de emancipação humana, pois atua

¹⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3ª edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 35-41, p.82-83.

na transformação cultural da sociedade. E foi precisamente neste ponto, que a historiadora Linn Hunt discutiu sobre a contribuição desse elemento para a construção de uma nova ordem política e social, que desembocou na elaboração das declarações de direitos que foram base para se pensar os direitos humanos tal como conhecemos hoje.

A utilização da literatura como uma proposta para se pensar os direitos humanos, encontra em Antonio Candido a confirmação de uma maior legitimidade para este trabalho. O autor nos aponta duas formas de se pensar essa relação. Primeiro, ele aponta a literatura como necessidade universal, pois, ao dar forma aos sentimentos e a visão de mundo, ela nos organiza, nos humaniza. Segundo, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento social, pelo fato de focalizar a situação de restrições de direitos, ou da negação deles.”¹⁴⁸

A literatura de 30 produziu romances de tonalidade social, caracterizados por expressar realidades regionais, teria uma tarefa fundamental para os direitos humanos, a de expor e denunciar as desigualdades sociais, marginalizações, exclusões e espoliações econômicas, produzindo assim, sentimentos de alerta a tais problemas.

Autor e obra fazem parte de um projeto estético literário, sendo assim, essa pesquisa nos deu a possibilidade de alcançar o entendimento sobre o fenômeno do regionalismo como um processo implicado a construção da identidade nacional. Dessa forma, podemos refletir a constituição da nação articulada à construção de um projeto político orientado por meio de instrumentos que criam um sistema articulado de representações simbólicas. Tratou-se, pois em sentido mais amplo, em apreender as modalidades que estão a serviço dos projetos nacionais, que imbricados ao sistema global, não se dissocia da esfera local ou regional. Sendo a literatura um desses instrumentos, pudemos abordar a relação da literatura regionalista dentro desse projeto político e nacional.

¹⁴⁸ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 186.

A literatura regionalista surge no contexto de busca por uma identidade nacional, e atuou como um projeto de resistência a um determinado modelo cultural para a nação. Na eminência de afirmar sua identidade, e assim, se configurar como modelo nacional, os escritores nordestinos vão criar as múltiplas identidades regionais, figurando, sobretudo, a realidade local.

Nessa configuração, o Seridó surge como uma região dentro de uma região. Tanto é, que no Rio Grande do Norte, não existe nenhuma outra região que adjetive seus habitantes dentro de uma identificação regional. As pessoas que residem no Seridó são chamadas de seridoenses, e se reconhecem como seridoenses. A região se constituiria desde o momento da ocupação colonial, com a pecuária, com o algodão, mas foi nas disputas por poder entre o litoral e o sertão em fins do império e início da primeira república que a singularidade da região se sobressaiu. Os discursos que se produziram para construir a identidade do sertanejo pertencente ao Seridó potiguar está diretamente ligado a essas disputas, que trataram de criar elementos simbólicos para fortalecer a identidade sertaneja.

O algodão, o homem e a terra formaram o tripé da identidade seridoense. O “ouro branco” do sertão foi tão evocado nesses discursos de integração do sertão a nacionalidade, que até hoje, apesar de não ter mais mercado significativo no Seridó, continua vincadamente marcado a identidade sertaneja. José Bezerra Gomes faz parte desse contexto, e nos traz representações dessa constituição por meio de *Os Brutos*. O discurso literário também atua como elemento simbólico, e nesse caso, o autor cumpre a função de apresentar o Seridó à nação. Dessa forma, fica a reflexão de como forjamos nossas identidades nacionais e regionais.

José Bezerra Gomes atuou registrando a história da região em seus escritos. Seguiu pesquisando, etnografando a cultura sertaneja, se debruçando sobre o folclore, e romaneando o espaço, deixou clara sua intenção de valorizar a cultura local. Nos romances, periódicos de jornais, e nos poemas, deixou impressa sua alma sertaneja.

Um homem culto, diga-se de passagem, ciente das coisas sertanejas, quer na língua dos ‘brutos’, avoenga de velhas

sabedorias, ou nos registros acadêmicos e demais alfarrábios, Jose Bezerra Gomes segue pelo Sertão [...], ouvindo mamulengueiros, repentistas, matadores de onça, gente do eito: cada um a seu modo, em travessia... Ante o fascínio do Sertão! Poeta, não se absteve de cantá-lo, como sempre, por meio do lirismo telúrico e solene que se maravilhava frente à beleza da paisagem para traduzi-la depois em matéria estética.¹⁴⁹

Mas foi a partir de sua experiência literária com *Os Brutos* que surgiu nossos questionamentos sobre a sociedade da época, sobre as formas de sentir e agir dos tipos humanos que ele traz representados. No exercício de sua prosa, ele narrou os dramas da seca, fez um retrato do homem do campo, falou dos costumes, das tradições, dos valores, e da economia algodoeira situada no Seridó. Numa nítida crítica a sociedade, expôs problemas sociais como as relações de desigualdades, no tocante a questões que envolvem gênero, sexualidade, raça, divisão de classes, a delimitação dos espaços sociais atribuídos a cada um, e os valores morais que definiam o comportamento social. O autor é detentor de um nível de denúncia sutil, que ocorre por meio da exposição das desigualdades e da crítica à mentalidade e o comportamento desse grupo. Se configurando, como um “figurante de uma luta virtual pelos direitos humanos”.

Cada sociedade ou grupo social possui conjuntos de práticas culturais que dizem como os homens e as mulheres pensam, sentem e se portam diante do seu grupo. A literatura é um espaço privilegiado para que se possa perceber essas práticas e sensibilidades. Os discursos, juntamente com as práticas simbólicas, determinaram os papéis sociais dos sujeitos dentro do processo histórico. Nesse sentido, a literatura de Gomes tem importância fundamental na caracterização do Seridó Potiguar, bem como para aqueles que se interessam pelos espaços que tecem as relações construídas historicamente.

¹⁴⁹Essa menção foi feita por Francisco Mágnio de Araújo em prefácio ao Centenário de José Bezerra Gomes, SOUZA, Joabel .R. de. **Centenário José Bezerra Gomes**, Currais Novos-RN, 2011, p.12.

Ter a oportunidade de problematizar a relação entre a história, a literatura e os direitos humanos a partir de *Os Brutos* e do seu autor, nos deu a possibilidade de trazer uma reflexão que está diretamente ligada aos direitos humanos. Para além de um instrumento que cria um sistema articulado de representações simbólicas, podendo simultaneamente criar uma “comunidade de sentidos”, e por isso, despertar a empatia ou mesmo constituir identidades. A arte literária serve como instrumento para emancipação humana, e por isso, ela é tão importante quanto atual, no que concerne um debate sobre os direitos humanos. “A literatura é um direito humano”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **O Espaço em Cinco Sentidos**: sobre cultura, poder e representações espaciais. In: Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008. pp. 97-124.

ANDRADE, Juciene Batista Felix. **Caicó**: uma cidade entre a recusa e a sedução. Dissertação (mestrado), Programa de pós-graduação em história. Natal, 2007.

BENEVIDES, Maria Vitória. **Cidadania e direitos humanos**. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. Texto disponível em: www.iea.usp.br/artigos Acessado em: 01/07/2015.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRUM, Eliene. Doutor advogado e doutor médico: até quando? Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/09/doutor-advogado-doutor-medico-ate-quando.html> Acessado em: 10/07/2015.

BURITI, Iranilson. **Gritos de vida e de morte**: a decadência dos senhores de engenho nos discursos regionais. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade federal de Pernambuco.

CANDIDO, Antonio. **A revolução de 1930 e a cultura**. In: A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura e sociedade**, 9ª edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Literatura e subdesenvolvimento**. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162:

_____. **O direito à literatura.** In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004, pp. 169-191.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTOR, M. M. Bartolomé Ruiz. **Os direitos humanos como direitos do outro.** In: **Direitos humanos na educação superior:** Subsídios para educação em direitos humanos na filosofia. UFPB, João Pessoa, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro, 1ª edição, Editora Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **Debate Literatura e História.** IN: Revista Topoi. Rio de Janeiro, nº1, 2000. pg. 197-215.

CIPRIANO, Maria do Socorro. O adultério feminino e o fantasma da infidelidade (1920 a 1930). In: ABRANTES, Alômia; SANTOS NETO, Martinho Guedes dos (orgs). **Outras Histórias:** Cultura e poder na Paraíba (1889- 1930). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympo, 1993.

FERNANDES, Paula Rejane. **Entre a fluidez e a solidez:** Modelos identitários do Semiárido. In: FALCÃO SOBRINHO, José; ALBUQUERQUE, Francisca Geane de (orgs). **Semiárido:** Teoria, arte e cultura. Coleções Mossoroense, Edições Universitárias, 2012. PP. 77-91.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista.** 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

GOMES, José Bezerra Gomes. **A Porta e o Vento.** In: Obras reunidas: romances. Natal, EDUFRN, 1998.

_____. **Os Brutos.** IN: Obras reunidas: romances. Natal, EDUFRN, 1998.

_____. Por que não se casa doutor? IN: Obras reunidas: romances. Natal, EDUFRN, 1998.

_____. **Teatro de João Redondo.** Fundação José Augusto, Natal-RN, 1975.

_____. **Antologia poética.** Fundação José Augusto, Natal- RN, 1974.

_____. **Sinopse do Município de Currais Novos.** Natal- RN, Gráfica Manimbu, 175.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos:** uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACÊDO, Helder Alexandre de Medeiros. **Seridó Potiguar:** Tempo, espaços e movimentos. Ideia, João Pessoa, 2011.

MACÊDO, M. K. de. **A penúltima versão do Seridó:** Uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.

MACÊDO, Muirakytan K. de. **Tudo que brilha é ouro-branco** – as estratégias das elites algodeiropecuarísticas para a construção discursiva do Seridó norte-rio-grandense. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 03. N. 06, out./nov. de 2002 – Semestral ISSN -1518-3394 Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme96. Acessado em: 10/01/2015.

MARCOS, Eidson Miguel da Silva. **De Cabo Verde ao Rio Grande do Norte:** Identidade étnica e social em famintos de Luiz Romano e Os Brutos de José Bezerra Gomes. Campina Grande-PB, 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e interculturalidade) – UEPB.

MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. **Um país sem graça:** Graciliano Ramos e a interpretação de um Brasil moderno (1915-1953). São Paulo, 2014. (Tese de doutorado) Universidade de São Paulo- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História Social.

NETA, Olivia Maria de Medeiros. **História, Escrita e Espaço:** configurações do Seridó Potiguar. Associação Nacional de História– ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

PEQUENO, Marconi. Sujeito, autonomia e Moral. In: GODOY, Rosa Maria Silveira, et al. **Educação em Direitos Humanos**: Fundamentos teóricos-metodológicos. João Pessoa, UFPB, pp.187-207.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: Operários, Mulheres e Prisioneiros. 3º edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 3ª edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 42.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURRAIS NOVOS. **José Bezerra Gomes sua vida e obra**. Currais Novos, julho 1994.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 51ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**. Volume 2: de Calmon a Bomfim. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SCOTT Joan. História das Mulheres. IN: BURKE, Peter (org). **A escrita da História**. São Paulo:Ed. Unesp, 1991.

SILVA, Vilma Nunes da.**Os Brutos**: tradição literária e memória cultural do Seridó. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2005.

SILVA, Vilma Nunes. **Os brutos**: escrevivências de um escritor de província. Revista da faculdade do Seridó, v.1, n.0, jan./jun.2006

SIRINELLI, Jean François. **Os intelectuais**. RÉMONDE, René (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, P. 259-261.

Sistema de Informações Territoriais (<http://sit.mda.gov.br>). Acessado em 01/07/2015.

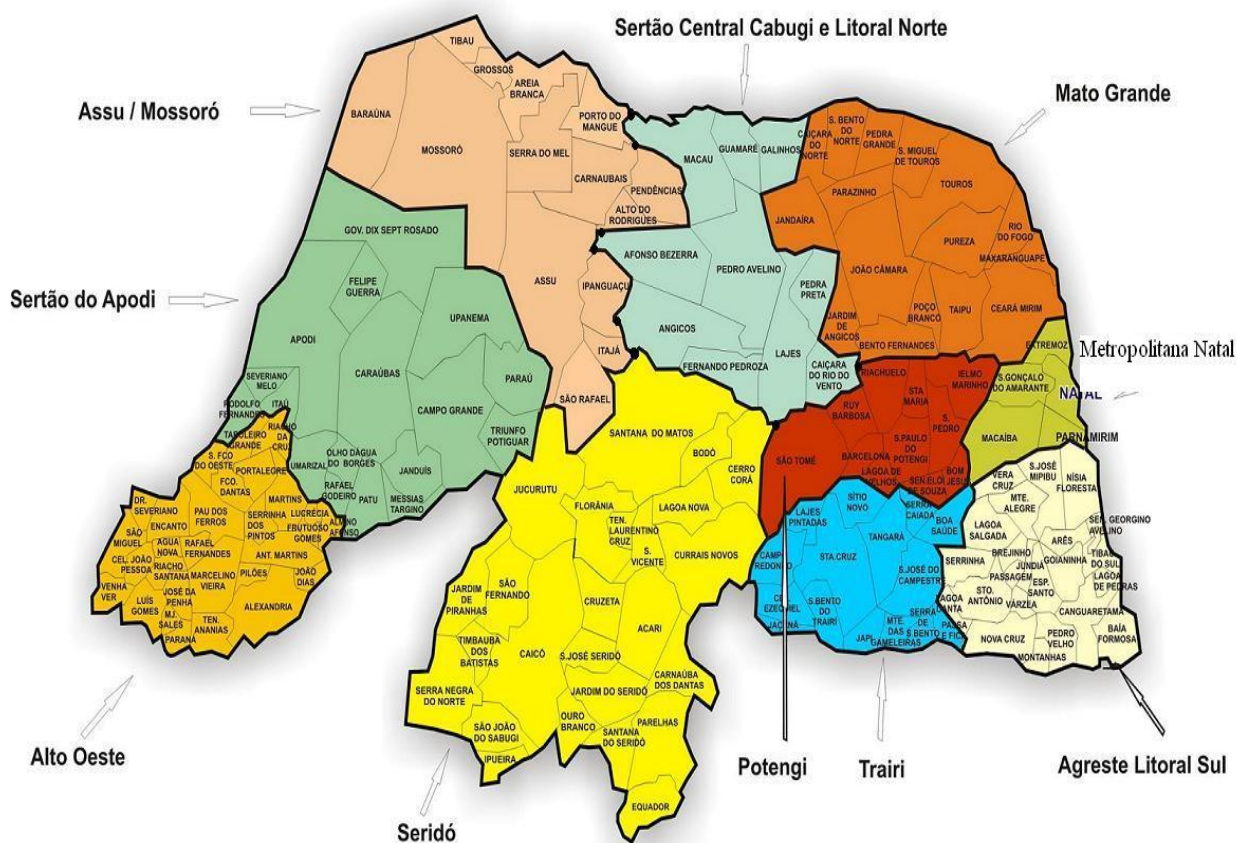
SOUZA, Joabel .R. de. **Centenário José Bezerra Gomes**, Currais Novos-RN, 2011.

TOSI, Giuseppe. O que são esses “tais de direitos humanos?” In: **Direitos humanos na educação superior**: Subsídios para educação em direitos humanos na filosofia. UFPB, João Pessoa, 2010.

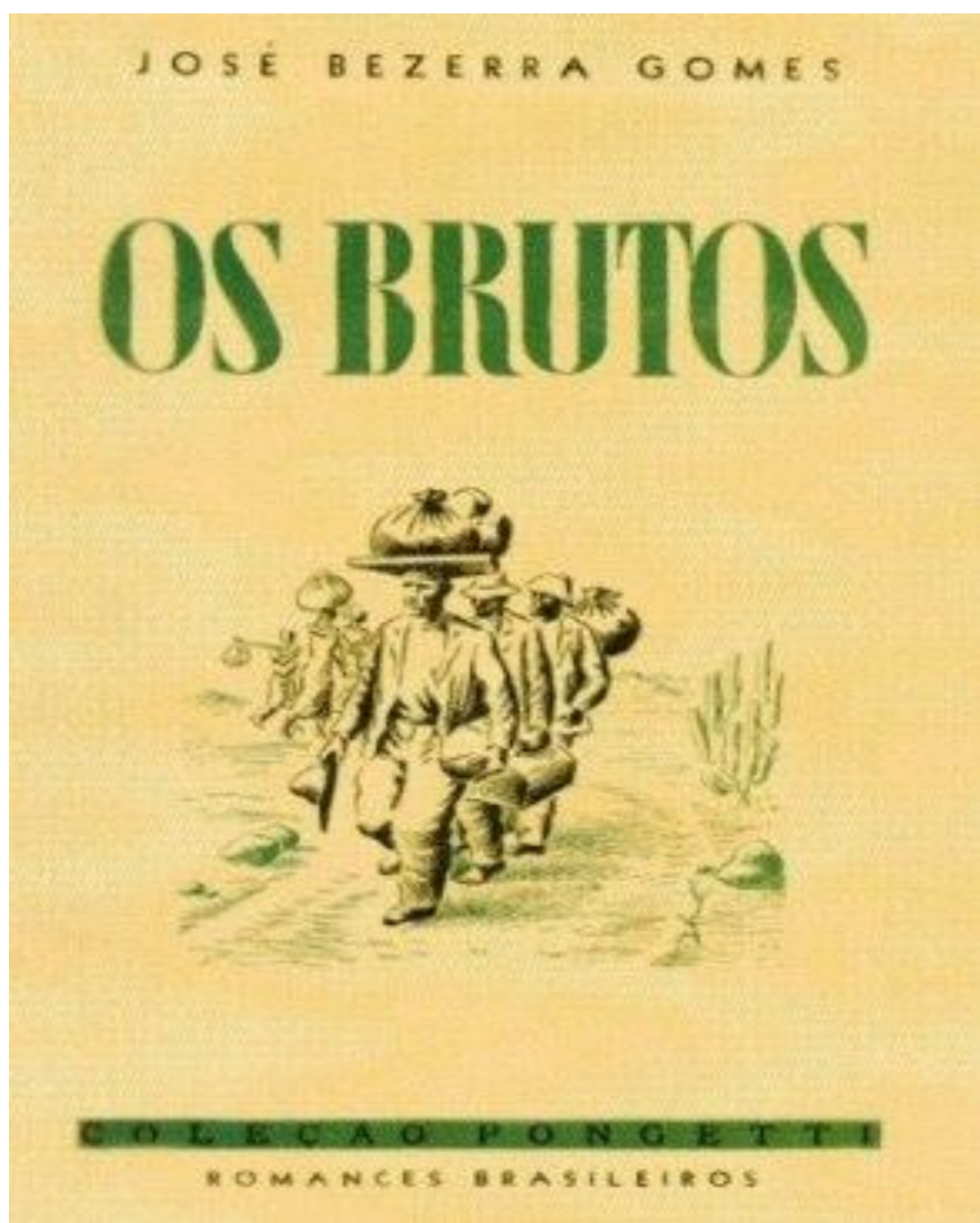
VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**/ Rio de Janeiro : Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil , 1987 .

ANEXO A –MAPA

RIO GRANDE DO NORTE



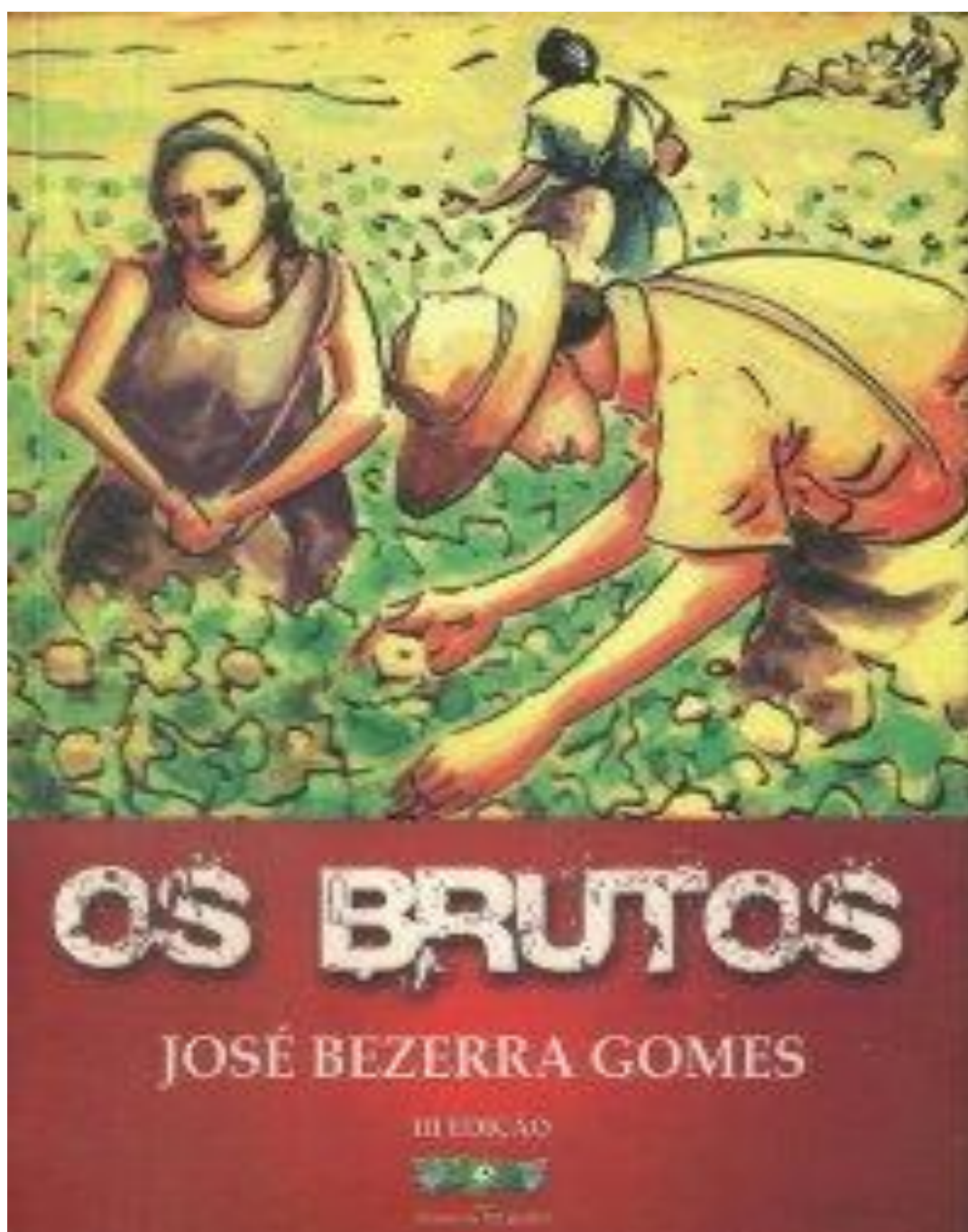
ANEXO B – CAPAS DAS EDIÇÕES DE OS BRUTOS



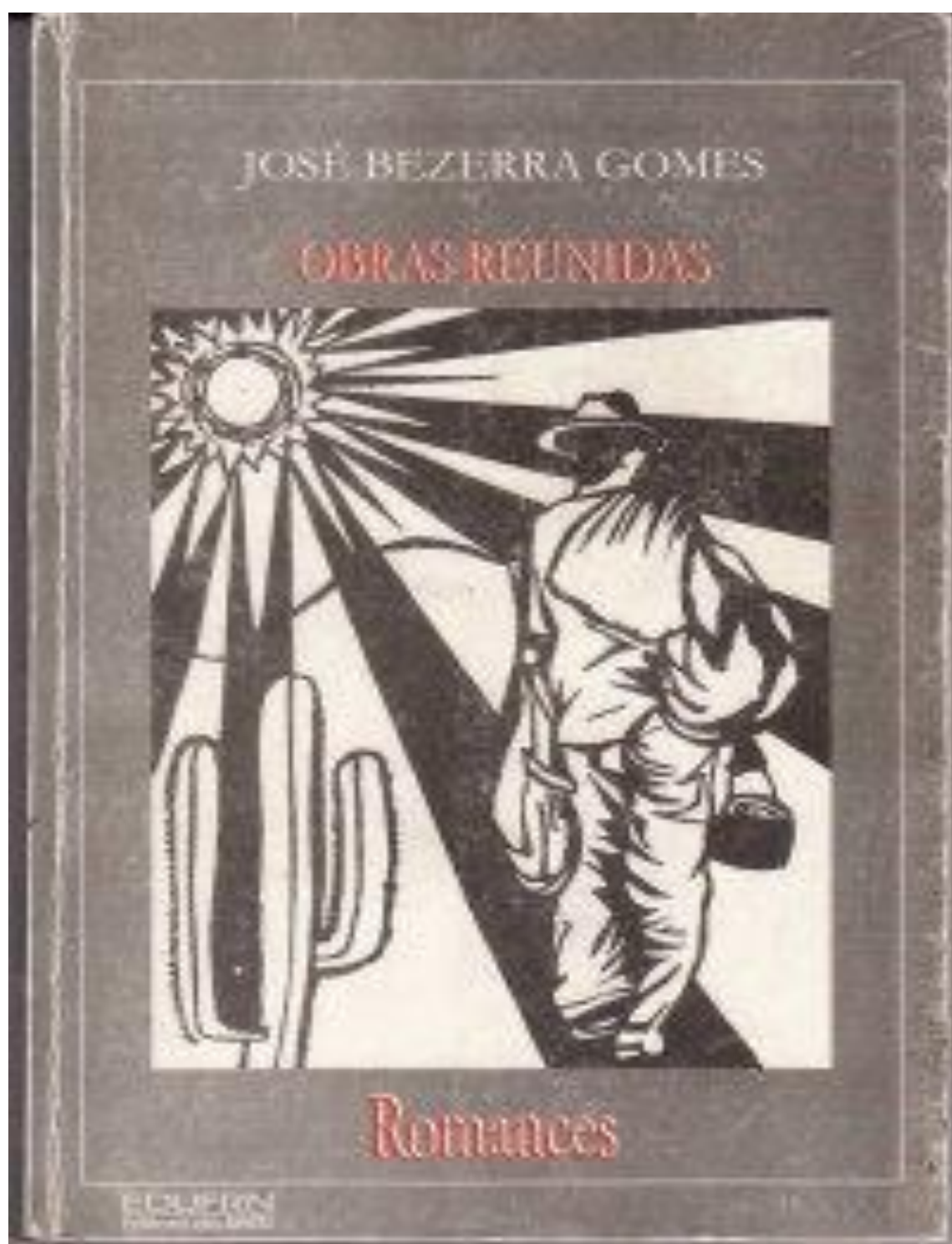
I EDIÇÃO



II EDIÇÃO



III EDIÇÃO



IV EDIÇÃO

